

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

ALGUMAS PALAVRAS
A RESPEITO DE
PÚCAROS
DE
PORTUGAL



NOVA EDIÇÃO DA REVISTA 'OCIDENTE'—LISBOA, 1957

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS

ALGUMAS PALAVRAS

A RESPEITO DE

ALGUMAS PALAVRAS

A RESPEITO DE

PÚCAROS

DE

PORTUGAL



NOVA EDIÇÃO DA REVISTA 'OCIDENTE' — LISBOA, 1907

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

ALGUMAS PALAVRAS

A RESPEITO DE

PÚCAROS

DE

PORTUGAL



NOVA EDIÇÃO DA REVISTA 'OCIDENTE'—LISBOA, 1957

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS

50905 @5

B. N. L.
DEPOSITO LEGAL
220247 12.XI.57

ALGUMAS PALAVRAS

A DESENHO DE

PÚCAROS

DE

PORTUGAL





EXPLICAÇÃO PRÉVIA



meu Ensaio sobre *Púcaros de Portugal* saiu pela primeira vez em 1905 no Volume sexto do '*Bulletin Hispanique*' (p. 140-196), revista trimestral, que é o órgão das Faculdades de Letras de Bordéus, Tolosa e mais Universidades do Sul da França.

Ideado e realizado em poucas semanas como mero Apêndice de um estudo interessante do ilustre Romanista e Hispanófilo Alfred Morel-Fatio sobre a moda da *bucarofagia*, que intensamente grassava na Espanha do século XVII, não é senão um punhado de notas soltas, relativas a barros antigos e modernos desta abençoada faixa ocidental da Península, mas sobretudo as mais humildes espécies de vasos de beber água, de-



nominados *púcaros* e *pucarinhos* — de quartilho, meio-quartilho e quarteirão.

Desprezado pelos especialistas, que com erudição e amor se ocuparam da Cerâmica Portuguesa, de faianças e porcelanas, o meu Ensaio agradou ainda assim a alguns amadores tanto daquela arte como da etnografia e linguística nacional, e inspirou mesmo um alegre e espirituoso *Diálogo*, na maneira clássica de Francisco de Moraes: Os *Púcaros*, de Matos Sequeira, na '*Atlântida*', ano IV, n.ºs 42 e 43, págs. 700-707. Desejoso de o possuir, mais de um coleccionador instou comigo reiteradas vezes, para que o publicasse em edição independente.

Meu plano era refazê-lo, completá-lo, documentá-lo, juntar-lhe como Primeira Parte a Dissertação, que o professor francês havia publicado em 1896 num Volume-Homenagem a Carl Wahlund ('*Mélanges de Philologie Romaine*'), e principalmente ilustrá-lo com abundantes gravuras como as de que falei no meio do folheto (págs. 62-71). Mas, como trabalhos muito diversos requeressem sempre a minha atenção, e também porque os *pucareiros* vão quase desaparecendo de Portugal, de sorte que se torna difícil juntar exemplares característicos, determinei finalmente reeditá-lo, conservando-lhe a forma primitiva e acrescentando apenas algumas minúcias, que no longo intervalo respigara aqui e acolá, impelida e auxiliada generosamente pelo malogrado director da Imprensa da Universidade, o Ex.^{mo} Sr. Dr. J. M. Teixeira de Carvalho.

De amostra da ilustração planeada, que finalmente me resolvi a juntar ao texto, serve como cabeçalho desta Explicação, um grupo de vasilhame pré-histórico, e outro de vasilhame grego, como cólofon. Dois quadros do

grande mestre Diego Velasquez e uma selecção de vasos de beber água fria, companheiros de uma bilha, um asado, um pote, uma cântara, e três *brinquinhos* de Vila Real, apenas dão ideia do que se poderia ter feito!

Porto, Junho, 1921.

C. M. DE V.



Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal



ORNANDO muito provável a tese de que *púcaros* e *búcaros* têm a sua pátria na Península, nos centros principais de arte árabe e mozárabe, onde na época luso-romana já existiam importantes olarias, debelo o dogma antigo das origens *americanas*, que me parece resultante de dois factores. É o primeiro o superior apreço, que os colleccionadores hispânicos de curiosidades ligavam naturalmente ao vasilhame do Novo Mundo, em parte porque realmente seria não só mais poroso, aromático e sabroso, mas também ornamentado com maior originalidade do que o europeu, em parte pela rareza e careza dos poucos exemplares, que, apesar da sua fragilidade, escaparam ilesos às tormentas e vicissitudes de seis meses de mar. Aprêço partilhado, de resto, pelos arqueólogos estrangeiros, que olhavam com interesse especial para produtos de uma indústria tão exótica, notando admirados a grande semelhança dos *búcaros* mexicanos, chamados *das Índias*, com os vasos sâmios e aretinos das necrópoles italianas. O segundo factor é o costume dos Castelhanos de considerar Portugal como uma nesga de terra, separada *por nefas* da Espanha, e de não acreditar de boa mente que, de tão pequena e desprezível Betleem, pudesse vir alguma coisa de novo

e original¹. A inegável parecença entre púcaros pretos e vermelhos do México e os de Portugal levou-os a sentenciarem, confundindo Índia e Índia, que os introdutores e imitadores das *porcelanas* foram também introdutores e imitadores das únicas loiças de barro tosco, que, depois da era dos Descobrimentos e das Conquistas, mereceram a atenção da Europa.

Parece, todavia, que Magalotti foi o primeiro investigador que assentou, em fins do século XVII, tal opinião², já então corrente no país vizinho, colhendo-a porventura na boca do duque de Montalvo e dos outros aficionados madrilenos, que visitou. O facto de M.^{me} d'Aulnoy nem mesmo haver mencionado *búcaros* americanos não depõe contra a hipótese, pois essa viajante tratou do assunto só de passagem, sem estudo prévio³. Como os *púcaros*, que viu usados em colecções íntimas entre camareiras e damas da rainha de Espanha, ou expostos em *escaparates* de preciosidades⁴, e os exemplares, com que a brindaram, fossem todos de Portugal⁵, de Portugal as *terras sigilatas*, que viu comer, ouviu gabar e provou com repugnância⁶, de Portugal também os brinquinhos-figas (ou figuinhas), que, dependurados no pescoço e nos braços das crianças, serviam de amuleto

¹ Só de 1580 a 1640 é que as «coisas de Portugal» eram acatadas com amigável benevolência. A ciência moderna começa a arrumar felizmente com os mútuos preconceitos das duas nações.

² O italiano Magalotti esteve na Península de 1668 a 1669. Oito cartas extensas, que escreveu à Marquesa Strozzi, datadas de 1695, saíram em 1825 (Milão) na obra seguinte: *Varie Operette del Conte Lorenzo Magalotti con giunta di otto lettere su le terre odorose d'Europa e d'America dette volgarmente bucheri, ora pubblicate per la prima volta*.

³ M.^{me} d'Aulnoy, *Relation du Voyage d'Espagne*, La Haye, 1693. A viagem durou de 1678 a 1680. Sirvo-me da ed. de 1705.

⁴ *Ibid.*, vol. II, págs. 132, 142; vol. III, pág. 120.

⁵ *Ibid.*, vol. II, pág. 143.

⁶ *Ibid.*, vol. II, pág. 102.

contra o mau-olhado⁷, só fala de barros portugueses e de mais nenhum.

Posteriormente, a fama dos barros ricos de Natá e a crença de que *búcaro* era, em primeiro lugar, denominação de uma terra argilosa americana, e, só por derivação, nome de vasos e brinquinhos feitos dessa mesma argila (ou de outras, parecidas, afamadas pela sua porosidade, bom cheiro e sabor agradável), vulgarizou-se a ponto tal, que é a única que encontramos expressa nos séculos XVIII e XIX em Dicionários, Enciclopédias e tratados de arte.



No '*Dicionário*' da Academia Espanhola encontro, p. ex.: *Búcaro*: 1.º, *arcilla de América*; 2.º, *vasija hecha en América*⁸. No '*Enciclopédico*': 1.º, *arcilla que se encuentra en varias partes de América*; 2.º, *vasos hechos en América con la arcilla de dicho nombre*. Mesmo filólogos italianos, que, tendo conhecimento apenas dos *buccheri* da Campânia, lhes procuram origens gregas, seguem a mesma ordem dos significados, dizendo, p. ex.: *Bucchero, nome d'una terra rossastra di grato*

⁷ *Ibid.*, vol. II, pág. 66. «Il est venu parmi les autres femmes une manière de bourgeoise assez jolie; elle portoit son enfant sur les bras; il est d'une maigreux affreuse; il avoit plus de cent petites mains, les unes de geais, les autres de terre ciselée (*sic; sigillée*) attachées à son col et sur lui de tous côtez... Elle prétend aussi qu'il y a des magiciens qui regardent quelqu'un avec une mauvaise intention, leur donnent une langueur qui les fait devenir maigres comme des squelettes, et son enfant, m'a-t-elle dit, en est frappé; mais le remède à cela ce sont ces petites menottes qui viennent d'ordinaire de Portugal.» As figas de azeviche vêm em geral da Galiza.

⁸ Outros dizem mais desenvolvidamente: *Arcilla que se encuentra en varias partes de América y que despide, especialmente mojada, un olor agradable*.

*odore di cui si fanno vasi: e i vasi*⁹. O próprio erudito castelhano, que condensou num Manual de Arte Peninsular para o South-Kensington Museum a história e evolução da olaria medieval para *terra-cotta*, faiança e porcelana, afirma que os *búcaros* eram originariamente importados da América, especialmente do México, e têm portanto, em conta de imitações tanto os géneros de somenos valor, que eram fabricados na segunda metade do século XVII em Talavera, Ciudad Rodrigo e, porventura, em Anduxar e La Rambla, como os que na mesma época vinham de Montemor-o-Novo, Estremoz, Lisboa¹⁰.

Se um ou outro escritor liga importância à parte que os Portugueses tiveram na fabricação dos *búcaros*, é para, como já indiquei, lhes atribuir o papel de intermediários, falando de *búcaros* da Índia Portuguesa¹¹. Justi, o eminente biógrafo de Velazquez e historiador da escola de Grão-Vasco, adoptou este parecer, ao tratar do admirável quadro das *Meninas*¹², em que uma fidalguinha de sangue azul — *plus belle que l'on ne point l'amour*, apesar do extravagante traje da época — apresenta em salva de ouro um *bucarito* de barro

⁹ Vid. Zambaldi, 'Vocabolario Etimologico Italiano', 1889.

¹⁰ Depois de tratar dos barros não vidrados da Andaluzia, especialmente de Anduxar e La Rambla e dos de Talavera, destinados, como os púcaros, a refrescarem a água, Riaño continua: «It (sc. this porous pottery, unglazed earthen-ware generally used for cooling water) was imported originally from America; the greatest centre existed at Mejico.»

¹¹ Esta expressão encontra-se, por exemplo, no mesmo 'Diccionario Encyclopédico', de onde tirei a definição do vocábulo, e diz respeito a exemplares portugueses, legados ao Museu Arqueológico Nacional de Madrid pela Condessa de Oñate, juntamente com outros mexicanos.

¹² 'Diego Velazquez und sein Jahrhundert', Bonn, 1888, vol. II, página 312: «Sie reicht der Infantin auf goldner Schale Wasser in einem rothen Schälchen von bucaro, einem feinem wohlriechenden Thon der aus Ostindien kam.»

vermelho à filha de D. Filipe IV numa mesura elegantíssima¹³.

A tese nova, em pró da qual vou pugnar, a existência na Idade Média de vasos-de-beber-água, de barro toçco, não vidrado, e por isso muito poroso, os quais em Portugal eram denominados *púcaros*, desenvolve-se dos factos, que passo a relatar.

★

A olaria, planta rústica, arraigada no solo peninsular desde tempos imemoriais, mereceu atenção aos legisladores logo nas cartas constitutivas, concedidas no tempo da Reconquista a municípios nascentes, quer por senhores particulares, quer pelos primeiros Reis de Portugal. Nelas aparece frequentemente um parágrafo relativo a oleiros, proteccionista, pois isenta de impostos os fornos e armazéns de loiça de barro (juntamente com os de pão); não, porém, os de telha e tijolos, talvez por esses serem muito mais rendosos, naqueles tempos de reconstrução, em territórios privados de granito¹⁴.

¹³ O quadro, pintado no ano de 1656, representa a Infanta D. Margarida, filha de Filipe IV e D. Mariana de Áustria, na idade de cinco anos. As duas *Meninas*, cuja formosura peninsular contrasta com a germânica da Infanta e com a fealdade grotesca de bobos e anões, são D. Maria Agostinha, filha de D. Diego Sarmiento, e D. Isabel de Velasco, filha do Conde de Fuensalida.

¹⁴ Os fabricantes de «loiça de pau» também pagavam direitos da sua indústria, que é tão antiga e tradicional como a do barro. *De conças vel de vasis ligneis, deciman.* Essas *cuncas* ainda subsistem hoje com o mesmo nome, especialmente na Galiza, e juntamente com elas *masseiras*, *artesas*, *escudelas*, *gamelas*, sem falarmos do vasilhame grande de aduelas como *tonéis*, *pipas*, *barris*, *dornas*, *selhas* e *canecos*. No 'Archeólogo Português', vol. IX, pág. 68, acha-se impressa uma curiosa lista de objectos de madeira, entregues ao almoxarife de Lisboa no ano de 1257.

Claro é que esse parágrafo costuma ser de concisão extrema, empregando exclusivamente um vocábulo genérico — *olas* — para designar o vasilhame todo¹⁵.

No foral, dado em 1179 a Lisboa e igualmente às vilas vizinhas de Almada, Palmela e Alcácer, lemos p. ex.:

De tendis. Et habitadores Ulixbone habeant libere tendas, fornos panis, scilicet et ollarum.

De fornīs et telia. Et de fornos de telia dent decimam.

Na tradução de 1361: E os moradores de Lixboa aiam livremente tendas, fornos, de pam convem a saber e de ollas. E de fornos de telha dem dizima¹⁶.

Os mesmos preceitos repetem-se em muitos forais posteriores, do Sul do Reino¹⁷. No Norte, onde as condições de vida eram outras, vigoravam determinações diferentes, como se conhece do mui antigo foral, particular, de Sernancelhe (a. 1124):

O oleiro de tres cozeduras de II ollas: I grande et alia parva. Conqueiro pro illo anno inter concas et vasos XII¹⁸.

Em doações e testamentos do mesmo período, e mais ainda no direito consuetudinário, que regista o

¹⁵ *Olas* é o único termo cerâmico, que me lembro de ter lido nos Cancioneiros galego-portugueses. Por sinal, no 'Cancioneiro da Vaticana', n.º 1156, onde a *ola* aparece como vasilha em que um avaro arrecadava os seus dinheiros, e nas 'Cantigas de S. Maria', n.º 159, no sentido de *panela*.

¹⁶ 'Port. Mon. Hist.': *Leges*, pág. 412.

¹⁷ Nos forais de Santarém, Leiria, Alcobaça, Monforte, Vila Viçosa, Castro Marim (*Leges*, pág. 406, 496, 548, 670, 717, 734). Disposições parecidas existem relativas a centros cerâmicos espanhóis, como Talavera (a. 1222), Córdova (a. 1281), Xativa. Cf. Riaño, 'The Industrial Artz in Spain', Londres, 1879, pág. 163.

¹⁸ *Leges*, pág. 364.

preço legal dos principais artigos de venda e salários de mesterais, é que surgem de vez em quando alguns nomes populares de vasos de terra, de proporções grandes e medianas, de ter e acarretar água, como *infusas*¹⁹, *cântaros*, *almudes*, *asados*, ou de ir ao lume, como *panelas*²⁰. Nunca, todavia, o de vasos tão modestos, de dimensões tão restritas, preço tão vil e função tão primitiva e universal, como os copos de beber água, denominados *púcaros*.

Após a integração completa do País, as indústrias e o comércio começaram a progredir, vagarosamente embora. O tráfico interno tomava notável incremento. As feiras periódicas eram visitadas em parte por mercadores estrangeiros. Mas, somente depois do advento da segunda dinastia, levantada ao trono pela vontade do povo na revolução de 1383, é que os ofícios mecânicos ganharam influência sensível e organização apropriada. Entre os *Vinte e Quatro* mesteres privilegiados, que tinham voto na administração da capital, não faltavam os oleiros. Arregimentados com telheiros e, mais tarde, com outros especialistas, debaixo da bandeira de Santa Justa e Rufina, de Triana a par de Sevilha, tomavam parte em todas as demonstrações políticas e festividades públicas²¹.

É então que, em *Posturas* municipais, devidamente pormenorizadas, principiam a figurar *púcaros*, logo

¹⁹ Documento de Penacova, a. 1192, citado no 'Elucidario'.

²⁰ Costumes de Coimbra, a. 1145. Vid. *Leges*, pág. 744.

²¹ Vid. Oliveira Freire, 'Elementos para a historia do Municipio de Lisboa', vol. I, pág. 355, vol. V, pág. 555 e segs. Nem em todas as cidades peninsulares os oleiros eram privilegiados. Em Valência del Cid e Tarazona, por exemplo, não figuravam na Casa dos Mesteres.

com uma série de variantes derivadas, como *meios-púcaros*, *pucarinhos*, *púcaras*, *pucarinhas* ²².

Nas de Évora, centro importantíssimo de olarias mouriscas (principalmente de materiais de construção, telhas, tijolos, ladrilhos, baldosas, canos, alcatruzes), há disposições outorgadas entre 1375 e 1399 ²³ sobre vasilhame de barro: quantidades em que costumava importar cada fornada, tamanho das peças, somas por que o dono as havia de vender. Começando com a *ola* de medida normal, isto é, com o *cântaro* (de que se fabricavam oitenta de cada vez, a 20 dinheiros), o regimento sobe aos vasos mais volumosos — *cântaros taalheiros* ou *talhas* — e desce de lá aos menores — *infusas*, *asados*, *panelas* — acabando com *púcaros* de duas espécies: grandinhos para água, a seis dinheiros; menores para vinho, a três ²⁴.

Outro título das mesmas Posturas, em que se trata de medidas exactas de líquidos e sólidos, ensina como esses, de dimensões prescritas, não serviam apenas na medição do vinho «atavernado», mas também e principalmente na do mel, comprado quase sempre em porções diminutas por *meios-púcaros* ²⁵. Em outras, um pouco mais tardias, posto que ainda pertençam ao reinado de D. João I ²⁶, decreta-se não só a respeito das vasilhas citadas, mas também a respeito de potes, cal-

²² Na tabela de preços, promulgada em 1253 por D. Afonso III, riquíssima só em informações sobre o vestuário e a alimentação dos povos, nada se encontra sobre o assunto.

²³ Vid. Gabriel Pereira, '*Documentos Historicos da Cidade de Evora*', 1885-1892, págs. 127-154.

²⁴ *Ibid.*, págs. 143 e 144: *Titulo dos Oleiros*.

²⁵ *Ibid.*, pág. 132. Mel de favos, naturalmente, visto como o de açúcar de canas (melaço) só se vulgarizou do século XV em diante.

²⁶ Provavelmente de 1392.

deirões, tijelas, alguidares, alcarradas, sertãs, candeeiros²⁷. Aí são mencionadas *pucaras de tres arrateis* — digamos de litro e meio; *pucaras d'agua* — ponhamos de litro; *pucarinhas pequenas* — de meio litro; e *pucarinhos pequenos para moços pequenos* — de decilitro ou quarteirão, pouco mais ou menos²⁸.



Apesar do diminuto valor material do púcaro, daí em diante não faltam informações, que patenteiem o seu valor ideal e a vasta área em que reinava, desde a cozinha dos pescadores e tripulantes do bairro de Alfama, até ao paço régio, e provam que fora erguido a estas alturas sociais, e quase a instituição nacional, em virtude das suas qualidades de frescura, tão apreciáveis em climas quentes. Autores graves contam em obras históricas casos anedóticos, que se deram com certos exemplares. Em escritos beletrísticos aparecem alusões a espécies distintas. Vejamos algumas.

O cronista de D. Dinis narra uma lenda piedosa da Rainha Santa, em estilo pouco cuidado e detestável ortografia:

Estando ha Rainha em Alemquer, muito doente de humores frios pera que hos fisiquos por meyzinha lhe mandavam beber vinho no puquaro porque bebia, ella ho nom quiz fazer;

²⁷ 'Doc. Hist. Evora', pág. 181.

²⁸ Pelas Taxas lisbonenses de 1611 conhece-se que então os púcaros normais eram de quartilho e meio-quartilho, mas que havia outros mais pequenos. Naquele tempo feliz havia aparentemente tanta abundância de leite que um púcaro de nata doce, de quartilho, custava um vintém, o de meio-quartilho dez réis! «E não a venderão em púcaros que levem menos!» Um púcaro de quartilho, cheio de nata azeda, importava em cinco réis! Vid. Oliveira Freire, vol. V, pág. 220.

[e] trazendolhe aguo para ella beber, milagrosamente se tornou duas vezes vinho no puquaro ²⁹.

Neste ensejo, o uso de barro vil na mesa dos reinantes, em lugar de ouro e prata, podia ser acto de humildade. Não já, porém, à mesa do varonil D. João II, numa ocorrência transmitida aos pósteros pelo seu jovialíssimo moço da escrivantina, Garcia de Resende, e namorada no sobrenome de *Púcaro*, que então foi dado a um fidalgo, porque, mais valente do que jeitoso, deixara cair o vaso de beber, que ia apresentar ao seu rei e senhor:

E Pero de Mello, fidalgo de sua casa, era muyto bom cavalleiro e muyto desmanhoso; e hum dia levando de beber a el Rey á mesa, hia-lhe tremendo a mão e em querendo tomar a salva, cahio-lhe o pucaro com a agoa no cham, de que ficou muyto corrido; e algũas pessoas principaes começaram a rir, e el Rey disse alto: «De que vos rides? Nunca lhe cahio a lança da mão, ainda que lhe cahisse o pucaro!» De que Pero de Mello ficou muyto contente e tornou-lhe a dar de beber ³⁰.

O autor não diz se o púcaro se fez em estilhaços. Portanto, quem quer pode duvidar, divergindo do meu

²⁹ Ruy de Pina, '*Chronica de D. Denis*', cap. 2. Na arcaica '*Vida de Santa Isabel*', composta logo depois do seu falecimento, não encontro este *Milagre*. Vid. o Relatório oficial sobre o processo de canonização (Ribeiro de Vasconcelos, '*D. Isabel de Aragão*', vol. II, pág. 578). As escrituras «antiguas e muy autenticas», a que o historiador se refere, devem portanto ser outras, talvez manuscritas, de Fernão Lopes, talvez papéis do convento de Santa Clara.

³⁰ '*Vida e Feytos del Rey D. Joam Segundo*', cap. 87. Cf. '*Hist. Geneal. da Casa Real*', vol. XII, pág. 434. Está visto que o acontecimento é narrado por causa do dito verdadeiramente régio, em todas as colecções de apotegmas. P. ex. na de Suppico, vol. I, pág. 120, o qual, de passagem, seja dito, meteu muito a miúdo a foice na seara de Melchor de Santa Cruz de Dueñas ('*Floresta Española*', Kassel, 1607).

parecer, se realmente seria de terra vil, apresentado embora em salva rica, e coberto de tampa dourada; ou, antes, todo ele de prata, como o resto da baixela³¹. Ambos os modos de servir água na corte eram usados no reinado do fausto e felicíssimo sucessor de D. João II. Quer por encomenda, quer a capricho, um ou outro dos ourives palacianos³² imitava em ouro ou em prata esmaltada, dourada e lavrada, o feitio tradicional do púcaro de barro³³.

Mais frequente era, todavia, lavrarem apenas salvas ou bacios de púcaro, e também sobrecopas artísticas e asas de ouro. Na lista das jóias e da argenteira, que uma das filhas de D. Manuel levou em dote (a. 1521), acha-se:

Hum pratel de prata, de levar púcaro, dourado de dentro et de fóra³⁴.

Huma sobre-copa d'ouro, esmaltada, que serve com púcaro³⁵.

A mesma dúvida é permitida com relação a um

³¹ Cf. Nota 107.

³² Todas ou quase todas as lindas formas tradicionais do vasilhame de barro eram imitadas pelos ourives de prata. Nos Inventários, Testamentos, Documentos de Doação, encontro de longe em longe (além dos tipos mais usados, como taças, copas, pichéis, gomis, bacios) algum cântaro, pote, atamor, barnagal, barril, tonel, tacho, e alguma ola, panela, almofia, albarrada, jarra, almarraxa de prata. Vejam p. ex. na *'Historia Genealogica da Casa Real'*, *Provas*, vol. I, pág. 574; vol. II, págs. 348, 447, 448, 449 e 451.

³³ Um, pelo menos, figura no Inventário de D. Manuel (a. 1520): «Huũ pucaro de prata bramca, com sua asa.» Vid. *'Provas'*, vol. II, página 348, e *'Archivo Histórico'*, vol. II, págs. 391 e 417.

³⁴ *'Provas'*, vol. II, pág. 449. No inventário de um Arcebispo de Braga (a. 1529) aparece um *bacio de pucaro*, redondo. Vid. Joaquim de Vasconcelos, *'Historia da Arte'*, vol. II, pág. 9.

³⁵ *'Provas'*, II, p. 348. As asas de ouro aparecem mais abaixo num púcaro de vidro.

dos vasos em que se dessedentaram os aventureiros de Alcácer-Quibir:

D. Rodrigo de Mello, filho do segundo Marques de Ferreira, foi morto por um pelouro que lhe entrou na boca no momento em que, tendo bebido agoa d'um ribeiro num pucaro, ainda estava de boca aberta, saboreando o liquido restaurador ³⁶.

Não tem já lugar com relação a El-Rei D. Sebastião. Desta vez o púcaro era bem de barro. E — nota característica, que ajuda a interpretar o silêncio até então observado por autores portugueses — é um estrangeiro que o descreve, surpreendido por ver o que nunca tinha visto: na mesa de um monarca, no meio de argenteria luxuosa, um vaso tão plebeu. Seu nome é João Baptista Venturini, secretário do legado pontifício Miguel Bonelli, Cardeal Alexandrino, que fora enviado por Pio V, seu tio, a Portugal, com a missão de ultimar os desposórios de D. Sebastião com Margarida de Valois (a. 1571) ³⁷.

Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata, cheio d'agua ³⁸, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de urna antiga, d'altura d'um palmo e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam barro d'Estremoz, pelo qual bebeu seis vezes.

³⁶ Vid. Jerónimo de Mendonça, '*Jornada de Africa*', vol. I, cap, 6.

³⁷ Ainda não foi publicado o texto italiano da relação de viagem (Cód. Vat. 1607 e Dresd. F. 128). A tradução portugueza é de Alexandre Herculano, e encontra-se no '*Panorama*', vol. V, pág. 184, e nos '*Opusculos*', tomo VI, pág. 89.

³⁸ Fraco gosto, se o viajante italiano falou verdade. Talvez houvesse dentro da vasilha de prata, que viu, outra de barro poroso: cântaro ou atanon, como o que ainda veremos figurar na mesa do Príncipe D. Afonso, filho de D. João II.

Na descrição dessa terra clássica de pucarinhos, cantarinhas e bilhas, o italiano refere-se novamente ao barro,

do qual fazem diversos vasos muito lindos, e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e o proprio rei ³⁹.

A fama da loiça de Estremoz é, todavia, muito mais antiga. Já havia transposto as fronteiras na primeira metade do século XVI, o mais tardar. Um anónimo, familiar do Arcebispo de Lisboa, com o qual teve de acompanhar a noiva de Filipe II a Castela (a. 1543), descreveu a jornada, assentando as suas impressões em linguagem desafectada. Chegado a Estremoz, julgou do seu dever exaltar a formosura das raparigas da vila muito acima da, segundo ele, demasiadamente apregoada dos púcaros de barro e dos almofarizes de mármore. É este propósito, salvo erro, que lhe inspirou as palavras:

Nesta villa ha muitas moças fermosas e em boa quantidade; porque se os graes e os pucaros sam formosos, mais merecem as molheres ⁴⁰.

Ignoro se a princesa D. Maria, neta de D. Manuel, levava então consigo espécimes de loiça pátria, como complemento indispensável das pratas e porcelanas e dos estofos, que constituíam o enxoval do costume, e se por acaso D. Carlos, seu único e malgrado filho, mataria a sede, nos seus acessos febris, em púcaros de Portugal, cheios de neve da serra, à moda de Castela.

³⁹ Vid. Alex. Herc., 'Opusculos', vol. VI, pág. 67.

⁴⁰ 'Hist. Genealogica', Provas, vol. III, pág. 118: Diário da Jornada da Infanta D. Maria, filha de D. João III.

Certo é que, decénios antes, sua tia, a Imperatriz († 1539), filha de D. Manuel e mulher de Carlos V desde 1526, possuía uma colecçãozinha de púcaros portugueses de estimação, não de Estremoz, nem de Évora — é preciso fixar este ponto — mas de outro centro afamado da mesma região alentejana, Montemor-o-Novo⁴¹. No seu inventário estão registadas:

17 piezas de bucaros de Montemayor⁴²; otra pieza grande que es un jarro grande de Montemayor, a manera de botija; um bucaro de vidro con dos asas de oro e en el pie quatro coronas de oro, e d'esfaltado por dentro, el qual dice que dio el Conde de Nassau⁴³.

Certo é também que a filha da Imperatriz, irmã portanto de Filipe II e esposa do Príncipe D. João de Portugal, ganhou na sua pátria de adopção uma grande predilecção por esse vasilhame de refresco, e levou amostras quando, ao cabo de curtos anos, sua sina a reconduziu a Castela (1554). No seu inventário (a. 1573) estão inscritos púcaros, tanto de Montemor como de Estremoz e de Lisboa, além de alguns de proveniência espanhola⁴⁴.

⁴¹ Não disponho dos elementos precisos para verificar se realmente a indústria de Montemor precedeu a de Estremoz.

⁴² É o exemplo mais antigo da palavra *búcaro*, que posso apontar até hoje.

⁴³ O original está no Arquivo Geral de Simancas, na secção chamada da Casa Real. Devo estas notas inéditas à amizade de D. Ramón Menéndez Pidal.

⁴⁴ Riaño extractou o original sem indicar o paradeiro. A pág. 178 diz ele: «In the inventory of the effects belonging to D. Juana, the sister of Philip the Second, drawn up in 1573, *búcaros* made at Lisbon, Estremoz and Montemayor in Portugal and those of Ciudad Rodrigo and Castille are also mentioned.» Investigações, feitas a meu pedido em Simancas, não deram resultado. Talvez o documento se guardasse no Convento das Descalças de Madrid, fundação de D. Joana.

Não menos certo é que o próprio Filipe II conhecia e estimava os mimos de Estremoz, visto como, durante a sua estada em Lisboa, mandou fazer alguns para suas filhinhas Isabel e Catarina, iguais a outros, que lhe haviam servido em Madrid ou no Pardo para flores, conforme conta em cartas familiares às Infantas:

Al Calabrés he embiado á Estremoz á hazer púcaros como los en que tenia ay las flores ⁴⁵.

El Calabrés ha vuelto já d'Estremoz, aunqu'el dexa haciéndose allí los púcaros ⁴⁶.

Para findar, regressemos por um momento à corte de D. João III, cuja esposa não se envergonhava de humedecer os lábios com água contida em loiça popular.

Na época filipina, lembravam-se com saudade da sua despreziosa laboriosidade:

Idade de ouro e tempo santo quando a Raynha Dona Caterina assi era contínua no trabalhar que da secura que lhe causava o fiar tinha sempre apar de si hum púcaro com agua em que molhava os dedos ⁴⁷.



Vejamos agora certas alusões literárias a púcaros populares ⁴⁸. Contra toda a previsão, são algumas des-

⁴⁵ Gachard, *Lettres de Philippe II à ses filles*, pág. 203.

⁴⁶ *Ibid.*, pág. 207. Note-se que Filipe enviava às filhas, entre outras preciosidades da Índia portuguesa, porcelanas de espécie desconhecida.

⁴⁷ Martim Afonso de Miranda, *Tempo de agora* (1622); vol. I, pág. 106, da ed. de 1785.

⁴⁸ As quatro anedotas históricas, que citei, acham-se elegantemente narradas na *Lisboa Antiga*, de J. Castilho, vol. III, págs. 20-22, repositório abundante de notícias curiosas, o qual muito ganharia, se se lhe adicionasse um bom índice de matérias.

tas que nos irão ministrar indicações precisas a respeito da fisionomia peculiar com que a notável evolução das artes plásticas havia dotado o humilde copo de terra na era do Renascimento.



Primeiro, direi que nos *Autos* de Gil Vicente, em que abundam, como todos sabem, os materiais etnológicos, encontro o púcaro só uma vez, e sem particularização notável. É no afamado e discutido *Auto da Feira*, — representado em Lisboa, no Natal ⁴⁹ de 1528, em que Roma vem mercadejar em Portugal — que uma das mal-maridadas, cheia de fel amargo, pretende comprar *uma pucarinha pequena para mel* ⁵⁰, ao passo que a outra procura

sombrieros de palma
muito bôs pera segar
e tapadas pera a calma.

A primeira e mais valiosa referênciã a um púcaro ornamentado, que conheço, faz parte de um dos Diálogos de Francisco de Moraes, autor do *'Palmeirim de Inglaterra'* ⁵¹. Uma mulher do povo, regateira na Ribeira de Lisboa, está disposta a casar com um seu antigo namorado, moço de estribeira, recém-chegado de Flandres. E gaba-lhe, retrospectivamente, mas com a mira no futuro, os encantos da sua casinha, no bairro

⁴⁹ Vid. Braamcamp, *'Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança'*, pág. 186.

⁵⁰ Ed. de Hamburgo, vol. I, pág. 175.

⁵¹ Moraes morreu provavelmente no ano de 1572. Não há meio de apurar a data da composição dos *Dialogos*.

marítimo de Alfama. Entre outros arranjos primorosos, louva a sua *cantareira*, vão de parede sem porta, em que era costume resguardar as indispensáveis vasilhas, a saber: uma talha grande, bojuda, para depósito de água; outra menor, para ser levada à fonte, acompanhada em geral do púcaro, preso na asa com um cordel; e, além disso, algum exemplar solto para regalo das visitas, emborcado sobre um pratel⁵². Esse tal seria o de cunho artístico:

... que como determinava receber-vos por marido, me esmerava em tudo, tendo a minha cantareira alva como a neve⁵³, e talhas vermelhas como sangue, postas nela; [e] púcaro d'Estremoz, *pedrado por dentro, com serpinha no meio*, feita do mesmo barro; e porque era antigo, dei-lhe uma cerada, parecia quase novo⁵⁴.

⁵² A *cantareira* aparece também em Gil Vicente, (vol. I, pág. 348) no *Diálogo sobre a Ressurreição*. Dentro dela há desta vez, além do *pote* para água, o pichel do azeite, vasilha para vinagre, tigelas, bacios, candeiros e panelas.

⁵³ Note-se que a expressão *limpa como cantareira d'Alfama* ou mais *caiado que cantareira d'Alfama* era proverbial. No Norte, a cantareira é às vezes substituída por um banco ou uma mesa coberta de um tapete (o *bancal*).

⁵⁴ Tirei o texto da edição medíocre de 1852. Qualquer dia conto publicar edição nova, com variantes inéditas, importantes, que todavia não alteram os passos, que para aqui treslado. Não quero contudo privar o leitor do gosto de conhecer o princípio do trecho: «Mano, a vós só quero, a vós só tenho na vontade; e ainda está por nascer a quem eu desse lenço de bretanha, de setenta reaes a vara, lavrado pelos cantos com molhos de setas de verde e encarnado, como dei a vós; no meu (leia-se: *meio*) o meu coração atravessado com muitas (que assi trazia eu o meu); e toalha de olanda para alimpardes o rosto...». O passo final diz: «e tudo coberto com seu mandil de Guiné, listrado de muitas côres, por amor do pó; prateleiro espanado, com seus bacios vidrados, e malega de Flandres, pendurada por cordel; da outra parte redoma azul, cheia de agua de frol, para vos borrifar a cabeceira da cama; papel de Santo Antonio e ramo de palma benta entre elle e a parede por vos não dar olhado.» Como remate, temos a descrição da cama, guarnecida de «cobertor de papa, novo da peça,

«Pedrado por dentro, com serpe ou cobra no fundo». A estes traços, juntemos o de a água, tocando em pedrinhas incrustadas na massa e estendidas no fundo, murmurar deliciosamente como se fervesse, evocando a ideia associativa de um regato a correr sobre seixos e areias. Quem notou este ruído sugestivo, decénios antes de Duarte Núñez de Leão e um século antes de M^{me} d'Aulnoy e de Magalotti, foi o poeta de 'Os Lusíadas', numa das *Cartas da Índia*, que o desterrado patriota escrevia em Goa (1554), em estilo metafórico, joco-sérias. Falando a um companheiro das estúrdias juvenis, presta homenagem um tanto frívola, em certa hora de recrudescência dos devaneios antigos, às Ninfas do Tejo, comparando, cheio de saudades, com as caras secas, amarelas e engelhadas das Goenses, a frescura de tez das Lisboetas.

Ora, julgae, Senhor, o que sentirá hum estomago costumado a resistir ás falsidades de hum rostinho de tauria de huma dama lisbonense, que *chia como pucarinho novo com agua*, vendo-se agora entre esta carne de salé que nenhum amor dá de si ⁵⁵.

de trezentos e sessenta reaes, assi me valha a verdade, com travesseiro lavrado de vermelho, almofadinha de frouxel porque vi que ereis mimoso, enxergão de palha debaixo para ficar mais molle; e para dormirdes a sesta, tanho de Santarem com almofadinha de guadamecim, porque é fria. Então, minha escovinha dependurada em seu prego; rabo de boi com pen-tem mettido nelle; espelho da outra parte para vos verdes; e então agua de louro para os pés; cortiça para debaixo pelos não pordes no chão; decoada para a cabeça; e rapei as unhas por vos não fazer mal quando vo-la lavasse; carapuça de emprensar, lavrada de pontinho, perfumada de alecrim; assucareiro vidrado com alfazema; caixa de marmelada de medronhos pera polas manhãs e tudo a ponto pera que a nada podesseis pôr tacha.» Quadrinho de interior, bem caracteristicamente português.

⁵⁵ Vid. edição de Juromenha, vol. V, pág. 219. A tradução de Storck *lispeln wie ein neuer Krug mit Wasser* não pode transmitir ao leitor alemão a ideia de fresquidão deliciosa, que o poeta queria evocar.

Em outra *Carta*, de Lisboa e, portanto, dos próprios tempos das estúrdias, inédita até 1903 e mesmo desde então pouco lida e apregoada, por justos motivos, o Poeta descreve à patusca certas «damas» da capital — como muito perigosas: — rostos que farão luxuriosa a própria *Lucrécia*, testa de alabastro, olhos de *mordifuge*, nariz de manteiga crua, e a boca de um vermelho tão vivo como pucarinho de Estremoz⁵⁶.

Mas outra vez Luís de Camões torna a lembrar-se dos pátrios artefactos, numa cena do *Auto de Filodemo*, escrita também em Goa, e como a *Carta* primeira no mesmo estilo, ordinariamente metafórico, que então era moda. Com relação a uma menina delicada diz:

Dionysa, mais mimosa e mais guardada do seu pae que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos não tinha feito inda o enequim; mais formosa que huma manhã de S. João; mais mansa que o Rio Tejo; mais branda que hum Soneto de Garcilaso; mais delicada que hum *pucarinho de Natal*⁵⁷.

Espécie nova que completa o nosso saber⁵⁸.

Fora disso, vejo o púcaro mencionado em *Églogas* e *Redondilhas rústicas*, como attributo imprescindível de esbeltas «moças de cântaro», que caminhando descalças

⁵⁶ Vid. Xavier da Cunha, '*Boletim das Bibliotecas e Archivos Nacionais*', Vol. III, (1904).

⁵⁷ Acto V, cena III.

⁵⁸ «Ein Wasserkrug auf dem Weihnachts-tische», com otraduz Storck, é coisa que não conheço. Melhor fora dizer: «zarter als Weihnachts-Honigkuchen.» Eu, pelo menos, estou convencida de que os pucarinhos de Natal iam cheios de mel, ou de alguma guloseima, feita de mel e ovos. Mel (rosado ou não), que vimos metido e guardado em púcaros, entra em muitos acepipes tradicionais do Natal. E o costume de o oferecer a crianças, em potinhos de barro, ainda subsiste em diversas localidades.

à fonte, ora cantando, ora chorando, têm a deita: ao longe testinhos, cada vez que, escorregando, quebram as vasilhas. Lembro, por exemplo, a inspiradora de Rodrigues Lobo, pois nos diz, como que fosse intencionalmente, que

a talha leva pedrada,
pucarinho de feição ⁵⁹.

⁵⁹ *Égloga V.* Uma dessas moças, que meio-século antes fora celebrada por Cristóvão Falcão, talvez levasse na cabeça um cântaro de Montemor:

hũa talhinha pedrada,
ou hu pedrado atanor (*Crisfal*, estr. 70).

Camões e Caminha glosaram uma cantiga que diz:

Na fonte está Leonor
lavando a talha e chorando.

D. Francisco de Portugal celebra uma Inês, *moça de cântaro*, à qual a juventude de Almada enramava portas e janelas no primeiro de Maio ('*Prisões e Solturas*', pág. 18), e uma Lianor, das que quebram o pote na fonte ('*Divinos y humanos Versos*', pág. 79). Quanto ao *atanor*, *atenor*, *tanor tenor*, *tinor*, relevemos no '*Cancioneiro Geral*', vol. II, pág. 482, a expressão *moça de tanor*, sinónima de *moça de cântaro*; *ibid.*, vol. I, página 216, a frase

bebe mais çumo de vinha
do que leva um *tenor*;

Ibid., 158, outra, que prova que tanores bojudos e rechonchudos como pucarinhas, não faltavam na mesa de D. João II, e seu malogrado filho o Príncipe D. Afonso:

e que seja rechonchã
nom ajais por maravilha,
nem que tenha redondeza;
mais o tem o *atanor*
de que bebe su' alteza
do principe nosso senhor.

E aquela *Lavradeira de Airó* que vai

polo caminho de cima
com huma talha apedrada,
pucarinho de Estremoz
em prato de porcelana ⁶⁰.

Quanto aos diversos officios domésticos do nosso biografado, notemos que, entre as finas regras de etiqueta familiar, formuladas pelo mesmo Lobo, há uma em que entra um púcaro dos grandes, cheio provavelmente de bom vinho da terra, a circular de mão em mão, fazendo as vezes do tradicional jarro ou cangirão. Na sua '*Corte na Aldeia*' ordena, com insuficiente clareza ⁶¹:

Que ninguem levante o copo ou o púcaro quando outrem o tem na mão ⁶².

Copázio do tamanho dos de vidro, que antigamente, cheios de espumosa cerveja branca, serviam em Berlim para uma família inteira?

E não esqueçamos que certos púcaros grandes — tratados de *púcaras* pelo povo — iam ao lume, fazendo as vezes da panela. Para o provar basta remeter o leitor a um bocadinho da obra espiritual '*Luz e Calor*', em que o Padre Manuel Bernardes menciona *uma púcara de sustância*, posta ao lume, para o conteúdo ser ministrado a um doente ⁶³.

⁶⁰ O '*Auto da Lavradeira de Airó*', de António de Vilas-Boas e Sampaio, foi impresso em 1678 e 1841.

⁶¹ *Dialogo*, XII.

⁶² *Levante*, no sentido de *agarre*. Não é provável que se trate de sendos púcaros, levantados e esvaziados no mesmo momento por toda a companhia.

⁶³ '*Luz e Calor*', pág. 376.

Quanto ao bom cheiro e sabor agradável dos barros portugueses, que naturalmente eu desejaria poder documentar por meio de testemunhos antigos, apenas posso assinalar uma referência vaga. O que ela demonstra é que em 1516 já havia púcaros perfumados de propósito — caçoletes ou perfumadoiros — conquanto nem sempre as espécies da composição aromática, neles queimada ou destilada a frio por damas profissionais (*de nação*), fossem perfeitas. No '*Cancioneiro Geral*' há no fim, reservado pelo coleccionador às trovas por ele compostas, umas, satíricas, em consoantes forçados, que são uma ladainha de palavrões, metáforas, figuras, destinadas a ridicularizar outro *dizedor*, o qual o havia provocado com motejos sobre a sua proverbial redondez, embora a própria pessoa dele pouco cedesse à do outro em volume e fealdade. Dando a réplica, Garcia de Resende desfia um rosário de nomes de objectos esféricos com que equipara Afonso Valente, o agressor. Entre estes há

pucarinha de Judia
em que tem rroym espécia ⁶⁴.

⁶⁴ '*Canc. Geral*', vol. III, pág. 657 *Judia* e não *Índia*, como alguém poderia imaginar, pois rima com *malvasia*, *Lombardia*, *ucharia*. Em outras trovas (vol. II, pág. 591), em que o mesmo autor diz mal das pousadas de Almeirim, promete ou agoira a um seu amigo e convidado que aí encontraria entre outros «mimos» nacionais, dignos de um anacoreta, os seguintes: no chão do aposento, *esteira do Algarve*, muito gasta; na cama, *manta do Alemtejo*, essa, nova para ser bem áspera e picante; em lugar de cadeira, *tanho de Santarem*; no lavatório, loiça vidrada muito vulgar e pouco sã e asseada:

pychel, bacios vydrados,
brancos e verdes, quebrados
... ..
o copo seraa quebrado
e albarrada tambem.

Aí mesmo se emprega, num passo ainda mais escuro, o substantivo depreciativo *bucarejo*, por ora não registado pelos lexicógrafos portugueses. A meu ver, deve ser nome de vasilha quase esférica, de pouco preço⁶⁵.

Sòmente desde o fim do século XVI — nos sessenta anos da união ibérica — é que a notoriedade de púcaros *odoríferos* e a moda viciosa da bucarofagia se manifesta em obras didácticas sobre as riquezas naturais, indústrias e costumes de Portugal, e em tratados de economia e filosofia doméstica.

O passo mais valioso de Duarte Nunes já foi aproveitado por Morel-Fatio num segundo estudo (inédito), por ser na tradução latina da '*Descrição de Portugal*', elaborada pelo Padre António de Vasconcelos⁶⁶, que Magalotti havia colhido diversas notícias exactas e fidedignas. Como, todavia, não utilizasse todas, vou tresladar o parágrafo inteiro.

⁶⁵ '*Cancioneiro Geral*', vol. III, pág. 651.

Tod' esta voss' obra feede
ha lee la, segundo vejo,
Syseiro tomado em rrede,
bucarejo.

Se vos olho por de fronte,
pareceis muy curto maço
ou gram caldeyram de fonte
e pyloto do adraço.

Camgrejo que nam vai nada
e quer soster presunçam,
pichel de mea-canada,
bilharda, bola ou bulhão.

⁶⁶ Toda a '*Descriptio Regni Lusitani*', impressa em 1621, é efectivamente versão livre, ora reduzida, ora parafraseada da obra de Duarte Nunes († 1608), a qual fora escrita em 1599 e impressa em 1610. Algumas vezes é aumentada de informações novas.

Alem destes vieiros de pedras que ha de diferentes generos, ha outros de barro fino, & de *excellente cheiro* de que se fazem pucaros & outros vasos maiores para beber & ter agoa, de muitas feições & de gentil talho, de que dam o primeiro lugar aos de Lisboa, *por o bom cheiro que de si dam a quem por elles bebe*. Outros sam após estes os de Montemoor o novo, que em cheiro lhes nam dam lugar, porque *sam pucaros que nunca sam velhos como os de outras partes: & a razão he que sam feitos de barro mui cheiroso & amassados com muitas pedrinhas*, que parece que sam tantas as pedras como o barro: dos quaes quando querem usar, os roçam primeiro com huma pedra, & assi descobrem outras mais pedras, & fica novo barro: & assi cada vez os que querem fazer novos, que tenham o cheiro que tinham quando novos, os tornam a roçar & começam apparecer outras pedrinhas. Outros pucaros ha do Sardoal de barro grosseiro & semeado de algumas pedras mais grossas que as dos de Montemoor que para o verão sam mui frescos: porque reçuma por elles a agoa por serem mui porosos & assi a esfriam mui em breve.

Ha outros da villa de Pombal quasi da mesma feiçam que tambem são mui estimados. Os pucaros de Estremoz nam se deixarão por de menos bondade. Antes sam de grande estima porque sam de hum barro tam fino & tam coado & tam liso como se fossem de vidro & *de excellente cheiro & sabor quando são novos, & em que se fazem muitas louçainhas por a fineza do barro que o consinte: dentro dos quaes se formão rãs & cobras & outros animais aquaticos, & vam semeados de pedrinhas tam miudas que parecem areia, que com humas pedras brancas mais grossas que lhes põe, em que se quebra a agoa, sam mui appraziveis: porque cada pucaro fica parecendo huma fonte*.

Pelo que se podem gabar os Portugueses que bebem as melhores agoas & pelos mais apropriados vasos para elas que todas as outras nações, onde os maiores senhores bebem a agoa por vasos de materia & de obra per que se não dignaria beber hum lavrador dos nossos⁶⁷.

⁶⁷ Vasos-de-beber-água, de metal, não eram do gosto dos peninsu-



Púcaros: 1 e 2, Vasos lusitano-romanos; 3 — Medieval (Idanha-a-Velha: Beira Baixa); 4-5, do séc. XVII e XVIII (Lisboa)



*«Brinquinhos» ou «pucarinhos» de Bisalhães
(Vila Real)*



E assim sam estes vasos taes, que os *naturaes da India & de outras partes os mandam pedir a Portugal & lhos mandam por mercadorias*. E não he de espantar fazerem os Portugueses tanto caso de baxella de simplez barro para beberem, porque (como delles screve Strabão) sam naturalmente bebedores de agoa, e por isso buscão vasos da terra para que sempre lhes pareça que bebem na mesma fonte⁶⁸.

O tradutor arredonda e explana os períodos mais toscos do original, encarecendo sobremaneira as exce-lências das argilas portuguesas.

Est siquidem in Lusitania tanta tamque varia pro locorum diversitate, ut non immerito, quae ex ea fiunt potoria, argenteis & aureis suo in munere praeferantur. Fiunt autem vasa aquaria tenuibus ita ramusculis eadem ex argilla appensis undique inumbrata, & delicatissimis effigiata imagunculis, ut plus in cera mollissima delictiores manus non effingant, in omnia scilicet cretae se accommodante natura. Alios inter qui in Lusitania fiunt urceolos, primatum tenent Olysiptonenses ob suavissimum odorem, quem potantibus emittunt.

Ab iis secundi Monte Maiore Transtagano in oppido efficiuntur, neque nativo cedunt odore Olysiptonensibus; illum siquidem recentem non amittunt, quod artificum potius operae tribuendum. Solent illi cretam dilutam lapidulis quibusdam commiscere, qui argillae crassitudine operti intus latitant aliqui, alii sparsi undique foris promicant, cum vero ex consuetudine, & usu frequenti sordescunt, urcej lapidibus perfricantur & recentem denuo colorem indicant, nec non novi se produnt lapiduli, qui recenti cum decore novum identidem praestant odorem.

lares. Terra ou ouro: *aut Caesar aut nihil*. M.^{me} d'Aulnoy, admirada de abundante e luxuosa baixela dos Grandes de Espanha, não se esqueceu de assentar esse traço nas suas Cartas. Vid. '*Relation*', vol. II, pág. 173 da ed. de 1705. Para vinho é que havia pichéis de estanho, e para ir ao lume olas de cobre, em casa dos remediados.

⁶⁸ '*Descrição do Reino de Portugal*', cap. XXIII, pág. 109 da ed. de 1785.

In oppido Sardeal aliud est, idque crassius cretae genus, quod grandioribus etiam lapidulis involutum in vasa similiter efformatur, neque ea aquae excipiendae parum commoda, ob maisculos enim immixtos lapides vas redditur in morem spongiae salebrosum, & in cavernulas aqua demissa pumicosas facilius frigescit *. His perquam similia fiunt in oppido Oliventia. Averii argilla ob naturae insitum purpurissimum & figulorem artificium, est valde celebris. In oppido Columbario eiusdem artificii efficiuntur similiter quam plurima ⁶⁹.

Consulto, & excomposito argillam toto pene orbe commendatissimam, loco ultimo reservavi. Est illa ad oppidum Estremotium colore, tenuitate, & odore suavissimo paucis (si aliquibus) conferenda; quin imo recentes inde urcei, non odore tantum, sed sapore etiam commendantur. Neque alibi figulorum ars magis desudat in elaborandis, etiam praestanti materia utensilibus, quae non minus usui, quam luxui, delitiis, inserviant & elegantiae. Illic enim eodem videbis in potorio (appreme adeo expolito, ut vitrum tersius non appareat) spiris implicitos dracones, subnatantes pisciculos, ranulas apertis rictibus spirantes, & varia artis ludibria aquatilibus illusa animalculis, albis scrupulis sunt alia veluti arenulis interpuncta, & albo incrustata lapide, quo illisa aqua & resiliens effervescit, ut fontem manu, & urceum te existimes sustinere. Quocirca se possunt merito iactare Lusitani, se aquam delicatam maxime & salubrem potioribus ebibere iucundissimis, quae a remotissimis totius orbis regionibus venalia perquiruntur, ut singulis annis ex India, & aliis ubi noscuntur, provinciis videamus appeti. Neque mirari quisquam debet Lusitanos argillam & vasa testea tanti facere, cum reliquas inter orbis nationes appellet Strabo Lusitaniam aquae bibacem, idcirco enim ex terra fictilia diligunt vasa, ut bibentes nativo videantur ex fonte aquam bibere ⁷⁰.

Para que ressalte clara a continuação da fama dos púcaros, primeiro dos de Montemor, que haviam desbancado os de Évora, depois dos de Estremoz e, em

⁶⁹ Acrescento do tradutor.

⁷⁰ 'Descriptio Regni Lusitani', ed. de 1621: Argillae diversa genera.

seguida, a dos de Lisboa, por causa do aparecimento na capital de um artista hábil, que fez valer os seus produtos individuais, vou agora apresentar mais três testemunhos escolhidos, dois de princípios, o último de meados do século XVIII. O Padre Carvalho elogia na sua '*Corografia Portuguesa*' os barros tradicionais, dizendo dos de Montemor:

...saõ muy celebrados seus búcaros de barro, semeado de pedrinhas brancas ⁷¹.

Com maior entusiasmo fala dos de Estremoz:

... tem grande trato de pannos e fábrica de odoríferos púcaros e vasos de barro, feitos de artificiosas e engenhosas formas, muy celebradas em todo o reino ⁷².

Mais explícito é o erudito médico de D. João V, Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aqui-legio medicinal* — que pelo nome não perca — obra em que se dá notícia «das águas de caldas, fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do reino de Portugal, dignos de particular memória».

A respeito dos púcaros de Estremoz, dá as informações seguintes:

«Entre tantas fontes bem se podem admitir alguns *pucaros*; e não terá grande impropriedade que, depouys de havermos dado noticia das excellentes agoas de Estremoz, nos lembremos dos seus preciosos *pucaros*, bem conhecidos, não só na Provín-

⁷¹ Ed. 1708, vol. II, pág. 431.

⁷² *Ibid.*, pág. 444. O autor conhecia telha e louça do Prado, isto é, do centro mais importante de fabrico de barros toscos no Norte de Portugal. Afirmando que era vendida em toda a província de Entre-Douro-e-Minho, acrescentava que era ordinária (*ibid.*, pág. 247).

cia do Alentejo, e em todo Portugal, mas em Castella, em Italia, e em outros Reynos para onde os levão, em que são justamente estimados; porque além de serem *bezoarticos* excedem á fermosura do cristal, senão na brancura, no gosto que dão á agoa, que por elles se bebe; lizongendo igualmente o oflato [*sic*] com o agradável cheyro do barro que, sem diligencia nem artificio, he aromatico. Os pucaros pela cor rubra, e pela sua boa forma são apraziveys aos olhos; com que recreão a mayor parte dos sentidos externos, — até o tacto senctindo a tenacidade com que o barro por glutinoso se pega aos beyços; que se o pucaro for *pequeno*, ficará suspenso, e pendente delles! — O barro he de tal natureza, que do mays fino, não só se fazem *pucaros*, e *quartos* de boa forma, mas tambem *figuras* e *brincos*, que servem de adorno e compostura das casas, no que se tem apurado muyto o primor dos Artifices, com utilidade sua. — Mas não he isto que temos dito o que nos obrigou a fallar nestes pucaros, senão o querermos que se sayba que são *bezoarticos*, por haver virtude *alexipharmica* no barro de que elles se formão...» p. 207-211 da ed. de Lisboa, 1726.

O terceiro passo é de João Baptista de Castro, e está consignado no seu excelente '*Mappa de Portugal*'. Aos factos já divulgados pelo erudito médico, como a virtude antitóxica dos barros, junta observações importantes sobre púcaros de Estremoz na Itália; e sobre púcaros de Lisboa, chamados *da Maya ou do Romão*.

Poucas terras levarão ventagem à nossa na producção dos barros finos, aptos para a fabrica de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro lugar o barro vermelho e odorifero de Estremoz de que se fazem preciosos pucaros, os quaes não só tem a galanteria de ficarem prezos e pendurados nos beiços, quando por elles se bebe, mas tem a virtude *bezoartica* e *alexifarmaca* com que se extenuão as qualidades do veneno, pelo que he bem merecida a estimação que em toda a parte logrão. Em Roma, no Museo do Padre Kirker e Bonani que se conserva no Collegio dos Padres Jesuitas os vimos com especial

recato: e em muitos gabinetes de Monsenhores e Príncipes de Italia constituem não pequeno adorno. Depois d'estes seguem-se os de Lisboa, chamados pucaros da Maia ou do Romão, feitos com suma delicadeza e formosura, especialmente aquelles a que chamão «de aletria», de hum barro tambem odorifero, com os quaes lá lhe achou huma bella analogia o discreto Camões para comparar as formosas damas lisbonenses⁷³. Os de Montemor-o-Novo, Sardoal, Aveiro e Pombal são fabricados de barros igualmente selectos, não sendo por desprezar a loiça de barro que se fabrica na Villa das Caldas⁷⁴.

Está claro que em obras, dedicadas exclusivamente à capital, há numerosas observações sobre olarias, mas, como nenhuma encerre pormenores inéditos, deixo-as de lado⁷⁵.

⁷³ Não há meio de saber se o poeta pensava, de facto, em pucarinhos de Lisboa, ou, como Morais, nos de Estremoz.

⁷⁴ É a referência mais antiga às olarias das Caldas, que posso apontar. Certo parece, todavia, que umas jarrinhas, em poder do célebre reformador da indústria cerâmica da localidade, são da época de D. Leonor, fundadora do hospício. Cfr. Joaquim de Vasconcelos, '*A Fábrica das Faianças das Caldas da Rainha*', 1891, e José Queirós.

⁷⁵ Na '*Archeologia Artistica*', de Joaquim de Vasconcelos, vol. VI (*Francisco de Hollanda*), há uma lista de obras principais, que tratam de Lisboa. Damião de Góis ligou importância apenas às porcelanas da China. Cristóvão Rodrigues de Oliveira calculava (a. 1551) em 206 os fabricantes de louça de barro. Um anónimo coevo regista setenta fornos-tendas e dez de louça-vidrada. O Padre Duarte de Sande, que descreveu a cidade por ocasião da vinda da primeira embaixada japonesa, fala do bairro inteiro de oleiros (*As Olarias*), que se estendia ao sopé do cabeço de S. Gens, em que está Nossa Senhora do Monte. Em 1619, na entrada solene de Filipe III, os mestres reunidos documentaram o adiantamento da sua arte num arco triunfal majestoso. Já então se exportavam por mar muitas barcas de louça fina, chamada «porcelana da que se faz em Lisboa», contrafeita da China. No ano immediato, Nicolau de Oliveira registava no '*Livro das Grandezas de Lisboa*', além de 2 fornos de vidro, 8 de louça vidrada, 13 de azulejos, 10 de tijolos e telhas, 28 de uma especialidade denominada louça de Veneza, e 49 de louça de barro vermelho. Nos «Regimentos dos ofícios», reformados em 1572 por Duarte Nunes de Leão, e acrescentados até 1616, vem especificado o que deve fazer o official que



O que não deve ficar sem comentário é o facto de J. B. de Castro, iniciador neste ponto, ter identificado (em 1745) os *púcaros da Maia com os de Lisboa*, exactamente como Magalotti. Anterior a ele, conheço apenas o Marquês de Nisa, o qual, querendo obsequiar o seu correspondente, D. Vicente Nogueira, enviava-lhe em 1649, entre outras ofertas, um caixote com púcaros de Estremoz e da Maia. O único especialista, que modernamente se ocupou, do ponto de vista cerâmico, desses artefactos, outrora tão afamados, não aproveitou esses trechos. Apenas apontou ⁷⁶ uma indicação coeva, na *'Pauta do Consulado da Casa da Índia'*, de 1744, e uma alusão numa comédia vulgar, síncrona (1743) ⁷⁷. E, como em ambas essas fontes os púcaros da Maia apareçam de mãos dadas com os de Estremoz, sem explicação ulterior, entendeu ser geográfico o seu título. Imaginou procedência de uma região assim chamada no Norte de Portugal ⁷⁸, conquanto nada constasse da

queira ser examinado em *loíça vermelha*, em louça verde, e em louça branca de Talavera (ms. do Arquivo Municipal de Lisboa, explorado por Sousa Viterbo, a quem devo treslados importantes, e também por Freire de Oliveira, *'Elementos'*, etc., vol. V, págs. 558, 560 e 588). As imitações das faianças de Talavera datam, portanto, do último quartel do século XVI. Severim de Faria, que em 1655 falava, nas *'Notícias de Portugal'*, da fundação da *primeira* fábrica lisbonense por um oleiro de Talavera *poucos anos ha*, ignorava as tentativas anteriores (pág. 20).

⁷⁶ Joaquim de Vasconcelos, *'Cerâmica Portuguesa'*, vol. II, pág. 38, nota 2.^a. Vid. Ramos Coelho, no *'Occidente'* de 1903 (20 de Outubro).

⁷⁷ O lance respectivo diz: *Pucaros de Estremoz ou da maia*; a comédia de cordel, de que existe um exemplar na Biblioteca da Ajuda, intitula-se: *Com o amor não ha zombar*.

⁷⁸ O lugar da Maia fica a um quilómetro ao Norte do Porto. O nome havia designado, contudo, em tempos antigos, a região inteira de Entre-Douro-e-Lima, e, posteriormente, a de Entre-Douro-e-Ave. Vid. Carvalho, *'Corografia'*, t. I, pág. 360.

suposta notoriedade dessa Maia como centro industrial, antes ou depois do momento indicado ⁷⁹. No primeiro esboço deste estudo, eu defendia a mesma opinião, comparando também púcaros da Maia com púcaros de Estremoz, púcaros de Lisboa, e outras designações semelhantes ⁸⁰, mas, à vista da harmonia entre os assentos de Magalotti, que vê no nome *da Maia* o de um oleiro — *un artefice di questo nome* — e os de Castro, que aplica aos *púcaros de Lisboa ou da Maia* a terceira marca de *púcaros do Romão*, como quem os conhecia de perto, não há, porém, que hesitar.

Os vários elogios, dispensados em comédias e nove-

⁷⁹ Debalde tentei descobrir aí vestígios de olarias. O lugar de Vila Nova da Telha nunca teve notoriedade. O de Prado, perto de Braga, que dava nome a todo o vasilhame rústico, fabricado nos distritos de Braga, Barcelos e Vila Verde (entre Cávado e Ave), nunca primou em púcaros porosos. A única especialidade, aí cultivada no século XVI, parece ter sido a de figurinhas representando tipos populares, estatuetaria hoje continuada com primor no Porto e em Vila Nova de Gaia. — Um dito célebre de Frei Bartolomeu dos Mártires, memorado por seu biógrafo, não deve faltar aqui. É o caso que, no Concílio de Trento, o santo arcebispo, aludindo à venalidade carnal dos eclesiásticos, exclamou naquele tom de sinceridade joco-séria, que é distintivo dos Portugueses: «Só em Prado conheço os que não pecam. Mas esses são de barro. Se Vossa Santidade os quiser, para cá lhe mando alguns». O que finalmente mandou vir de Portugal, não foram todavia figurinhas de barro tosco, mas loiças preciosas da Índia. Ele, servia-se de modestíssimas imitações: «Junto da cabeceira no chão um vaso d'água que era hũa escudella branca ordinaria de Talavera» (Fr. Luis de Sousa). Cf. Rocha Peixoto, *As Olarias do Prado*, em '*Portugalia*', I, p. 227. ss. Não devemos confundir as estatuetas populares com as artísticas a que aludi. — Modernamente, ganharam fama de finos e porosos os púcaros pretos de Vilar de Nantes (concelho de Chaves), em que os frequentadores das Pedras Salgadas costumam saborear a água.

⁸⁰ Cf. Armas de Milão, esteiras do Algarve, mantas do Alentejo, tanhos de Santarém, porcelanas da Índia, copos de Málaga, alcarrazas de Zamora, louça das Caldas, louça do Prado, de Sacavém, de Talavera, de Sevilha, de Triana.

las castelhanas, no primeiro terço do século XVII, a *barros* ou *búcaros de la Maya*, provam a sua antiguidade, desconhecida embora em Portugal. Os jazigos da «bem-aventurada e paradisíaca» terra, de que eram feitas as espécies apelidadas «de aletria», as de cambráia, de olanda, de filigrana, de palha, de herva, etc., gabadas por Lope, Tirso, Quevedo, Argensola, Calderon, e mais tarde por Magalotti, não os podemos procurar de modo algum além do Douro, mas sim no próprio «Monte» da capital, no sítio das *Olarias* meio mouriscas ⁸¹ onde, segundo o testemunho do Padre Duarte de Sande, já em 1584 se trabalhava «com muita perfeição loiça de barro, por ser o de Lisboa muito bom para taes obras» ⁸².

A confirmar os ditos dos estrangeiros, apurei o testemunho de pelo menos um português contemporâneo: o grande polígrafo D. Francisco Manuel de Melo, cujas obras ligeiras são um manancial abundante de notícias folclóricas. Este menciona a extrema leveza e fragilidade dos barros da Maia, juntamente com a finura dos de Estremoz, e refere-se à bucarofagia, na sua *Feira dos Anexins*. Um amante desprezado, falando de amores passados e da extrema delicadeza da sua galantaria, diz no estilo de Morais e Camões:

⁸¹ Entre os ofícios mecânicos, preferidos pelos orientais, o de oleiro era o principal.

⁸² 'De Missione Legatorum Iaponensium', 1950, vertido para português no 'Archivo Pittoresco', VI, p. 92. Relativas às Olarias antigas de Lisboa (Monte de S. Gens, Rua da Bombarda, Calçada do Forno de Tijolo, etc.), há indicações valiosas num artigo de Pedro A. de Azevedo, *Topografia Histórica de Lisboa: Do Areeiro à Mouraria*, publicado no 'Archeólogo Português', vol. V, 212 ss 269 ss.

Debalde procurei nos livros de cerâmica, citados no princípio deste Estudo, novos esclarecimentos a esse respeito.

... e eu (que fui *barro de Stremoz*, por onde a sua esqui-
vança bebia finezas, e tão fino que só depois de ter terra nos
olhos deixaria de querer-lhe) havia de experimentar *fragilida-
des de barro da Maia* em sua firmeza? Se lhe desse em *comer
barro*, de qual podia gostar melhor que de mim ⁸³?

Há mais e melhor, porém. Se a moda de *comer barro*
entrou tarde na última Thule, e nunca tomou grande
desenvolvimento, conservou-se por bastante tempo na
capital, ligada aparentemente aos mimos de barro, que
saíam da oficina do Romão. Uma breve citação dos
púcaros da Maia, ao par das tradicionais esteiras do
Algarve, numa comédia de cordel, impressa em 1786,
tem valor apenas pela data ⁸⁴. Outra, longa, que vou
reproduzir — quase ilegível por causa do estilo difuso
— contém, além de vários pormenores, não para des-
prezar para quem pretende instruir-se nos usos e cos-
tumes dos Portugueses na aurora do século XIX, um
traço altamente característico e elucidativo: o de os
próprios camaristas da corte terem recebido, ao entrar
de semana, um certo número de quartas e púcaros *da
Maia*, acompanhados de doces refrescantes. Certamente,
não como meros símbolos tradicionais, mas sim para
com eles desalterarem a sua muito positiva sêde. Eis
o que um português teimoso, Francisco de Figueiredo,
editor benemérito do *Theatro* de seu irmão Manuel, diz
no raríssimo volume XIV, em que toma a palavra como
comentador, falando de *omnibus et quibusdam aliis*

⁸³ Parte II, Dialogo 6: *Da Terra*. No Dialogo *Da Agua* onde pro-
curei primeiro, não encontrei coisa alguma.

⁸⁴ 'Palestra de duas vezinhas acerca dos dezestrados fins de seus
dotes em poder de seus perdularios maridos' (Lisboa, 1786). Pertence a uma
coleção de folhas volantes, guardada na Biblioteca da Ajuda, da qual
faz parte a comédia acima citada.

num acervo de notícias, de cujo feitio estrambótico dão ideia os títulos de «tumores», «sensaborias amontoadas» e «melancolias entretidas» com que ele mesmo as classifica⁸⁵.

Primeiro, relata no texto quais eram, nas famílias bem situadas, as funções das quartinhas e dos púcaros *da maia* (*sic*, com *m* minúsculo aqui e sempre). Depois dedica uma nota extensa ao *Romão*, na qual intercala anedotas sobre vários outros tipos lisboetas.

Huma *quartinha da Maia*, já cheia de agoa, cozida com raiz de escorcioneira, [e] esta mesma raiz cuberta [sc. de assucar] era o doce especifico para os doentes, e a marmelada (na sua falta): sobre huma meza ao pé huma salva de prata, vidro, ou prato da India, em que se punha emborcado hum *pucaro dos do Romão*, quem o não tinha, de prata⁸⁶...

Foi hum raro, e he ainda hoje, de quem possuimos estas quartinhas, a que se chamão *da Maia*, já adulteradas, para ter agoa, em quanto se não fazem velhas, a que nunca pude persuadir os Inglezes, pois só a querião em garrafas de crystal ou de vidro, brancas, que se quebravão a miudo, e os cópos. Foi hum oleiro que fazia huns púcaros muito delicados em diferentes figuras, como cópos, de huma massa tão delgada como os bolos que se davão nas diferentes festas dos santos fora da terra, quando se usava tambem o ramalhete com as flores da estação, e as maravalhas; e erão feitos como as bandejas de prata com figuras levantadas em meio relevo; hum cheiro muito agradável. Quando se lhe deitava a agoa, espirrava, conhecendo-se-lhe huma frescura indizível quando se bebia. Durava pouco o seu grande merecimento; em se bebendo algumas vezes por elles fazião-se velhos, perdião a côr e a graça, como succede ás quartas. Era huma cousa de luxo, de gosto e de delicadeza. Erão muito baratos, e foi até muito tarde constante no Paço o uso deste barro e dos limões doces e camoezes. Todas as per-

⁸⁵ Vid. Innocência da Silva, 'Diccionario Bibliographico', II, 366 e.

⁸⁶ *Tumor XI*, p. 33.

sonagens que entravão de semana no sabbado tinham tantas quartas e púcaros do Romão. Era cousa muito agradável e tão saborosa que muitas mulheres não acabavão de beber sem trincarem o barro e comerem: a tanto chega a extravagancia das senhoras, como dizia o célebre Preto Manoel de Passos...⁸⁷.

A casa do Romão, segundo a minha lembrança, era subindo a calçada de Agostinho Carvalho á Bombarda, logo a esquerda poucas portas. Este homem devia ganhar dinheiro proporcionalmente. Os púcaros devião ser feitos por formas, tinham consumo, era moda e luxo: hoje paninho, indispensável filó. As mulheres, digo as senhoras porcas, morrião por *comer barro*, e calça, etc., etc. Por não receberem ar novo a miudo e não fazerem exercicio, por se constiparem tirando as roupas de baeta, os bajús e as grandes capas e capotes ao domingo, hoje morrem esfalfadas por não cançarem nunca, por andarem nús nem sentirem frio, que he chance⁸⁸.



Quartinhas, isto é, cantarinhas de ter água; púcaros servindo de copos, que eram uma delícia em novos; barro delgado a ponto tal que a água, àvidamente absorvida, parecia ferver, quando deitada pela primeira vez; perfume agradável e um gosto, que incitava as damas a trincar essa terra, e talvez também os senhores camaristas, apesar dos limões doces e das camoesas com que eram mimoseados. Imitações aperfeiçoadas, de luxo, do vasilhame de Estremoz, para aficionados ricos, que não se importavam com a sua extrema fragilidade e rápida decomposição.

Vimos que Duarte Nunes e o Padre António de Vas-

⁸⁷ Suprimo aqui um curioso *excurso* relativo ao preto janota, Manoel dos Passos.

⁸⁸ P. 520. Segue sem interrupção uma nota sobre outro Romão, toureiro de officio.

concelos conheciam barros de Lisboa, cheirosos e saborosos⁸⁹, mas não os distinguiam com a denominação que nos ocupa. Se, pelo contrário, Lope de Vega a conhecia, e apreciava *búcaros* ou *barros de la Maia*, é seguro que essa lhes fora dada antes de 1635, data do seu falecimento⁹⁰. Portanto, se for certa a explicação de três testemunhas tão independentes como Melo, Figueiredo e Magalotti, que não se copiaram, houve não um único oleiro Maia, mas gerações de Maias, que cultivaram a mesma especialidade, de 1600 e tantos até 1800⁹¹? Até aqui nada de impossível. Há mesmo uma coincidência a favor da hipótese. O *Romão*, que Figueiredo nos apresenta, vivia ao lado norte-oriental da cidade, na antiga freguesia de Nossa Senhora do Monte, isto é, no bairro tradicional dos oleiros semimouriscos, na Calçada de Agostinho Carvalho, à Bombarda, subindo logo à esquerda. Aí mesmo ainda existia em 1849 uma olaria de certo Domingos Maia⁹², que posteriormente passou ao lado fronteiro, no meio da calçada, desaparecendo só depois de 1885. Digo que desapareceu, por não encontrar o seu

⁸⁹ *Sabor* pode referir-se ao próprio barro, mas também à água, nos dizeres de ambos.

⁹⁰ A *Dorotea do Fénix de España*, na qual se acham as referências, foi publicada em 1632. Creio, porém, que foi escrita muito antes de 1600.

⁹¹ Manoel de Figueiredo viveu de 1725 a 1801, Francisco de 1738 a 1822. Não se entende bem se, no acto de este redigir a nota, o oleiro Romão ainda estava vivo. Parece que sim; mas também que a moda dos púcaros havia decaído, de velha e adulterada, substituída pelo gosto de vidros e cristais.

⁹² Nesse ano, um poço, substituído hoje por uma bomba, indicava apenas de onde viera em tempos antigos a água necessária para a indústria oleira. Quem nos ministra estes pormenores é o fidelíssimo historiador da '*Lisboa Antiga*', vol. III, p. 32, já citado duas vezes.

nome no Almanaque de Lisboa de 1903 e 1904. Mas não o verifiquei *in loco* ⁹³.

Um forte senão infirma, todavia, opinião tão bem cimentada. Se os fabricantes, que deram o nome e renome aos púcaros de Lisboa, se chamavam e assinavam X. X. *Maia* ou *da Maia* ⁹⁴, a lógica exigia que o povo tratasse os seus artefactos não de púcaros ou barros *da Maia*, mas antes de púcaros e barros *do Maia* ou *dos Maias*. Como resolver o problema? Não o sei. Aventuro, todavia, uma suposição.

As loiças de barro eram vendidas por mulheres ⁹⁵. As mulheres exerciam o mister de *raspar* ou *roçar* púcaros, quando o uso os havia deslustrado ⁹⁶. Essas mulheres eram, com certeza, mais de uma vez da família dos próprios barristas. As mais hábeis até serviriam no Inverno de ajudantas nas oficinas de modelagem. Cingindo-me a um costume nacional, ainda hoje em vigor, imagino que uma linda e habilidosa mulher da tribo dos oleiros Maias, mãe ou avó do Romão, portadora do seu nome com dobrada razão por ser «garrida

⁹³ Graças à dedicação do amigo mencionado mais abaixo, sei agora que a olaria de Domingos Maia, pertencente em 1815 a Madalena Martins, a qual morreu sem deixar filhos, passou a ser a *Fábrica da Calçada*, e que o actual proprietário se chama João Félix Caldas.

⁹⁴ Ambos os apelidos são frequentes em Portugal. Entre os que pelas suas obras ganharam celebridade, lembrarei apenas o brigadeiro Manuel da Maia, delineador do aqueduto das Águas Livres (1729-1749).

⁹⁵ Todas as estatísticas o provam. O já citado Cristóvão Rodrigues de Oliveira refere, a p. 117 do seu *Summario*, que Lisboa contava no seu tempo 204 vendeiras de loiça, além de 15 que vendiam vidro.

⁹⁶ Umas treze viviam desse mester. Ao leitor, que não esteja inteirado da parte, que religiosas castelhanas tinham na confecção de búcaros, direi que, em Madrid, carmelitas do convento da Baronesa adereçavam os *comales* mexicanos, deteriorados pela viagem marítima; e que, em Santiago de Chile, outras alisavam, perfumavam, coloriam ou ornamentavam com aplicações de ouro e prata os barros de lá.

como uma Maia»⁹⁷ ou bela como uma *maja* andaluza⁹⁸ enfeitaria a capricho pucarinhos e cantarinhos, e os venderia aos fregueses, encarecendo com ditos engraçados e gentis meneios os méritos da última fornada, mostrando rosto alegre não só aos «reposteiros» do paço real e aos «peraltas» do Chiado, mas também aos escudeiros da Baixa e às regateiras de Alfama. Vejam lá: fulana Maia, linda como uma virginal rainha-Maia a vender barros tão floridos e platerescos como as árvores-maias, e isso particularmente na entrada do calor e saída da Primavera, no decantadíssimo

mes de mayo, mes de mayo,
cuando las récias calores,
cuando los toros son bravos,
los caballos corredores,
cuando los enamorados
regalan a sus amores⁹⁹.

As quartinhas¹⁰⁰ e os púcaros ou barros da Maia emparelhariam, se acertei, com o pão-trigo da Caruncha, os pastéis e os raminhos da Conceição, os pêssegos da Manca ou da Mota, e tantas outras coisinhas, bem re-

⁹⁷ Todo o mundo sabe o que são *maias*: raparigas do povo, que ricamente vestidas com enfeites, jóias e flores, figuram no mês das virgens e da Virgem, antigamente dedicado a Vénus e Baco, como rainhas de festas primaveris, que são continuação das antigas *Florálias*. Vid. 'Cancioneiro da Ajuda', *Investigações*, § 414.

⁹⁸ Na obra citada na nota anterior indico que *maja* é, a meu ver, pronuncia andaluza de *maia*.

⁹⁹ Var. de: *van a servir sus amores*.

¹⁰⁰ As quartas ou quartinhas — assim chamadas por levarem a quarta parte do pote de seis canadas — serviam para mulheres, quase sempre negras, venderem água nas ruas da capital. Talvez com o grito penetrante de *a-ú* que todos temos ouvido tantíssima vez nas ruas de Lisboa a galegos que as substituíram no século XIX.

cebidas do público por lhe serem apresentadas de modo gracioso por mãos de fadas, dignas de anéis, como lá diz o povo.

Não esqueço que na província é costume dar à pequenada, no primeiro de Maio (dia de Santiago e S. Filipe), pucarinhos cheios de amêndoas, castanhas piladas ou outras gulodices, próprias da estação, — pucarinhos que irmanam com os do Natal e também com os bolos de Todos-os-Santos, se interpreto bem os dizeres de Figueiredo. Mas isso não explica o título *da Maia*.



Com respeito não só a púcaros usados em Espanha, quer importados de Portugal ou das Índias, quer imitados em centros cerâmicos, como Talavera e Ciudad Rodrigo, mas também a exemplares levados como curiosidades dignas de apreço a Flandres e à Áustria, à França e à Itália, ora por portugueses e castelhanos, ora por viajantes estrangeiros, como M.^{me} d'Aulnoy e Magalotti, ou como boa mercancia ao Ultramar, posso aduzir três ou quatro nótulas, respigadas ao acaso, que em nada modificam a argumentação de Morel-Fatio.

Na História de Talavera, de Fr. Andrés de Torrejon ¹⁰¹, por ele extractada, e na posterior, do Padre Alfonso de Aljofrin ¹⁰², que Riaño aproveitou, são dignos de atenção, para esses fins, não sòmente os dizeres sobre perfumes propositadamente envolvidos na massa dos barros, fabricados naquele importante centro cerâmico, com o fim evidente de lisonjear o apetite das gu-

¹⁰¹ Bibl. Nac. de Madrid, F. 142.

¹⁰² *Ibid.*, G. 112.

losas e de fomentar a bucarofagia, mas também o emprego dos vocábulos *brinquiños* e *búcaros* (no último terço do século XVI). Acho igualmente curiosas as indicações sobre elementos populares nas formas e na ornamentação do vasilhame, quer tosco, quer vidrado, tirados da fauna e flora nacional, por causa da evidente semelhança com a actual loiça das Caldas da Rainha e com os púcaros de Estremoz, que Moraes nos mostrou já envelhecidos, e renovados antes de 1573 nas mãos de regateiras de Lisboa¹⁰³.

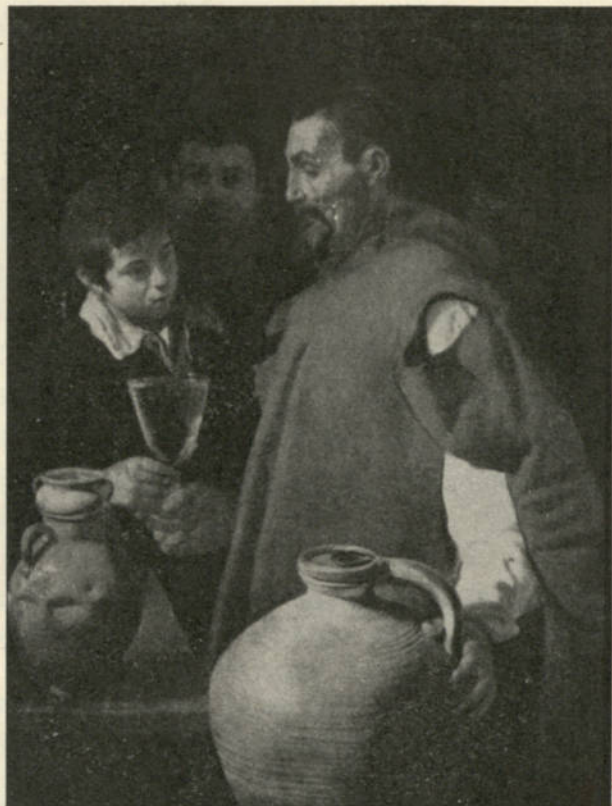
A moda de os *galanes* de Madrid terem presenteado damas da sua afeição com *búcaros* é abonada por um anónimo, num soneto a certa dama que, diferente da de Lope, aceitava e pedia «*barros de Lisboa... sino dinero*»¹⁰⁴. Basta caracterizar a tendência pelos dois versos iniciais:

Entendi que tomabas el acero,
Y veo que mejor tomas el oro.

M.^{me} d'Aulnoy, essa notou um modo extravagante de empregar *búcaros*. Numa casa de campo, a seis lé-

¹⁰³ Vid. Riaño, p. 170 e 171: «Red porous clay vases and drinking cups are baked in two other kilns, in a thousand different shapes in imitation of birds and other animals, also *brinquiños* for the use of ladies, so deliciously flavoured that after drinking the water they contained, they eat the cup in which it was brought them». — «Vases, cups, *bucaros* and *brinquiños* are made of different kinds, dishes and table centres, and imitations of snails, owls, dogs and every kind of fruits, olives and almonds» (a. 1568.) — «The red pottery made at Talavera is much to be commended, for besides the great variety of objects which they make, the different medals which they place upon them, they have invented some small *brinquiños* of so small and delicate a kind, that the ladies wear them».

¹⁰⁴ Vid. Gallardo, *Ensayo*, n.º 1052: *Cancioneiro do sec. XVII*.



O AGUADEIRO DE SEVILHA

Por *DIOGO VELASQUEZ*

guas de Madrid ¹⁰⁵, mostraram-lhe o retrato de uma jovem Infanta de Portugal ¹⁰⁶, sobre cujo enorme guarda-infante pousavam cestinhos com flores e, em lugar de *bonbonnières*, vários bucaritos, certamente para que a princesinha pudesse satisfazer, durante as sessões concedidas a algum émulo de Velázquez, a sua paixão por cheiros naturais e pelas gulodices viciosas da moda ¹⁰⁷.

Reminiscências da bizarra e selvagem bucaromania do duque de Montalto persistiram em Madrid pelo menos até meados do século XIX. Segundo informações de viajantes, como Teófilo Gautier, ainda havia em 1845, em casas particulares, gabinetes baixos, sombrios e húmidos, destinados a servirem de *buen-retiro*, refrescado pela evaporação de *búcaros* americanos ou pseudo-americanos.

Quand on veut se servir des bucaros, on en place sept ou huit sur le marbre des guéridons ou des encoignures, on les remplit d'eau et on va s'asseoir sur un canapé pour attendre qu'ils produisent leur effet et pour en savourer le plaisir avec le recueillement convenable. L'argile prend alors un teinte plus foncée, l'eau pénètre ses pores et les bucaros ne tardent pas à entrer en sueur et a répandre un parfum qui ressemble à l'odeur du plâtre mouillé ou d'une cave humide que l'on n'aurait pas ouverte depuis longtemps. Cette transpiration des bucaros est tellement abondante qu'au bout d'une heure la

¹⁰⁵ A esposa do proprietário fôra criada em Lisboa. É a ela que a viajante deve as notícias sobre coisas de Portugal contidas na sua obra.

¹⁰⁶ Filha de D. Pedro II?

¹⁰⁷ *Relation*, II, 102. «Elle avoit les cheveux coupez et frisez comme une perruque d'abbé et un guard-infant si grand qu'il avoit dessus deux corbeilles avec des fleurs et de petits vases de terre sigelée dont on mange beaucoup en Portugal et en Espagne, bien que ce soit une terre qui n'a que très peu de goût».

moitié de l'eau s'est évaporée; celle qui reste dans le vase est froide comme la glace et a contracté un goût de puis et de citerne assez nauséabond, mais qui est délicieux pour les aficionados. Une demi-douzaine de bucaros suffit pour imprégner l'air d'un boudoir d'une telle humidité qu'elle vous saisit en entrant; c'est une espèce de bain de vapeur à froid. Non contents d'en humer le parfum, d'en boire l'eau, quelques personnes mâchent de petits fragments de bucaros, les réduisent en poudre et finissent par les avaler ¹⁰⁸.

A arte de perfumá-los parece que já então não subsistia.

Com relação ao suposto americanismo ou indianismo, julguei dever recorrer pelo menos a um dos mais acreditados historiadores do Novo Mundo. Como todos os outros, D. Antonio Sólis utiliza na '*Conquista do México*' bastantes termos dos idiomas indígenas do Yucatan e México. E, embora no seu tempo eles já houvessem adquirido foros de vernaculidade na língua castelhana, não o faz sem os autenticar previamente por fórmulas como: *que llaman — que en aquella tierra se llamaban — que alli se llamaba — que en su lengua se llamaba — que en su lengua significaba*, etc. Assim procedeu, por exemplo, com relação às canoas-*piraguas* (livro I, c. 21), às canoas-*acales* (III, 13), às esteiras-*petates* (II, 2), aos carregadores-*tamenes* (II, 9) ¹⁰⁹.

¹⁰⁸ '*Voyage en Espagne*', cap. VIII (p. 107 da ed. de 1865). «Les bucaros sont des espèces de pots en terre rouge d'Amérique, assez semblable à celle dont on fait les cheminées des pipes turques; il y en a de toutes formes et de toutes grandeurs, quelques-uns sont relevés de filets de dorure et semés de fleurs grossièrement peintes. Comme on n'en fabrique plus en Amérique, les bucaros commencent à devenir rares, et dans quelques années seront introuvables et fabuleux comme le vieux Sèvres; alors tout le monde en aura». Cf. a p. 105, as palavras entusiásticas sobre algumas *jarras* espanholas de puríssimo gosto popular.

¹⁰⁹ Cf. livro II, c. 3; III, c. 12, 13, 15, onde explica o nome de Motezuma, o do deus Teules, as danças mitotes; o ídolo Vizteilipuztli.

Ao falar do vasilhame de barro, descrevendo uma das feiras celebradas no bairro popular de Tlatelulco, aonde acudiram mercadores de todo o império de Motezuma, emprega, porém, o vocábulo *búcaros* sem explicação alguma ¹¹⁰, dando-nos deste modo a quase certeza de que os companheiros de Fernão Cortês estavam familiarizados com búcaros europeus, quando em 1519 pisaram pela primeira vez o solo do México. Mais de um Madrileno exclamaria *ay que lindos bucaritos!* — ao avistar barros vermelhos e pretos, semelhantes aos de que se haviam servido desde criança nos lares pátrios.

Eran muy de reparar los búcaros e hechuras esquisitas de finísimo barro que traían a vender — (provavelmente oleiros de Natá e Guadalaxara) — diverso en el color y en la fragrancia, de que labraban con primor extraordinario cuantas piezas e vasijas son necesarias para el servicio y el adorno de una casa, porque no usaban de oro ni de plata en sus bajillas — profusion que solo era permitida en la mesa real, y esto en días señalados ¹¹¹.

O nome *comal*, indicado em nota como equivalente mexicano de búcaro ¹¹², não poderá, todavia, servir de argumento decisivo, sem exame ulterior.

Na vasta literatura *portuguesa* relativa às Índias orientais e ao Brasil, não posso até hoje apontar passo

¹¹⁰ Livro III, c. 13. Sólis remete o leitor a Herrera na sua '*Historia general de las Indias*', obra que não pude consultar.

¹¹¹ No livro III, c. 15, Sólis fala de vasos de ouro, de cocos e conchas naturais, luxuosamente guarnecidas, que apareceram no primeiro banquete solene, dado a Cortês.

¹¹² Isso na ed. de Revilla (Paris, 1858, a p. 206) de que me sirvo. Na realidade, *comatli* talvez designasse o vasilhame de barro em geral; e depois uma espécie de prato. Os dicionários modernos registam apenas o sentido restrito de *disco muito delgado e com bordos que se usa no México para tortilhas de maiz*.

algum a respeito de barros, importados no reino. Só referências inúmeras às porcelanas preciosas, destinadas a princípio apenas para as mesas dos monarcas e vice-reis ou governadores da Índia. O que ocorre (por exemplo nas '*Cartas*' do grande Albuquerque) ¹¹³ é a palavra *poya*, que serve para designar modernamente os pães de barro com que, em três continentes, indígenas geófagos ou bucarófagos costumavam e costumam enganar estômagos famintos, estragados por uma alimentação insuficiente, tanto no Congo como no Sião, na China e Java, nas Antilhas, no México, na Guiana e Venezuela e no Brasil. Parece-me, todavia, que também este vocábulo é de origem hispano-portuguesa, não podendo de modo algum provar contágio de povos extra-europeus nos conquistadores ¹¹⁴.



A demonstração tem lacunas e defeitos sensíveis. Mas, apesar disso, creio que, avaliando os factos alegados e as descrições e alusões que coordenei, todo o leitor há-de inferir a tese esboçada na primeira página deste meu ensaio, ficando convencido de que os vasos de be-

¹¹³ Vol. I, p. 161.

¹¹⁴ *Poia* ou *poya* (em fornos de *poya*, *pão de poya*) designava antigamente em ambos os países uma contribuição, paga em pão, por quem cozia em forno alheio, quer de senhor particular, quer de uma comunidade (vid. '*Elucidario*', s. v. *poyo* e '*Diéc. Acad.*': «derecho pago en pan en el horno comun»). Em Portugal, a linguagem do povo deu a *poia* três empregos derivados: o de bolo grande e chato, feito originariamente para o fim indicado, e mais tarde para presentear alguém; o de bolo chato e grande, bem feito e formoso; e figuradamente, por também ser grande e chata, a bosta do gado vacum (*Kuh-Fladen*). Desconheço o motivo por que o fem. de *podio* (*podium*) tomou o sentido indicado. Porventura porque a oblata devia ser mais crescida do que o resto do pão? ou porque o forno comum, ou forno de aluguel, era mais alto do que os restantes?

ber água, de barro tosco, chamados *púcaros*, tanto na linguagem oficial, como na vulgar, «nasceram» espontâneamente no Portugal continental, muito antes que a era das conquistas tivesse relacionado a Europa com povos asiáticos e americanos, e mesmo antes de os filhos de D. João I haverem metido lança em África, tomando Ceuta. Creio que estarão igualmente dispostos a derivar, desses púcaros de beber água, os púcaros-caçoletes de Portugal e os *búcaros* aromáticos com que em Espanha perfumavam quartos e de que comiam bocados. Acreditarão também que as diversas espécies, exportadas para a Itália, comunicaram ali o seu nome aos antigos vasos de Arezzo, por causa da semelhança notada pelos arqueólogos. Nem negarão que no Novo Mundo as saudosas recordações dos primeiros Indiáticos, que pisaram o solo do México, transmitiram o mesmo título aos *comales* dos Aztecas e Maias (Natá e Guadalaxara) e em seguida aos de Quito, Peru, Chile e da Baía, e a quantos mais encontravam além-mar.

Ninguém poderá contestar que a terra portuguesa seja abundante em jazigos de argilas variadíssimas, em parte finas e muito plásticas, de que se fazia e faz vasilhame rústico de mil feitios e usos, de originalidade de formas tal que um conhecedor, como Jacquemart, não hesitou em dar a Portugal o título de «novo mundo da cerâmica».

Igualmente incontestável é que, entre os numerosos centros notáveis de olaria, os da região, que vai de Leiria às Caldas da Rainha, e os de Évora e Estremoz, primaram antigamente e ainda primam na actualidade sobre os outros, particularmente no fabrico de vasilhame poroso, destinado para provisões constantes ou efémeras de água e vinho: talhas de proporções

avultadas ¹¹⁵, cântaros (potes ou infusas) de volume mediano ¹¹⁶, púcaros relativamente pequenos ¹¹⁷, — todos esses três tipos com muitas subdivisões e transições ¹¹⁸.

Incontestável é também que em especial os produtos da Estremadura e do Alentejo ¹¹⁹, de Évora, Montemor, Estremoz e Lisboa, ganharam sucessivamente notoriedade, suplantados no século XVIII por Caldas da Rainha com peças decorativas, lindamente esmaltadas.

A causa desta superioridade deve estar na qualidade da matéria-prima e na longa convivência com Mouros. Estes, artistas consumados e muito práticos em tudo quanto se refere a serviços de água ¹²⁰, afinariam porventura a habilidade técnica, fecundariam a fantasia e aumentariam o tino estético dos operários, já muito adiantados, de resto, pela romanização. O clima tórrido das charnecas alentejanas e a falta de águas correntes haviam levado os colonos latinos e, porven-

¹¹⁵ Há-as de um metro e sessenta de altura, para vinho e cereais. Antigamente houve exemplares muito maiores, com abertura cujo diâmetro media um metro.

¹¹⁶ Termo-médio, de seis canadas ou doze litros.

¹¹⁷ De dois litros para baixo.

¹¹⁸ Há, como vimos, meios-cântaros e cantarinhas, quartas e quartinhas, meios-púcaros e pucarinhos.

¹¹⁹ Sardoal, Pombal, Olivença pertencem à mesma região. Aveiro e Viseu pertencem à Beira. No Algarve também há barros excelentes, por exemplo em Loulé. São menos conhecidos, todavia. Dos do norte (Viana e Prado) já falei.

¹²⁰ Na lista dos principais produtos da olaria rústica, há muitos que pelo nome denunciam origem árabe. Por exemplo, *albarrada*, *alcadeife*, *alcatruza*, *alguidar*, *aljofaina*, *almofia*, *almarraxa*, *atanor*. Em Espanha creio que há mais ainda (v. g. *alcarraza*). Ignoro se convém ligar importância ao facto de que o oleiro conservou em Portugal exclusivamente o seu nome romano, ao passo que no país vizinho, sobretudo na Andaluzia, também se chama *alfarero*. As santas padroeiras de todos os barristas hispânicos, Santa Justa e Rufina, são, de resto, filhas de um *alfarero* de Triana.

tura, já os povos lusitanos, a cuidarem com desvelo da confecção de vasos baratos, próprios para conduzir e pelo povo ¹²¹, assim como azeite e cereais ¹²². Mais abaixo conservar os dois líquidos restauradores, divinizados veremos que os vocábulos *talha*, *cântaro*, *púcaro* indicam produção, quando não origem latina dos artefactos ¹²³.

Feito de terra vil por processos rudimentares, na roda primitiva, pouco cozido e por isso extremamente frágil ¹²⁴ e barato, valendo uns míseros ceitis, o púcaro medieval tornou-se inapreciável para todos os homens de gostos simples, em virtude do condão de, graças à evaporação contínua, conservar a água sempre fresca

¹²¹ São um reflexo desse culto popular os Diálogos medievais entre *Água e Vinho*. As *laudes* do café e chá (como as do *tabaco*) são imitações muito tardias de poetas eruditos.

¹²² Não posso tratar aqui das importantes relíquias cerâmicas de civilizações anteriores à romana, nem das que se conservam desta em estações alentejanas. Os nossos conhecimentos sobre o vasilhame doméstico hispano-romano em geral acham-se condensados por Hübner no § 167 da sua '*Arqueologia en España*' (Barcelona, 1888), onde diz: «Entre os objectos de barro cozido se hão de enumerar finalmente, embora careçam em geral de ornamentação, as grandes ânforas para vinho, azeite e outros líquidos. Embora fabricados, em grande parte, em Hespanha, tão pouco mostram indícios de uma arte provincial com carácter particular. Testos de vasos encontrados em Taragona e em Portugal imitam evidentemente os barros aretinos (de Arezzo, na Toscana)». Este último asserto merece atenção. — Em 1915 foi publicado pela Comissão de Investigações Paleontológicas e Pré-históricas uma '*Memoria*' de Pedro Bosch Gimpera sobre *El Problema de la Ceramica Ibérica* (Madrid).

¹²³ *Cântaro* é greco-romano; *talha*, antigamente *tãlha*, está por *tēalha*, e vem de *tinacula*, esp. *tinaja*, de onde *tijaneria*, nome que designa a olaria; (cfr. port. *tina* (tía) e *tinha* em linguagem arcaica) e o ital. *tinello*, de que Torres Naharro tirou o título da sua *Tinelária*.

¹²⁴ Todo o mundo sabe que, apesar dessa fragilidade, a massa bem cozida é em si durável como pedra, e que fragmentos de telha e de vasilhame se encontram em quase todas as estações arqueológicas, sendo em muitas a única documentação de indústrias antigas.

e ao mesmo tempo rústicamente saborosa. A este respeito não há, positivamente, vaso algum que se lhe avante. E os portugueses, sem de modo nenhum desprezarem o suco de Baco, são grandes bebedores de água, de sobriedade tal que, pelos séculos adiante, inúmeras testemunhas lhes teceram elogios ¹²⁵.

Por isso mesmo não é de estranhar que também os abastados, incluindo os próceres da corte e os reis, se servissem de preferência de copos e taças de barro. O único ponto, que os distinguia dos pobres, consistiria, no tempo de D. Dinis como em 1800, no requinte de apenas uma pessoa beber no mesmo vaso e esta pessoa durante um único dia, quando não durante uma só refeição ¹²⁶, ao passo que em famílias, onde a economia era um dever, a púcara grande servia para todos os seus membros, durava até se quebrar e passava repetidas vezes por um renovamento artificial, logo que o uso desfazia a camada delgada de *ocre*, diminuindo-lhe a graça e frescura. Mencionei as três mulheres

¹²⁵ Não vou ampliar o de Estrabão, citado por Duarte Nunes, falando das entusiásticas paráfrases de autores portugueses, tanto do pindárico como da anedota clássica do lavrador que ofertou ao maior monarca do mundo duas mãos cheias de água. Apenas apontarei umas observações de viajantes medievais. No relatório latino dos esponsais da Infanta D. Leonor de Portugal, irmã de D. Afonso V, com o Imperador Frederico III (a. 1451), no qual procurei debalde referências a púcaros, Nicolau Lanckmann de Valckenstein notou com assombro que quase toda a família real bebia água pura mesmo em banquetes solenes (*Hist. geneal., Provas*, I, 614). Nicolau de Popielovo fez os mesmos reparos com relação a D. João II, que bebia exclusivamente água sacada do poço, sem açúcar nem espécies. Na viagem de Rozmital, escrita por Tetzels (ed. Stuttgart, p. 181), acha-se registado o costume de a mulher solteira não tocar em vinho (costume que ainda hoje está em vigor em muitas localidades da província e se estende, em algumas, mesmo às casadas). Cf. *ib.*, p. 174.

¹²⁶ Sólis refere como no México os pratos de barro serviam também uma só vez na mesa dos opulentos (Libro II, c. 15).

que na capital ganhavam, em 1551, a vida raspando ou roçando púcaros com pedras polidas¹²⁷. Apresentei também uma regateira, que substituía essa despesa pela aplicação paliativa de uma *cerada*, tendente talvez tanto a corrigir a excessiva permeabilidade e rápida decomposição do barro, como a restituir brilho e lisura à superfície¹²⁸.

Vimos alguns reinantes escolher para o seu uso pessoal púcaros de Estremoz, conquanto tivessem a sua copa guarnecidíssima de taças, albarradas, gomis e pichéis de cristal, vidro, prata e ouro, e, desde princípios do século XVI, de porcelanas da Índia. Ouvimos como na corte portuguesa idearam e realizaram a cerimónia palaciana, lindamente democrática, da entrega de uma quarta e sete pucarinhos com sete limões e camoesas aos camareiros, que entrassem de semana. Sabemos de princesas portuguesas, que, tendo de viver longe da pátria, levaram consigo ou mandaram vir posteriormente barros nacionais, introduzindo assim na corte vizinha o gosto dos púcaros¹²⁹. Só de púcaros,

¹²⁷ Duarte Nunes e o padre Vasconcelos aludem ao mesmo processo (*lapidibus perfricantur*).

¹²⁸ Quanto a *ceradas*, apenas me lembra ter lido num estudo de Manuel Rico Sinobas, publicado no '*Almanaque de El Museo de la Industria para 1873*' (a p. 138) vagas referências a vasos de barro dos séculos XV e XVI, cobertos de uma capa de cera, na qual se lavravam adornos e dourados.

¹²⁹ Na corte vizinha, mas também em outros países. Sabemo-lo ao certo de filhas e netas de D. Manuel e D. João III, como a Imperatriz D. Isabel, a Infanta D. Maria e a Princesa D. Joana. E temos motivos para supor o mesmo de D. Beatriz de Sabóia e D. Maria de Parma. — A dama, que em Bruxelas presenteou Magalotti com púcaros perfumadoiros portugueses, ou antes a mãe de D. Florência de Ulhoa, fora criada na Corte daquela Infanta D. Isabel, governadora de Flandres (1598-1633), com a qual Filipe II, seu pai, conversava nas suas cartas de Lisboa a respeito de barros de Estremoz. A marquesa de Castel Rodrigo em Madrid, a condessa de Harrach em Viena de Áustria, às quais o italiano devia

com desprezo da infinidade de artefactos de barro, correspondentes às diversas necessidades domésticas, que eram fabricados em Portugal!

Compreende-se que o humilde vaso de terra não tivesse nem tenha comumente ornamentação alguma, a não se querer tomar por tal meras impressões digitais e linhas traçadas com um bocado de cana rachada. Só quando, na era das prosperidades, o luxo crescente e o desenvolvimento da escultura e ourivesaria começaram a despertar as aptidões artísticas da nação, alguns oleiros de talento, fornecedores da corte, meteram-se não só a dar em sumo grau aos púcaros as qualidades de porosidade, lisura, brilho, bom cheiro e sabor, que os haviam tornado bem acreditados, mas também a adorná-los com decorações em relevo, alto ou baixo, tanto exterior como interiormente. Ora com medalhas, máscaras, cabeças, figuras, ora com festões, pendurados, arabescos, — motivos, que viam utilizados na baixela dos ourives de prata, os quais pela sua vez lavravam salvas e sobre-copas, suportes e asas de metal precioso, ou invólucros de filigrana, para algumas peças cerâmicas de ostentação ¹³⁰.

Quer por instinto seguro, quer guiados pelo critério de algum artista de raça, os oleiros de Estremoz deram adornos também às peças populares, e esses de cunho peculiar, inconfundível, escolhendo elementos rústicos, em harmonia com a matéria-prima e com o destino dos vasos, para que sempre evocassem directa-

favores iguais, também eram aparentadas com famílias portuguesas. Já falei da educação em Lisboa da esposa de D. Agostinho Pacheco, que transmitiu a M.^{me} d'Aulnoy noções sobre púcaros de Portugal.

¹³⁰ Púcaros de vidro, cristal, prata, serviriam para ornamentação de mesas, ou figurariam em escaparates. A moda fez reaparecer, há pouco, copos e taças de cristal metidas em invólucros de filigrana de ouro.

mente ou por associação de ideias a imagem de uma fonte natural ¹³¹. Com esse fim meteram na massa fina e leve, avidíssima de água como uma esponja, fragmentozinhos angulosos de quartzo, salpicando os vasos no fundo com outros bocados maiores, para que a água, deslizando sobre elas, murmurasse como ribeiros sobre areias e seixinhos ¹³². Outras vezes, revestiam-nos de filamentos ou plantas aquáticas de barro, imitando musgo, entre as quais se estatelavam cobrelos, rãs, sapos, lagartixas.

Depois de assim terem contentado os sentidos principais, restava agradar ao olfacto e ao gosto, para que os bebedores de água gozassem de um perfeito prazer estético nas suas frugais libações. O púcaro novo, de barro fino e poroso, quer simples, quer pedrado ou ornamentado, não só espirra, chia e rechia, como se fervesse, quando o enchem de água pela primeira vez ¹³³; no meio do ruído, exala também um fortíssimo cheiro, idêntico ao hálito divino da madre-terra batida por aguaceiros de trovoadas, hálito que é realmente de suavidade notável em climas férteis, liberalmente dotados

¹³¹ Há vasilhas de barro, de faiança, de prata, etc., chamadas *fontes*, não só para água benta, mas também para fins profanos. Vid. '*Provas*', II, 446.

¹³² Experiências casualmente feitas em exemplares grosseiros, descuidadamente fabricados, — cuja massa continha, como a pré-histórica dos «kjoekkenmoedding», mais ou menos mistura de areia, grãos de quartzo, mica branca ou espató calcário, — levariam a provocar intencionalmente esse ruído. Pode ser também que as águas provocadoras do ruído fossem minerais.

¹³³ Vid. M.^{me} d'Aulnoy, '*Relation*', II, 143: «J'en ai une grande tasse qui tient une pinte; le vin n'y vaut rien, l' eau y est excellente, il semble qu' elle bouille quand elle est dedans; au moins on la voit agitée et qui frissonne (je ne sçai si cela se peut dire), mais quand on l'y laisse un peu de tems, la tasse se vuide toute, tant cette terre est poreuse; elle sent fort bon».

de flores e ervas perfumadíssimas como Portugal ¹³⁴. Não admira que o lavrador, — e em Portugal cada um tem costela de lavrador, — erguesse o cheiro de terra molhada à craveira de aroma finíssimo, e chegasse mesmo a achar bom o sabor a barro, que o púcaro comunica à água ¹³⁵.

Embora nenhum informador o diga com relação a Portugal ¹³⁶, é de crer, — em vista da predilecção, que também todo o português tem desde o berço por cheiros aromáticos muito pronunciados, predilecção, que as espécies orientais realçaram ainda, — é de crer, digo, que os industriosos reforçassem essa qualidade natural do barro, misturando à massa qualquer essência, ou uma das composições tradicionais de que todas as senhoras de certa idade ainda hoje possuem receitas. E é lícito presumir que este processo conduziu ao fabrico de pastilhas de boca, refrigerantes e de púcaros-caçóletes. Das alusões de Garcia de Resende aos da Judia concluí que, antes de 1516, barros portugueses haviam passado de perfumadoiros naturais a perfumadoiros artificiais.

De aí à bucarofagia há só um passo. «O que cheira bem, sabe bem», é axioma culinário ¹³⁷. Sou de opinião

¹³⁴ A abundância, por exemplo, de *labiadas* cheirosas, nesta beira-mar oceânica, tem fama entre os naturalistas.

¹³⁵ Pessoalmente confesso que pertenço ao partido dos que protestam. Como M.^{me} d'Aulnoy e Th. Gautier, acho desagradabilíssimo, em *recintos fechados*, o gosto e mesmo o cheiro de terra molhada.

¹³⁶ Lembro o que Torrejon dizia dos perfumes adicionados aos barros de Talavera.

¹³⁷ A predilecção do agricultor pelo cheiro da terra molhada pode ser equiparada à do caçador por carnes de *haut-goût*. A experiência ensinou, a um, que carnes bem manidas e próximas da podridão são muito tenras, ao outro, que a água, que sabe a barro, é em geral muito fresca, o que levou ao exagero de um gostar mesmo do cheiro, que acompanha a podridão, e de o outro achar agradável mesmo o gosto do barro.

— o leitor não deixou de reparar que já entrámos no campo das conjecturas, — que alguns casos isolados de bucarofagia ou barrofagia surgiriam espontâneamente em Portugal como alhures, sem contágio de povos extra-europeus. Quem bebe em púcaros de Estremoz ou de Lisboa, prova barro sem querer, tão subtil é o pó em que ele se desfaz. A fama de que o barro adelgaça o corpo, torna pálido o rosto e diminui a fecundidade, levaria meninas vaidosas (que hoje beberiam vinagre) a trincar testinhos. De propósito, outras, cloróticas, os enguliriam, procurando neles, por instinto de salvação, os sais e o ferro, que positivamente convém assimilarem ao seu sangue, sem se importarem com o enorme e pernicioso lastro inassimilável, aduzido aos órgãos digestivos. O gosto lembrava, de resto, necessariamente o de outro barro, propinado como remédio na farmacopeia antiga, por ter, segundo a fama, propriedades tónicas adstringentes e antitóxicas muito eficazes. Já aludi ao *bolo-arménio*, *bolarménico* ou *bolo da Arménia*, importado do Oriente, em forma de pastilhas ou pães que, selados com o selo do Sultão, corriam com o título de *terra sigilata*¹³⁸. Como esta terra era bastante cara¹³⁹ e talvez não deixasse na boca, por ser untuosa, o perfume nem a frescura, que o barro pátrio lhe comunica, a moda de substituir o bolo por bocados de barro devia vingar depressa e levar à confecção de pucarinhos, bonecos em miniatura¹⁴⁰, contas de rosário,

¹³⁸ Morel-Fatio menciona as terras comestíveis de Blois.

¹³⁹ Pela Pauta do Consulado sabe-se quanto pagava de direitos (em 1744).

¹⁴⁰ Bordalo Pinheiro fez alguns, que são um primor. Outros do Prado, também muito lindos, viam-se na Exposição Cerâmica de 1901. Ainda outros, menos artísticos, representando selhas, cestinhas, canastras,

figas, e de pastilhas comestíveis de barro nacional, misturado com algumas pitadas de farinha, açúcar e espécies, como canela, cravo, noz moscada, baunilha, bergamota, cinamomo, âmbar, almíscar¹⁴¹. M^{me} d'Aulnoy confundia ou identificava cientemente os barros de Portugal com as *terras sigilatas*¹⁴², as quais provavelmente aprendera a conhecer na sua pátria, pelo menos de vista e de nome.

O costume de refrescar quartos, abobadados à moda de capelas, por evaporação de uma série de púcaros aromáticos¹⁴³, se existiu em Portugal¹⁴⁴, nunca tomou aqui as proporções a que chegou no planalto de Castela, entre o mundo elegante de Madrid, durante os seus nove meses proverbiais de inferno¹⁴⁵. Conforme indica um dos historiadores da capital e o moço da escrivaniha de D. João II, havia em Lisboa perfumadeiras de caçoletes e mulheres do povo, que perfumavam luvas.

jarras, pichéis, etc., são vendidos em Vila Real, na *feira dos pucarinhos* a que já aludi.

¹⁴¹ Num perfumadoiro, que Magalotti recebeu de presente da dama aportuguesada D. Florência Ulhoa, iam bocadinhos de púcaros e rasas de limão, com outros ingredientes.

¹⁴² 'Relation', II, 66, 133 et III, 120.

¹⁴³ Ao cair da tarde de um dia abrasador, um banho de vapor frio num quarto resfriado passageiramente pelo hálito também divino do mar, ou pelo sistema dos púcaros, talvez não seja tão desagradável como Th. Gautier supõe.

¹⁴⁴ Jacobo Sobieski (1611) louva um negociante rico de Lisboa, que lhe preparou um aposento de refresco, aromatizado com agradabilísimos perfumes. Vid. '*Viajes de Extranjeros por España y Portugal*', p. 251.

¹⁴⁵ Parte da voga, que as terras sigilatas e os barros em geral tiveram em Castela, sobretudo no sexo feminino, dentro dos conventos, explica-se por preconceitos religiosos. Considerando todas as funções corpóreas como desonestas, e tentando por este motivo restringi-las ao mínimo possível, as damas abusavam de meios opilantes, a ponto tal que os confesores, invocados porventura por médicos sensatos, tiveram de condenar costume tão prejudicial à saúde. Mas, quanto mais proibido, tanto mais cobiçado.

Freiras sem conta ocupavam-se do preparo de doçarias, mas não sei de convento algum onde o *adereçar* e perfumar de barros fosse cultivado como no das Baronezas, de Madrid e no de Santiago do Chile.

Quanto ao vício de *comer barro*, quer por gulodice, quer como pseudo-remédio, devo dizer o mesmo. Nada consta a respeito de Portugal, além do testemunho tardio de D. Francisco Manuel de Melo, Figueiredo, M.^{me} d'Aulnoy e Magalotti. O mais antigo dos quatro, — autor bilingue, literariamente muito castelhanizado, apesar do seu indubitável patriotismo, — escrevia no fim dos sessenta anos. Não repugna supor, portanto, que ambas as modas fossem importadas de Castela, entre 1580 e 1640, e por isso mesmo não arraigassem fundo, se bem que na cidade do Tejo ainda subsistissem perto de 1800.

A propagação epidémica em Castela, essa parece haver tomado início meio século antes, em consequência da introdução de búcaros e brinquinhos americanos, trazidos do Novo Mundo (Natá, Guadalaxara, Quito, Peru, Chile) nas naus dos Indiáticos, como mimo para suas esposas e filhas. Talvez em 1528, ou então na segunda volta de Fernão Cortês (1540). Como o conquistador reunisse em sua casa em Madrid uma academia de espíritos cultos e curiosos, dispostos a patrocinarem novidades exóticas, podia-se imaginar mesmo que a bucaromania tivesse irradiado desse ponto central. Um texto conheço, que, pelo menos, prova que até 1539, no império de Carlos V, búcaros do Natá não estavam vulgarizados¹⁴⁶. É na *'Arte de marear y tra-*

¹⁴⁶ Não figuravam entre as peças de luxo; e muito menos entre as de uso comum.

bajos de la Galera', de António de Guevara ¹⁴⁷, que há um parágrafo relativo ao vasilhame, em que os pobres navegantes comiam e bebiam. E diz:

Es privilegio de galera que nadie ose pedir alli para beber taza de plata, ó vidro de Venecia, ni bernegal de Cadahalso ¹⁴⁸, ni jarra de Barcelona, ni porcelana de Portugal, ni nuez de India, ni corcho de alcornoque. Y en el caso que el pasajero no metió en la galera taxa ni jarra para beber, dispensará con él el capitan que en la secudilla de palo [en] que come el remero la cocina, le den á él de beber un poco de agua ¹⁴⁹.

Note-se que o bispo de Mondoñedo cita dois artigos importados da Índia, além de outro vindo da Itália, mas nenhum búcaro ¹⁵⁰.

O profeta vale pouco na sua terra. Inúmeras vezes, objectos trazidos de longe são os que nos abrem os olhos a respeito dos que temos à mão. O apreço dado na América Central a barros aromáticos e comestíveis e o aplauso com que em Madrid foram acolhidos os de Natá, pode ter impulsionado oleiros de Talavera, — que já tratavam de imitar as porcelanas da Índia Portuguesa ¹⁵¹, — a ocuparem-se de contrafacções daquele rei dos búcaros ¹⁵², calculando que os originais eram dema-

¹⁴⁷ Sirvo-me da edição moderna (1895).

¹⁴⁸ É mais um documento a juntar aos que Riaño indica (a. p. 237 ss.), relativos ao vidro excelente fabricado em Cadalso (província de Toledo). Aponto outro na lista do enxoval de D. Beatriz de Sabóia (*'Provas'*, II, 449). Por ele vê-se que os *bernegais* ou *bernagais* eram imitados em prata.

¹⁴⁹ Cap. II (p. 53 da ed. indicada).

¹⁵⁰ *Cocos* tanto vinham das Índias orientais como das ocidentais. Havia exemplares artisticamente lavrados.

¹⁵¹ A mais antiga menção conhecida de *loiça* de Talavera com pretensões a porcelana é de 1560 (Riaño, p. 170).

¹⁵² Até hoje não conheço alusões a *búcaros de Talavera*, anteriores às de Frei Andrés de Torrejon.



*Púcaros: 1, de Barcelos (Minho);
2-4, de Bisalhães (Vila Real de
Trás-os-Montes) e Vilar de Nan-
tes (Chaves: Id.); 5-6, de Loulé
(Algarve)*



*Púcaros: 1 — de Lisboa; 2-3-5, de
Mafra (Estremadura); 4 e 6, de
Beja (Baixo Alentejo)*



*Púcaros: de Estremoz (2, 4, 6, 7 e 8) e de Nisa,
«pedrados» (1, 3 e 5): Alto Alentejo*

siadamente caros para a maioria da gente, que gosta de adoptar a última moda. Como, porém, esses búcaros lhes saíssem imperfeitos ¹⁵³, e o negócio das louças brancas resultasse, pelo contrário, muito rendoso, lembraram-se da superioridade reconhecida das argilas finas e das virtudes, até então quase desprezadas, dos púcaros de Portugal, resolvendo fomentar lá mesmo o desenvolvimento da indústria barrista; depois de 1580, bem se vê. O talaverense que, segundo Severim de Faria, montou em Lisboa o primeiro forno de porcelana branca, pode muito bem ter instigado os Maias, ou quem antes deles fosse o melhor *tinajero* de Lisboa, a aperfeiçoar os seus púcaros e as suas quartinhas, concorrendo com eles no mercado de Madrid, e estabelecendo ao mesmo tempo exportação em escala larga para o Ultramar. Está claro que, neste caso, e para desbancar o vasilhame de Montemor e Estremoz, que anteriormente havia deliciado alguns madrilenos pelas suas qualidades ingénitas de frescura, os deviam adaptar ao gosto barroco e gongórico da época, reforçando ainda a semelhança notável, que já existia entre os púcaros de Portugal e os do México, não só em leveza e porosidade, cheiro e sabor, mas também nas formas e na ornamentação plástica com relevos estampados e figuras aplicadas. Se o contrário fosse provado, isto é, se a bucarofagia já tivesse sido moda antes de 1519, exercendo-se em exemplares pátrios ¹⁵⁴, não se compreenderia por que motivos foi que a derivação da ma-

¹⁵³ Na literatura beletrística não encontrei referências a púcaros de Talavera.

¹⁵⁴ Apesar do que fica dito nas notas antecedentes, não devemos esquecer que Talavera era centro de olaria no século XIII e, por certo, nunca deixou de produzir vasilhame de barro, toscos, a par do vidrado e da loiça branca. E quantos outros centros havia!

nia para os exemplares mexicanos e os portugueses se deu tão tarde ¹⁵⁵.

★ Alguns pontos ficam por decidir. Aceitando como postulado que nas *tinajerias* de centros hispano-árabes como Córdoba ¹⁵⁶, Sevilha, Triana, Málaga, Andújar, La Rambla, Xativa, e também em Talavera e Cidade Rodrigo, etc., vasos de beber de dimensões reduzidas seriam fabricados desde o princípio, ao par de *tinajas*, *cântaros* e *alcarrazas*, ignoramos, todavia, se esses correspondiam em tudo, como artefacto e *nominalmente*, ao púcaro português. Parece que nomes árabes como *taça* e *jarra* prevaleciam. O de *púcaro* ou *búcaro*, se existia, era na literatura pouco usado.

★ Ignoramos igualmente quando foi que as *terras sigilatas* do Sultão começaram a fazer parte da medicina peninsular, preparando a futura bucarofagia, e se os introdutores eram por acaso médicos árabes. Nem tão-pouco ficou provado por meio de textos que, na falta de vasos tão apropriados ao seu fim como os púcaros do Alentejo e da Estremadura, houvesse importa-

¹⁵⁵ Recapitulando, assentemos que a primeira menção de púcaros de Portugal *em Espanha* é de 1539 (no Inventário da Imperatriz), a de búcaros de Talavera posterior a 1568, a de búcaros de Natá de perto de 1600. Verdade é que Riaño diz do búcaro a p. 178 da sua obra: «It was made in Spain as early as the 16 th century, and we constantly find Bucaros alluded to in documents of this period». Mas não cita nenhum anterior a Frei Andrés de Torrejon (que professou no ano indicado).

¹⁵⁶ Vid. 'Memorial Histórico', II, 45.

ção desses, de sorte que o vasilhame português fosse já familiar e grato ao paladar e olfacto dos Castelhanos, quando o influxo da geografia americana começou a dirigir atenção intensificada para as qualidades dos barros lusitanos, insuficientemente avaliados até o tempo dos Filipes. O facto de os conquistadores haverem aplicado o nome luso-castelhano aos *comales* dos Aztecas e a loiças parecidas de outros povos (Maias, Chilenos, etc.), denota, em todo o caso, que em 1519 conheciam *búcaros*.

Para resolver estes problemas, tornava-se preciso ler *costumes e posturas* medievais e tabelas antigas de preços, relativas aos sítios indicados¹⁵⁷, percorrer relações de viajantes anteriores a 1500¹⁵⁸, explorar a fundo os historiadores da Índia, rever os Inventários de Carlos V, dos Reis Católicos, e especialmente das princesas portuguesas, que no século XV ocuparam o trono de Castela (como a mãe da grande Isabel e a mulher de Henrique IV) e o da Áustria, como D. Leonor, a já citada mãe do Imperador Maximiliano¹⁵⁹.

E visto que alusões e descrições não são, felizmente, o único resto que ficou da bucaromania, um estudo com-

¹⁵⁷ Em Portugal não é possível realizar esta busca. Os Inventários devem estar no Arquivo de Simancas.

¹⁵⁸ Vi muitas, mas nem de longe todas quantas há.

¹⁵⁹ Já falei da relação de Lanckmann von Valckenstein. Assombrado com o luxo e as raridades africanas, que notou na corte de D. Afonso V, não teve olhos para objectos tão insignificantes como os púcaros de barro, em que o monarca e sua irmã bebiam água pura. — No Diário da viagem, escrito por Lopo de Almeida, em Cartas a el-rei, faltam igualmente referências a Estremoz, desta vez porque a Imperatriz foi por mar. — No dote da Infanta, casada com D. Fernando, pai de D. Manuel, tão-pouco as encontrei. Pode ser que púcaros pertencessem às pequenas miudezas do trem de cozinha, não especificadas ('Provas', I, 560). Como a Infanta D. Beatriz ficava em Portugal, não havia necessidade de lhe dar grande provisão de púcaros.

pleto exigiria que fossem examinados os púcaros portugueses, castelhanos e mexicanos, conservados em museus ou colecções particulares — tanto os de barro tosco, como também as imitações de faiança, vidro ¹⁶⁰, porcelana, estanho e prata — e comparados com os antigos (sâmios) de Arezzo, os etruscos da Campânia e as imitações saguntinas, a fim de estabelecer as relações de dependência entre eles ¹⁶¹.

De passagem nomeei a colecção legada pela Condessa d'Oñate ao Museu Arqueológico de Madrid, os Museus do Padre Kircher e de Bonanni, em Roma, que da mão dos Jesuítas passaram às do Estado; e podia ter apontado espécimes de Talavera, guardados no South-Kensington Museum ¹⁶², alguns barros antigos das Caldas da Rainha, que pertenceram ao grande mestre da cerâmica nacional ¹⁶³, e outros conservados em Santarém, no museu regional ¹⁶⁴.

¹⁶⁰ Especialmente as de vidro, por esse material ser o preferido para copos de beber, pela sua transparência. Todas as peças do South-Kensington-Museum, que Riaño reproduziu na obra citada (a pp. 231, 232, 237-239), existem em Portugal com ligeiras variantes, em barro preto e vermelho, tosco e vidrado. N.º 1068, 73 é com efeito um búcaro típico, se lhe tirarmos o pé e acrescentarmos uma asa. — O imediato é um moringue. O que na mesma página 236 fica à esquerda, é púcaro-jarra. A p. 233 temos as algas das Caldas da Rainha.

¹⁶¹ Lembro novamente as afirmações de Hübner, que mais acima tresladei. A grande plasticidade da matéria-prima e, por isso mesmo, ornamentações em relevo, são as características principais.

¹⁶² N.ºs 185-318, do '*Classified and Descriptive Catalogue of the Art Objects of Spain. Prod.*', de Riaño (Lond. 1872).

¹⁶³ Conforme deixei dito, Joaquim de Vasconcelos coloca-os no tempo de D. Leonor e de D. João II, isto é, em fins do século XV.

¹⁶⁴ Entre os vasos de barro vermelho, que foram achados no desaterra para a estrada, que se liga à ponte sobre o Tejo, há um com a pátina do barro de Estremoz, — espécie de taça, ou antes cantarinha, de base muito larga, com uma asa, — que parece ser do século XVII, e merece atenção. Informação de José Queirós.

Tão-pouco deviam ser omitidos os reflexos, que perduram em pinturas peninsulares: não só no retrato da Infanta de Portugal, que pelos indícios talvez se pudesse descobrir, e na admirável tela das *Meninas*, de Velázquez¹⁶⁵, mas também em diversos quadros da escola de Grão Vasco¹⁶⁶ e nuns interiores e naturezas mortas de Josefa de Óbidos¹⁶⁷. A par de representações dessas relíquias de arte, deviam figurar, como ilustrações de uma memória definitiva, tipos de púcaros fundamentalmente vulgares, de uso constante, doméstico. Como todos os dias se vendem, servem, quebram, e ininterruptamente se renovam, houve, de necessidade, entre o presente e o passado (através de sucessivas gerações de oleiros lusitanos, romanos, árabes e mozárabes, e, finalmente, de verdadeiros portugueses), ligação íntima e portanto conservação de traços e processos ances-

¹⁶⁵ Nos *Borrachos*, no *Aguadeiro de Sevilha*, e em diversas *bambochatas* do mesmo, assim como nos *Mendigos* de Murillo, encontrei apenas tinajas, cântaros, taças e jarras.

¹⁶⁶ Nos quadros dispersos pelo país vêem-se bastantes alcarrazas e albarradas lindas, mas poucas peças a que daria o título de *púcaros*. Especializarei contudo uma *Anunciação* (hoje no *Museu das Janelas Verdes*; n.º 224 do antigo *Catálogo de 1868* — Laurent, 685), porque representa uma *cantareira* completa, com diversos púcaros. — Quem procurasse com vagar, seria com certeza mais feliz. No seio das províncias, onde há riquezas valiosas, patenteadas de longe em longe em exposições arqueológicas como as de Lisboa (1851, 1858, 1882, 1895), Porto (1867, 1882, de cerâmica), Coimbra (1869), Aveiro (1882), Viana (1896), talvez se conservem exemplares característicos, saídos do espólio dos conventos. Infelizmente, na arrecadação não houve o cuidado necessário, como já foi dito por Joaquim de Vasconcelos '*Cerâmica Portuguesa*', vol. II, p. 31). Entre as cem peças, que ele viu na *Madre de Deus*, a maioria era vidrada de branco e verde.

¹⁶⁷ Pertencem ao Ex.^{mo} Sr. Braamcamp Freire, o qual, depois de tentar fotografá-los, sem conseguir resultados satisfatórios, me enviou dois desenhos lindamente feitos pelo ilustre autor da '*Lisboa Antiga*'.

trais, a despeito da evolução de exemplares privilegiados ¹⁶⁸.

Por isso, ficavam bem, ao lado dos modernos, púcaros arcaicos, dos considerados luso-romanos, que se encontram no Museu Etnológico Português, em Lisboa (Belém) ¹⁶⁹, e nos das províncias.

Púcaros de luxo não são artigos de indústria portuguesa na actualidade. Mesmo os simples deixaram de ser instituição nacional, conquanto se conservasse inalterada e prometa durar a predilecção de Portugueses e Espanhóis pela água fria como a melhor das bebidas ¹⁷⁰, e o costume não só de a buscar na fonte em cântaros de barro ¹⁷¹, mas também de a guardar neles ou de aí refrescar de noite, ao relento, a das companhias de canalização, quer filtrada, quer não. O estanho, o

¹⁶⁸ A este respeito, há observações preciosas no artigo supracitado de Rocha Peixoto sobre a loiça do Prado e a sua estatuária rústica, muito parecida na sua rude ingenuidade com a mexicana. Os processos de modelação, cozimento, alisamento, fumigação e ornamentação, são, segundo ele, puramente pré-históricos em muitos recantos das províncias. — Compare-se o que Riaño diz (p. ex. a p. 178) dos barros de Anduxar e La Rambla: «The industry remains in precisely the same state as in the time of the Arabs».

¹⁶⁹ No 'Archeólogo Português' há numerosos apontamentos sobre peças cerâmicas antigas.

¹⁷⁰ Portugueses em Espanha costumam censurar a falta de água boa e a parcimónia com que ela é repartida nos hotéis. Já no século XVI o escritor, que acompanhava a Infanta D. Maria a Valhadolide, reparou na pequenez dos potes de água, que «quatro d'elles não encheriam um pote dos das negras de Lisboa» ('Provas', vol. III, p. 166).

Mas isso não tira que viajantes extra-peninsulares achassem notável a predilecção também de Castelhanos e Andaluzes por água pura como a melhor das bebidas. Veja-se p. ex. o que Ford diz a respeito de *alcarrazas, talhas e cantareiras de madeira (talladas e talleres)* no excelente 'Hand-Book for travellers in Spain' (1845) a pp. 26 e 71.

¹⁷¹ Aguadeiros galegos carretam as águas para lavagem, etc., nas cidades em que ainda não há canalização, em canecos ou barris de pau; mas estes são esvaziados em casa em talhas de barro.

vidro, a folha de Flandres, a porcelana, o cristal, metais esmaltados, o níquel, o alumínio, reduziram sensivelmente o domínio do barro em geral. Fábricas de gelo e sorveteiras restringem o seu emprego na mesa. O adágio «para águas não há nada como o barro», já não se pode aplicar aos vasos em que se bebe.

Banidos das salas, púcaros de barro tosco vivem, contudo, nas cozinhas das classes populares, grandes consumidoras de toda a qualidade de barros, por causa da sua barateza e fácil substituição e por aparecerem tradicionalmente em cada feira e romaria ¹⁷² — posto que aí mesmo o vasilhame de metal lhes faça alguma concorrência ¹⁷³. Especialmente no Alentejo, berço a meu ver dos púcaros, onde perduram as talhas gigantes e onde vinhos, criados em barro pelo sistema antigo, estão em uso ¹⁷⁴, eles não passaram de moda e continuam a exercer a sua função primitiva, não só como «ministros» de talhas e cântaros ¹⁷⁵, como nas outras províncias, mas como vasos de beber independentes.

A fase minguante em que o púcaro entrou, já se manifesta nas definições, que lhe são dadas nos dicionários portugueses. Para os antigos, até meados do

¹⁷² Mesmo nas cidades não há mercado onde faltem.

¹⁷³ As bilhas de Estremoz e as do Prado vão hoje acompanhadas de *copos de barro*. Mas não me parece que conquistarão o lugar do cântaro e do púcaro.

¹⁷⁴ Na '*Tradição*', excelente revista mensal de etnografia portuguesa, ilustrada, particularmente dedicada ao folclore da vila de Serpa, onde se publicava, há um estudo sobre '*A olaria em Serpa*' (vol. II), que fornece amplas informações, e merece imitação em todos os centros importantes de indústrias populares.

¹⁷⁵ Verdade é que o objecto, que em regra se chama *púcaro*, tem em Serpa o nome de *cucharro*, ao passo que *púcaro* designa uma espécie de cafeteira de bico longo e estreito.

século XIX, representados por Bluteau ¹⁷⁶, Fonseca ¹⁷⁷, Morais ¹⁷⁸, Constâncio ¹⁷⁹, púcaro era o vaso típico em que se bebia. Para os modernos, como Caldas Aulete ¹⁸⁰, Cândido de Figueiredo ¹⁸¹ e o 'Dicionário do Povo' ¹⁸², o seu destino principal é extrair líquido de cântaros e talhas. Entre os dois grupos ficam Coelho e João de Deus, que, indecisos sobre o principal ofício deles, ou cônscios de que o emprego de cada vaso depende até certo ponto do arbítrio do seu dono ¹⁸³, descrevem-no apenas como «vaso de barro ou metal, de pequenas dimensões, com asa», ou «vaso com uma asa para pequenas porções de líquido» ¹⁸⁴.

¹⁷⁶ Vaso a modo de taça, em que se bebe (cyathus, crater, poculum).

¹⁷⁷ Género de vaso para beber (urceus, culullus, cyathus, poculum, aqualis).

¹⁷⁸ Vaso a modo de taça para beber.

¹⁷⁹ Vaso de barro para beber.

¹⁸⁰ Vaso com uma asa, metálico ou feito de barro, e que serve ordinariamente para tirar pequenas porções de líquido (p. ex. um púcaro de folha).

¹⁸¹ Pequeno vaso com asa, geralmente destinado a extrair líquidos de outros vasos maiores.

¹⁸² Vaso para tirar água do pote.

¹⁸³ Filipe II servia-se dos púcaros de Estremoz para flores. E, como variantes do púcaro de beber (púcaro-taça; púcaro-copo) e do púcaro colherão, de medir e haurir água, havia e há púcaros e púcaras-panelas, púcaros-jarras, púcaros-canjirões, etc.

¹⁸⁴ Num Dicionário histórico a ordem dos significados devia ser a seguinte:

1.º Antigamente, vaso de beber (em regra, água; excepcionalmente vinho), feito de barro não vidrado.

2.º Do século XV em diante, imitações feitas de barro vidrado, vidro, porcelana, metal.

3.º Nos séculos XVI, XVII, XVIII, vasos de ostentação, de barro fino ou metal precioso, ricamente ornamentados e perfumados, expostos em escaparates, ou que serviam para refrescar gabinetes pela evaporação de águas, quer simples, quer aromáticas (*búcaros*).

4.º Hoje, vaso de tirar água de outra vasilha maior, feito de barro ou folha.

Os diversos factos e trechos, citados no texto, fazem presumir que,

Quanto às formas típicas e tradicionais, é difícil estabelecê-las, enquanto faltar a sinopse ilustrativa. As descrições e alusões não ministram elementos suficientes. Venturini compara o púcaro de D. Sebastião a urnas antigas. O de Madame d'Aulnoy era uma taça em que cabia uma *pinta*. O Padre Vasconcelos classifica-os como *urceos*, *urceolos*, identificação que Bluteau impugna, preferindo *cyathus* e *crater*, além do termo genérico de *poculum*. Os dizeres de Garcia de Resende provam que os havia bojudos, quase esféricos, à moda de bules e açucareiros. Figueiredo, com um pé na era do vidro, diz que os de Romão eram *como copos*. Os autores modernos notam apenas a existência da asa, que outrora não havia sido indispensável, ao que parece ¹⁸⁵.

Como em todo o vasilhame, as formas primitivas e fundamentais deviam ser poucas, numerosíssimas porém as variantes e transições, ideadas a capricho pelo oleiro: às vezes imitações de produtos naturais (maçã, pera, romã), em geral puramente geométricas (esferas, calotas, ovais, cilindros), diferenciadas *in infinitum* por meio de suportes, gargalos, bicos, asas (de uma a oito) ou pegas e orelhas, de combinações sempre novas. Entre as que se provaram mais apropriadas e se tornaram normais distingue-se a de ânfora ou cantarinha, a de taça e a cilíndrica de copo. Todas relativamente largas na base e com uma só abertura também larga, para que se pudesse ver e tocar o fundo ¹⁸⁶.

servindo na fonte, na cozinha, nas salas, os púcaros não figuravam por costume nos lavatórios. Vasos de lavar a boca eram *copas*; e *albarradas* os jarros competentes.

¹⁸⁵ Nas fotografias, p. ex., do quadro da *Anunciação* e no das *Meninas*, as linhas não se perfilam com suficiente clareza. Seria preciso desenhar os púcaros.

¹⁸⁶ Para depósito efêmero de pequenas porções de água de beber são

Os elementos decorativos não seriam menos variados, semelhantes em parte, como já se disse, aos que do campo da arquitectura passaram à baixela de prata e ouro e posteriormente a vasos de vidro e porcelana. Sem especificar, se nos púcaros da Maia as imagens figuradas eram históricas com corpos inteiros, ou cabeças, medalhões, máscaras ou arabescos com uma fauna e flora de fantasia, ou então animalejos no estilo rústico de Estremoz, das Caldas e de Talavera, Francisco de Figueiredo observa apenas que eram feitas *por formas* e em meio relevo como nas salvas de prata. Os que Th. Gautier viu em Madrid, tinham, pelo contrário, meros filetes de ouro e flores pintadas. Ao exemplar clássico (de vidro) da Imperatriz, com pés que representavam sereias, posso juntar um, descrito na 'Dorotea', de Lope de Vega:

...dáme aquel búcaro dorado que tiene el Cupido tirando al Dios marino.

Muitos motivos perduram naturalmente, aplicados embora a peças diversas de barro, vidrado em regra. Ainda se fabricam bilhas salpicadas de fragmentos de quartzo ou pintadas de manchas brancas, que fingem pedras. Fazem-se jarras cobertas de filamentos. Aplicam-se flores, máscaras, cabeças. Há floreiras com tampas perfuradas como as dos antigos perfumadouros. Em pratos decorativos aparecem musgos, algas e répteis, muito embora, vivos, esses sejam odiados e perseguidos pela maioria do povo.

favorecidas formas, completamente fechadas em cima, com só dois orifícios laterais, guarnecidas de gargalos curtos, p. ex. nos moringues, ou com um só no meio (com gargalo esbelto, como nas bilhas).

tos fins, devem no mesmo tempo, e sobretudo, em virtude da sua natureza e racionalismo contra a sede, e adagio recommenda que não se tome a fome



MPORTANTE, como é (ou foi), na economia doméstica do Ocidente, o *púcaro* originou uma série não pequena de locuções, de que vou dizer duas palavras, passando ao campo linguístico, — locuções familiares, que falam a favor da minha tese da origem latina do vocábulo.

Uma refeição ligeira (*eine Erfrischung*), oferecida por uma dona de casa a visitas inesperadas, ou servida a convidados depois de cerimónias religiosas (casamento e baptizado) em casa particular, um comer portanto que não é jantar nem ceia, tinha em tempos passados o nome significativo de *púcaro de água*, mudado em *copo-d'água*, desde o dia em que *púcaro* começou a ser inexacto e demasiadamente vulgar. A modéstia aparentada não é portanto exagero moderno. O grande polígrafo, cujos escritos em prosa vernácula já nos serviram de mananciais de notas folclóricas, lá diz no curioso '*Guia de Casados*':

Uma cousa que *antigamente* entre as amigas se chamava *púcaro de água* passou a ser merenda e de merenda a banquete¹⁸⁷.

Quem vive familiarmente em casa alheia, à custa do dono dela, está *de casa e pucarinha* com ele¹⁸⁸. Dois que comungam nas mesmas ideias, tendo afeições iguais ou animosidades parecidas, ou que se associam para cer-

¹⁸⁷ '*Guia de casados*', p. 109. Cf. '*Arte da cozinha*', p. 193.

¹⁸⁸ Ouvi dizer *de cama e pucarinho* (por maritalmente).

tos fins, *bebem no mesmo púcaro*¹⁸⁹. Embora um golo de água seja remédio natural e nacionalíssimo contra a sede, o adágio recomenda que *Nem com toda a fome à ucha* (mod. *arca*), *nem com toda a sede ao púcaro* (ao cântaro ou ao pote)¹⁹⁰. Quem pratica alguma acção, má quase sempre, com facilidade e sem escrúpulo, *bebe-a como um púcaro de água*¹⁹¹. Quem tira nabos do púcaro, procede — salvo erro — com o egoísmo, o interesse e a gulodice de quem *tira o olho da panela*¹⁹². O provérbio que, aludindo porventura à sorte efémera dos púcaros de barro, diz *homem pobre, taça de prata, caldeira de cobre*, dirigia-se, por certo, não aos filhos do povo, mas antes ao fidalgo pouco abastado¹⁹³.

O ditado, que estabelece que *tantas vezes vai o púcaro ao poço até que lá lhe fica a asa ou o pescoço*, é mera variante algarvia do conhecidíssimo *tantas vezes vai o cântaro* (ou o cantarinho) *à fonte até que quebra* (ou até que lá fica).

Quanto a quadras, cantadas pelo vulgo, recolhi apenas as quatro seguintes, certa todavia de que existem muitas mais:

Maria, minha Maria,
meu pucarinho de tenda,
quando alguém te procura,
diz-lhe que estás de encomenda.

¹⁸⁹ A expressão *fazer panelinha com alguém* 'Feira dos Anexins', p. 199) é outro equivalente do latim *eodem poculo bibere*.

¹⁹⁰ 'Feira', p. 142.

¹⁹¹ 'Ulysippo', p. 201.

¹⁹² Vid. Haller, 'Altspanische Sprichwörten', n.º 546. Mostrei que, em algumas partes, a panela se chama *púcaro* ou *púcara*. Vid. Vieira, 'Obras', vol. IX, p. 77; Manuel Bernardes, 'Luz e calor', p. 376. Na 'Floresta', vol. II, p. 150), o mesmo autor serve-se de *púcaro de água* para traduzir o *potum aquae frigidae* do Evangelho (Matth., X, 42).

¹⁹³ Julgo que deve existir variante, que fale do *fidalgão pobre*, etc.

Que tendes no pucarinho,
menina, que tão bem cheira? —
São as lágrimas do amor,
que se vai segunda-feira!

Menina, que estás na fonte,
dá-me água, que quero beber
por um pucarinho novo,
tocadinho de amor.

Ainda hoje não fiz caldo,
nem panela pus ao lume.
Só lá tenho um pucarinho,
que levará um almude.

Também há jogos populares do *púcaro* ou da *pucarinha*. Num, o vaso de barro substitui a pela, correndo de mão em mão¹⁹⁴. No outro (all. *Topfschlagen*) uma pessoa, armada de um pau, caminha de olhos vendados uns passos contados para a frente, a fim de aí, com pancada de cego, desfazer um púcaro em testinhos¹⁹⁵.

Em Vila Real de Trás-os-Montes celebra-se anual-

¹⁹⁴ Nos cinquenta dias da Páscoa ao Espírito Santo é que a juventude das aldeias, na Beira, costuma postar-se num largo espaçoso, de dez a dez passos, para atirar-se um *púcaro rachado* ou *cântaro velho*. Quem o deixa cair, recebe uns tantos «bolos» e tem de pagar número certo de laranjas.

¹⁹⁵ O cântaro também deu ensejo a vários ditados. Já disse que a serva, que vai à fonte, é *moça de cântaro* ou *de atanor*. Só quem tiver *alma de cântaro*, isto é, miolos nenhuns, irá sem critério à arca do pão e ao pote, e escolherá, para ir buscar água, a hora em que *chover a cântaros* (respectivamente *a potes*). Nestas ocasiões é que se realiza amiúde a ameaça do anexim citado no texto: *Tanta vez vai o cântaro (o pote) à fonte, que d'uma quebra* ('Feira', p. 143), ou *Tanta vez vai o pote à fonte, até que lá fica*. — *Tanta vez va el cântaro á la fuente que dexa allá el asa o la frente* (esp.) — Ao destino tradicional das talhas alentejanas para depósito de azeite, vinho, cereais, alude o anexim humorístico: *Muito trigo tem meu pai num cântaro*.

mente, nos dias 28 e 29 de Julho, defronte da capela de S. Pedro, uma festa popular chamada *dos pucarinhos*. No número dos objectos de barro, então vendidos (da fábrica de Bisalhães), entram uns pucarinhos minúsculos — verdadeiros brinquinhos — que os elegantes oferecem às damas e que se suspendem no peito por fitinhas de cor ¹⁹⁶.



Para findar, algumas considerações etimológicas e lexicográficas que, embora só contenham minúcias, não deixam de ser instrutivas. Em Portugal, temos como forma normal *púcaro*, com *pucarinho*, *púcara*, *pucarinha* ¹⁹⁷, e os derivados *pucarada* ¹⁹⁸, *apucarada* ¹⁹⁹, *pucareiro* ²⁰⁰. Ao par dela existe *pucru* nos dialectos da Beira ²⁰¹, e *bucarejo* entre os antigos alentejanos ²⁰², de onde podemos abstrair *búcaro*. No país vizinho, onde o termo parece ter entrado pela raia, juntamente com os artefactos de Montemor, Estremoz, Évora, sem altera-

¹⁹⁶ Aí *pucarinhos* é nome genérico de todos quantos brinquinhos de barro aparecem na feira. — Devo alguns exemplares à gentileza do distinto arqueólogo Henrique Botelho.

¹⁹⁷ Entre *púcaro* e *púcara* havia em geral diferença de tamanho. Em Évora houve *púcaras d'água* na Idade Média; havia-as no século XVI, como se vê do *Inventário da Infanta D. Beatriz*, pela descrição de uma taça de prata dourada e lavrada, representando um caçador a beber em uma *púcara* ('*Provas*', vol. II, p. 448). Hoje há-as, pretas, em muitos pontos do País, p. ex. em Chaves.

¹⁹⁸ *Tomar uma pucarada inteira de caldo; beber de vez uma pucarada d'água.*

¹⁹⁹ Copos *apucarados* são munidos de asa a modo de púcaros.

²⁰⁰ Em Trás-os-Montes chamam sapos *pucareiros* a sapos muito inchados, como a rã do fabulador.

²⁰¹ Ouvi-o a uma mulher de Tondela e a outra de Celorico.

²⁰² O sufixo *-ejo* é depreciativo, como em *animalejo*, *lugarejo*, *percevejo*. — Nos opúsculos de Leite de Vasconcelos sobre os actuais falares alentejanos não descobri *búcaro*, bem a meu pesar.

ção de sentido, mas onde evoluciona posteriormente pelo modo exposto, adoptaram de preferência essa última forma ²⁰⁵, e criaram o diminutivo *bucarito*. De preferência, e não exclusivamente, pois M.^{me} d'Aulnoy ouviu e empregou tanto uma como outra ²⁰⁴. De Espanha *búcaro* passou à França, onde aparece intacto em livros relativos à Península ²⁰⁵, mas vestido à francesa ²⁰⁶ e às vezes estropiado em dicionários, que posteriormente serviram de modelo a outras nações ²⁰⁷. Na Itália nacionalizaram-no, porque o applicaram a objectos indígenas. O *búcchero* etrusco, *nero* e *rossastro*, chegou a fazer parte da terminologia arqueológica internacional. No latim medieval o termo não era usado ²⁰⁸.

Vimos a forma normal portuguesa documentada desde o século XIV, e podemos concluir que é tão velha

²⁰³ Cervantes empregou *bucaro* no 'D. Quixote', vol. II, cap. 32.

²⁰⁴ *Pucaro* no vol. II, p. 133; *bucaro*, ib., p. 143.

²⁰⁵ Estes livros devem ser a fonte onde um público aliás restrito hauriu a sua ciência, naturalmente muito incompleta. — O facto de M.^{me} d'Aulnoy ter dado aos barros de Portugal o título de *terra sigilada* (*sigelée*, vol. II, pp. 133, 143, e vol. III, p. 120; *cigelée*, vol. II, p. 102; *ciselée*, vol. II, p. 66) e de ele reaparecer em dicionários como os de Sachs, Michaëlis, Rigutini leva-me à suposição de que as *Cartas* foram consultadas pelo primeiro, que recolheu a palavra.

²⁰⁶ Littré e Larousse registam *bucaro*, *boucaro* e *bocaro*.

²⁰⁷ Nas definições e explicações, dadas pelos autores citados, encontro *bujaro* (!); em Sachs temos *bukáros*, forma reproduzida por Rigutini e H. Michaëlis (a tradução *Zuber* é inadequada). Em Tolhausen temos *bukara*, para variar.

²⁰⁸ Qualquer estudo cerâmico, quer alemão, quer inglês, ou Catálogo de museus arqueológicos pode ministrar exemplos. Sirva de amostra o último, que manuseei: *Museum of Fine Arts*, Boston, XXVIIIth Annual Report for the year 1903. A p. 63, temos um *Italo-Corinthian Bucchero*; a p. 64, um *Bucchero Oinochoë with trefoil mouth and nearly spherical body*.

como *cântaro*, *ola*, *ôlha* e *panela*²⁰⁹; a dialectal, antes de 1516; a castelhana indirectamente desde a conquista do México²¹⁰, directamente desde 1539, se bem que sòmente com relação a exemplares ocidentais, pertencentes a princesas portuguesas. Como nome de objectos vulgarizados em Espanha, apenas desde o ano indeterminado em que o monje de Talavera escreveu a história da sua cidade natal. A italiana, mal pode ter tomado corpo e alma antes do século XVI. Mas esta questão é uma das muitas a que não posso dar resposta sufficiente.

Para Castela iam de preferênciã búcaros de barro odorífero, que serviam para refrescar quartos, e, depois de quebrados, de guloseima e remédio às damas de gosto anormal ou depravado. Ouvindo chamar a esses indiferentemente *búcaros* e *barros* (sc. de Portugal, de Talavera, de Natá)²¹¹, o vulgo pseudoculto dos aficionados e dos coleccionadores estrangeiros identificou os dois termos, imaginando que o significado *argila* era o primitivo, e derivado o de *vaso*²¹². Tal concepção, errônea, que se acha claramente enunciada no opúsculo de Magalotti (e mesmo no título *Sulle terre*

²⁰⁹ Procurei-o debalde nas *Etimologias* de Santo Isidoro (Livro XXI 5, — *De vasis potatoriis*, e 6 — *De vasis vinariis et aquariis*) e no 'Glosário' de Du Cange-Henschel. Neste último há apenas *buccarum*, forminha de pão, derivado de *bucca* ('*Cônc. Hisp.*', IV, 361).

²¹⁰ Grijalva notou na expedição preparatória de 1518 a excelência da loiça de barro pintada em que comiam os caciques, segundo Peschel ('*Zeitalter der Entdeckungen*', p. 636), o qual remete a Las Casas, III, c. m.

²¹¹ «Il faut leur donner de ces *bucaros*, qu'elles nomment *barros*» (M.^{me} d'Aulnoy, II, 133).

²¹² Mesmo no campo cerâmico há exemplos de nomes próprios, que passaram a ser usados como apelativos. Na Galiza, p. ex., chamam hoje *talavera* a toda a faiança branca vulgar ('*Revista Gallega*', n.º 44). Em Portugal *sacavém* é termo correspondente.



«Asado»: Miranda do Corvo
(Beira Litoral)



«Bilha»: Nisa
(Alto Alentejo)



«Cantarinha das prendas»:
Guimarães (Minho)

odorose d'Europa e d'America dette volgarmente bucheri) originou a inversão dos sentidos pelos lexicógrafos²¹³, e algumas vezes a supressão completa do sentido primário²¹⁴, apesar de nenhum deles alegar trechos castelhanos em que seja possível substituir *búcaro* por *argila*, *terra*, ou de o traduzir por *Thon*, *Thonerde*, *Siegelerde*²¹⁵. Em harmonia com a doutrina propagada durante três séculos, escritores modernos, ao tratar de vasos de barro plástico, etruscos, saguntinos, sâmios ou gregos, não hesitam em empregar *búchero* como equivalente de *argila* ou *terra sigilata*²¹⁶.

A quase identidade formal e essencial de *púcaro*, *búcaro*, *búchero* e o que sabemos da história do artefacto, obriga a considerar as três variantes como uma só palavra. Teremos portanto de explicar a mais arcaica.

Várias etimologias foram propostas. Italianos modernos, ignorando a ordem dos acontecimentos e con-

²¹³ «Terre odorante rougeâtre dont on fait des vases à rafraichir» (Littre) — 1.º «Wohlrichende zur Herstellung von Gefässen verwendete Siegelerde»; 2.º «Gefäss aus solcher Erde» (Tolhausen). A maioria indica Portugal como pátria da argila. Littre até se insurge expressamente contra os que a derivam das Índias e não de Espanha. — Entre os que colocam na primeira plana dos significados o de *vaso*, há naturalmente vários que o fazem vir da América, p. ex. Séjournant, 'Nouveau Dict., Esp., Franç. et Latin' (1790): «Vase d'une terre rougeâtre extrêmement fine qui vient des Indes; *poculum americanum ex argilla odorifera confectum*» (Cf. Larousse). Escuso de repetir que a cor vermelha não é única em barros e búcaros portugueses: houve e há muitos centros de vasilhame preto, e alguns de vasos pardos, amarelos, brancos.

²¹⁴ Entre outros Salvá e Sachs.

²¹⁵ Temos de um lado loiça, vasos, púcaros, brinquinhos de barro (e respectivamente de porcelana, vidro, prata, etc.). Temos, pelo outro lado, barros, vasos, púcaros de Portugal, de Montemor, de Estremoz, etc., loiça da Índia (China), folha de Flandres, bacios de Pisa, vidros de Veneza, mas nunca loiça *de* búcaro, vasos *de* búcaro, nem tão pouco de *Púcaro* ou de *Búcaro*.

²¹⁶ No Catálogo citado temos a p. 64, *Kylix of heavy gray brown buchero*.

siderando *búchero* como nome antigo e original de certos vasos sâmios e gregos, procuram as suas raízes na terra clássica dos cântaros e das ânforas. Aquele que citei no princípio deste estudo, aponta *boúkeras*, isto é, ponta de boi, nome efectivamente de um vaso de beber (vinho), feito de uma ponta de boi, ou do feitio dela, e além disso um dos sobrenomes de Baco ²¹⁷. Digo mal; ele substitui-a pela variante *boú-karos*, voluntariosamente arranjada *ad hoc*.

Os Castelhanos, adversos a reconhecerem iniciativas portuguesas, e apreciadores entusiásticos dos búcaros vindos das suas conquistas ultramarinas, muitos dos quais eram feitos de propósito para vice reis do México, consideram a América central como pátria também do vocábulo, sem todavia entrar em pormenores. Os que reflectiram sobre o caso, procuraram, porventura, em *búcaro* um termo geográfico de qualquer região, especialmente rica em argilas plásticas ²¹⁸. Os estrangeiros, esses registam ora origens americanas, ora hispânicas, conforme as ideias, que professam a respeito do artefacto. Os Portugueses, muito embora não tivessem até hoje consciência da evolução e importância dos seus pucarinhos, não podiam nem podem de modo algum acreditar em origens americanas de um objecto ancestral, vulgaríssimo entre eles, séculos antes das expedições ul-

²¹⁷ Como *Búkero*, *Buceros*, *Bucère*, *Bucher*, o vocábulo grego tem ainda diversas aplicações em zoologia e botânica. — Entre os humanistas germânicos houve um *Kuhhorn*, que helenizou o seu nome, chamando-se *Bucero* (Butzer), seguindo o exemplo de *Schwarzerd* (*Melanchthon*).

²¹⁸ À cata de nomes, que se prestassem, encontro apenas *Bucaramanga*, *Bucuiromanga* (na Columbia) e *Bucareli* no México. — Note-se que há na Sicília um lugar chamado *Buccheri* e que os *bolcharos* da *Bokhara* asiática se chamam *búcaros* em castelhano e em português. Consonâncias casuais, é escusado assentá-lo.

tramarinas²¹⁹. Em teoria, podiam ter procurado nele um legado antiquíssimo de qualquer civilização anterior à romana, ou um vestígio quer germânico, quer árabe; mas com maior probabilidade de acertar uma parcela da importante herança greco-romana, na certa certeza de que todas as nações, que conquistaram Portugal, deixaram lembranças suas na nomenclatura cerâmica. Julgo, p. ex., que são pre-romanas as «de etimologia incerta» como o próprio *barro*²²⁰. *Pote* é germânico. Já falei dos numerosos e preciosos elementos árabes, como *alcatruz*, *alcarraza*. Da Grécia veio o *cântaro*. De Roma a *ola*, a *talha*, a *infusa*, o *cangirão*, a *tina*, a *cuba*, o *copo* e a *copa*²²¹.

²¹⁹ Com isso não quero dizer que do Ultramar não viesse contribuição alguma ao vocabulário e nenhum elemento novo à indústria dos oleiros. O *moringue* p. ex. passa por ser de importação transatlântica, quer do Brasil (Moraes, 7.^a ed.), quer da Índia Portuguesa (segundo Ramalho Ortigão). Não sei se com razão ou sem ela.— São dignas de atenção as vasilhas representadas no 'Catalogue of the Objects of Indian Art exhibited in the South-Kensington Museum' (Londres, 1874) a p. 200-215; e em 'Ausstellung Indischer Kunst-Gegenstände zu Berlin' de S. George Birdwood, trad. por J. W. Mollett.

²²⁰ Está por decidir se *barril*, *barrica* derivam de *barro*, como seguramente é o caso com *barranha*, *barranhão*, *Barroso*, *Barredo*, etc.

²²¹ Valia a pena escrever um estudo sobre a nomenclatura do vasilhame neo-latino. Mas quem tem o saber e a energia suficiente para tão vasta empresa, a não ser o autor de *Sichel und Säge*, *Sichel und Dolch*? Eis uma lista alfabética, necessariamente incompleta, de peças tradicionais de barro, fabricadas em Portugal, ora toscas, ora vidradas, ora cobertas interiormente com um induto de cera ou de pez, conforme o seu destino. A simples lista pode dar ideia da abundância de tipos existentes, e da importância do barro na indústria popular. *Acetre* (em geral de pau), *adobe*, *albarrada*, *albertinho*, *alberto*, *alcadefe*, *alcarraza*, *alcatruz*, *alcorça* *alguidar*, *alguidarinho*, *aljofaina*, *almarraxa*, *almofia*, *almotolia*, *almude*, *ancoreta*, *artesa* (em geral de pau), *asado*, *assador*, *assadeira*, *assobio*, *atanor*; *bacia*, *bacio*, *baldosa*, *balharim*, *banco*, *barranha*, *barranhão*, *barrica*, *barril* (ambos também de pau), *batega*, *bateia*, *bernagal* (ou *barnagal*), *bicheiro*, *bilha*, *botão*, *borracha*, *botija*, *braseiro*; *cabaça caçoila*, *caço*, *caçoleta*, *caldeira*, *caldeirão*, *campainha*, *candeia*, *candieiro*, *caneca*, *caneco*, *cangirão*, *cântara*, *cantarinha*, *cântaro*, *canta-*

Quanto a *púcaro*, a todos quantos se ocuparam das origens da língua portuguesa se apresentou sempre como óbvia e indiscutível, — desde os tempos de Lacerda pelo menos, — a derivação de *poculum*, a pesar das evidentes e numerosas irregularidades da formação²²².

Pertencendo ao antigo fundo herdado, como inegavelmente pertence, *poculum* deveria ter dado *pôgoo*, *pôgo*, isto é: *ô* passava para *ô*, como em *Roma*, *como*, *coroa*, *nome*, *amor*; *c* entre vogais abrandava para *g*; *l* intervocálico caía como em *perigo*, *bago*, *artigo*, *bestigo*. Partindo da variante rústica **poc'lum*, a resultante devia ser *pocho*, tal qual *macla* deu *ma[n]cha*, **faclo*, *facho*. Por isso, os antigos diziam que *púcaro* nascera «por corrupção», e os romanistas modernos²²³ confessam que as transformações são «difíceis de explicar». Especialmente a substituição de *ô* por *ũ*. Cornu, que a princípio hesitou, duvidoso²²⁴, tentou em seguida esclarecer de algum modo as irregularidades principais. Partindo da forma clássica, quis tornar provável a permutação

rinho, *cântaro-talheiro*, *cantil*, *castiçal*, *chocolateira*, *cobridor*, *cocho*, *copa*, *copeta*, *copo*, *corneta*, *covilhete*, *cucharrinho*, *cucharro*; *defumador*; *fer-rado*, *flauta*, *fogareiro*, *frigideira*, *funil*; *gamela*, *gamelinha*, *gral*; *infusa*, *infusinha*; *jarra*, *jarrinha*, *jarrinho*, *jarro*; *lambaz*, *lamparina*, *lucerna*; *malga*, *masseira*, (em geral de pau), *masseirão* (id.), *mealheiro*, *moringue*; *ola*; *panela*, *parra*, *pátera*, *pelangana* (ou *palangana*), *pia*, *picheiro*, *pichel*, *picho*, *pichorra*, *pingadeira*, *pinta*, *poço*, *porrão*, *pote*, *pratel*, *pratinho*, *prato*, *prato-teigo*, *púcara*, *pucarinha*, *pucarinho*, *púca-ro*; *quarta*, *quartinha*, *quartilho*, *quarto-quartola*; *rouxinol*; *salgadeira*, *sartã*, *sumicha*, *taberneira* (ou *teborneira*, *tiborneira*), *talha*, *tanor*, (*tenor*, *tinor*, v. *atanor*), *tarefa*, *tarro*, *teigo*, *telha* *telhão*, *tento*, *testo*, *tijela*, *tijolo*, *tina*, *torradeira*; *vasado*, *vieira*.

²²² Vid. Lacerda, Bluteau, Fonseca, Constâncio, Barbosa, e principalmente Coelho, 'Questões', p. 289, e 'Diccionario Etymológico', s. v.; J. Nunes, na 'Revista Lusitana', vol. III, p. 301; Cornu, 'Grundriss', § 24, 90, 129.

²²³ P. ex. Leite de Vasconcellos, na 'Revista Lusitana', vol. III, p. 301, nota.

²²⁴ Ao tratar da substituição de *o* por *u* diz: «wenn pöculum».



ANUNCIAÇÃO

Mestres do Paraíso

desusada da vogal tónica, alegando exemplos indiscutíveis como *dúzia, tudo, cuidado, testemunho, caramunha, outubro, escuso* ²²⁵; a permutação de *l* intervocálico por *r*, por assimilação da consoante à vogal imediata, como em *pendurar, povoar, búfaro, cómaro, lúparo, lírio, merencoria, frior*, ou (em outro parágrafo) por substituição integral do sufixo *-ulu* por *-aru*. Deixa contudo inexplicada a conservação extraordinária de *k* entre vogais.

Na suposição de que o que vale do artefacto, também deve valer do nome, e na fé de que artistas populares romanos fabricaram dos barros finos do Alentejo vasilhame para os peninsulares, à moda e pelos processos de Arezzo, os quais foram adptados pelos árabes (conquanto pouco a pouco os alterassem e aperfeiçoassem), procuro em *púcaro* um vocábulo latino, de feitio vulgar — *poclu* e não *poculu*, — modificado em boca dos árabes, cuja pronúncia peculiar se perpetuou nos dialectos neo-latinos populares do sul de Portugal. Assim se explicaria *u* por *õ*, — a não ser que *puclu* fosse trazido prontinho do sul da Itália por legionários e colonos ²²⁶. E também se explicaria *r* por *l* depois de consoante, como em *setr, assêter, acetre*, de *sitlu*, por *situlu* ²²⁷. Do mourisco *púkr*, ou do alentejano *pucru*, vivo na Beira, chegaríamos a *púcar* pela introdução do suarabacti-a (em vez de *e*, por causa do contacto com *r*); e, final-

²²⁵ Em lugar de *localis*, *u* é átono; está, portanto, nas mesmas condições como em *fugão, fugueira, jugar* (ortografia fonética) de *fogo, jogo*, etc.

²²⁶ Vid. Schuchardt, 'Vulgärlatein', II, 91 ss., 114 ss., 130 ss.

²²⁷ Se a formação fosse regular, dava *seldo*, respectivamente *sedoo, sedo*. A substituição de *l* por *r* depois de consoante é, de resto, tão vulgar em Portugal que não precisa de nova documentação.

mente, a *púcaro* pela analogia com dúzias de palavras esdrúxulas, cuja acentuação enfática é muito do agrado do vulgo meridional ²²⁸.

Embora sem rima em português (como *ámago* e outros proparoxítonos), o conjunto construtivo da palavra é, de facto, o mesmo de uma longa série de substantivos populares e em parte plebeus, na maioria de proveniência latina ou greco-latina, sem que faltem alguns célticos, hebráicos, árabes, germânicos ²²⁹.

²²⁸ Algumas em *-ar*, *-er*, *-or*, conservam-se intactas como *açúcar*, *alcáçar* (alcaçr), *aljófar*, *almíscar*, *ámbar*, conquanto em geral a pronúncia hesite muito. Ao par de *almíscar*, ouve-se *almiscre*, *almisque*, mas também *almiscaro*; ao par de *açúcar*, *açuqre*; ao português *nácar* corresponde *nacre* em galego (e francês), *nácario* em italiano; em lugar de *laere*, o vulgo diz *lácar*. O antigo nome de lugar *Lávar* transformou-se em *Lavre*, exactamente como *lébor* deu *lebre*. A forma arcaica subsiste no *jogo da leborinha* ou *laborinha*. Cf. *bacro*, *bácoro*, *bácaro*, de *bakr* por *backen* (germ.). Restrinjo-me no texto e nas Notas às formas portuguesas e galegas. Quanto às espanholas, remeto o leitor a um excelente estudo de D. Ramon Menendez Pidal sobre *Sufijos átonos en español*, publicado na '*Homenaje a Adolfo Mussafia*' (Halle, 1905).

²²⁹ Além dos sufixos átonos *-aro*, *-ava*, de que falo no texto, há outros populares, que em condições iguais conservam vitalidade criadora. Sem me referir a formações, como *óndia* por *onda*, *clúbio* por *club*, *piterábias* por *beterrabas*, notemos *-ado*, *-edo*, *-ido*, que ocorre não só em formas herdadas, como *figado*, *sábado*, *dívida*, *dúvida*, *abóbada*, (*abóbada*), mas também em outras modificadas, como *côvado* (*côvedo*, *côvodo*, de *cubitus*), e em adjectivos eruditos, como *dúlcido*, *mélido* ou derivações vulgares, como *figueda* (em lugar de *figa*, por influxo de *figado*), *impado* (gal.), no sentido de soluço, do vocábulo onomatopáico *hipo*, por analogia com *impetu*; e outras inexplicadas, como *cágueda* (termo cerâmico), *cágado*, cf. *cávado*, de *cadavus*; *-alo* ao par de *-el* em *sávalo*, *sável*; *-amo*, *-emo* em *bálsamo*, *básemo*; *álamo*, *álemo*; *cáñamo*; *páramo*; *préstamo* (por *empréstimo*); *-ulo* em *beterrábulas*; *-ego* em palavras herdadas, como *almáttega* (*dalmatica*), *cismáttego*, *étego*, *lôbrego*, *práttego*, *tísego*, *trópego*, *Tâmega*, e outras criadas de novo, como *báttega* (de *bater*), *hírtego* (de *hirto*); e em especial *-ão*, *-ãa*, que antigamente fôra bissilábico. Em geral, há ou houve duas formas, uma proparoxítona, outra paroxítona derivada. Ao par de *Cristóvão* (*Christophano* em vez de *Christophoro*) *Christôvo*, aparece *Estevão*, *Estevo* (de onde *Esteves*), *órfão* e *orfo*, *órgão* e *orgo*, *ourégão* e *ourego*, *rábão* e *rabo*, *Pedrógão* e *Pedrôgo*, *Nábão* e *Nabo*, *Sádão*

Em poucas formas como *Lázaro*, *cântaro*, *bácaro* *ásaro*, *-aro* é parte herdada. Em algumas, usadas só pelo vulgo, como *mísaro*, *númaro*, o sufixo novo substituiu *-ëro*, por assimilação da vogal à consoante; outras vezes — *-ôro*, em *fôsfaro*, *fôfaro* (a par de *fosfo*, *forfo*, *forfro*). Em várias, temos ampliação de *-ar*, *-er*, *-or*; a começar com *pássaro*, *pássara* (*passer*), *sôvaro* (*suber*), *chícharo* (*cicer*), *Césaro* (*Caeser*)²³⁰, *Vítaro* (*Victor*), *Fúcaro* (*Fugger*), *esguíçaro* (*Schwitzer*), *pífaro* (*phifer*), *ansarinho* de *ánsaro* (*anser*)²³¹, *túbaras* da terra (de *tuber*)²³², *Transtámara* por *Tras-támar* (*Tambre* em castelhano). Em muitas o suarabacti *-a* separa a muda da líquida; p. ex. em *cáncaro* por *cancro*, *escôparo* por *escopro* (de *scalprum*)²³³, *cóngaro* de *congro*, *mítara* por *mitra*, *fêvara* por *fevra* (*fibra*), *bêbara* ou *bêbera*²³⁴ (de *bifra*). Diversas vezes temos troca de sufixos: *-aro* por *-álu*, *-ïlu*, *-ülü*. Tanto no já citado *búfaro*,

e *Sado*. Sobre o mesmo tipo, mas ao invés, estão moldados *soto* e *sôtão*, *fêto* e *fétão*, *frango* e *frangão* com *franganito*, *franganinho*; *zângo* e *zangão*, *golfo* e *golfão*, *lôdo* e *lódão*, *acordo* e *acórdão*, *córrego* e *córgão*, *pinto* e *pintão* (de onde *pintainho*). A respeito destas formas e de *Faro*, *Farão*; *Zeila*, *Zeilão*; *Çoleima*, *Çoleimão*, vid. 'Revue Hispanique', vol. IX, p. 64 e 'Archeologo Português', vol. I, p. 84. Cf. *venta*, antigamente *ventãa*, *quinta* e *quintãa*, *saba* e *sabãa*, *campa* e *campãa*, de onde *campainha* e *campanaria*, *fontã* e *fontãa*, de onde *fontainha*.

²³⁰ Cf. *Zézaro* por *Zézare* (*Crisfal*, est. 36), *Zézere*. Entre os termos árabes, notemos *çáfaro*, *támara*, *sândalo* e talvez *máscara*; entre os germânicos *láparo* e *bácaro* (*bacoro*).

²³¹ Cf. *Patarinho*, apelativo e nome-próprio (*Patarão*) de **pátaro*, por *pato*; *tubarão* de *túbaro*, por *tubo*; e *camarão* de *cámara* (*gambarus*).

²³² Não devo tratar aqui do sufixo derivado *-arada* (*moscarada*, *chamarada*), nem tão pouco de *-areza*, *-aria*, *-areiro*.

²³³ *Scouparo* (a. 1360); vid. 'Arch. Port.', vol. VII, 265.

²³⁴ Na fonte de André de Resende (Quinta da Manisola, perto de Évora), o escultor da inscrição meteu *expectara* por *spectra* (forma que já brilha em outra do século VII, como provou Cornu § 247 dos seus

lúparo, *cômaro*²³⁵, como nos vulgarismos galegos: *túmamaro* (*túmalo*, *túmulo*); *trêmamaro* (*tremulus*); *nécáro* (de *bonecro*, *boneco*)²³⁶. É frequente também o acrescento eufónico de *-aro*, *-ara* a palavras, que são graves na linguagem culta. Colhi na boca do povo *sapo-côncharo* (de *concho*, *concha*) no sentido de tartaruga, cágado; *pólvaro*, de *pólvo* (*polypus*); *pássaras* (em *uvas pássaras*, por influxo dos *passarinhos*); *cáscaras* em vez de *cáscas*; *láscaras*, por *lascas*; *mílhares* por *milhas* (*mília*), ovas de peixe; *véspara* ou *abespra*, a par de *vespa* (*Wespe*), por influxo de *véspera* (*Vesper*); *lâmparas* (e *laparões*, *lamparões*) como designação de conchas *-lapas*, univalves; *lânchara*, *mártara*, *nísparo*, de *lanchara*, *marta*, *nispo* (carne de boi, da barriga da perna); *níjaro*, de *nijo* (*nidius*, *ninhago*); *Vítaro* por *Vito*, em *dança de S. Vítaro*, por confusão entre *Vito* e *Victor*. Nos dialectos de Trás-os-Montes temos: *nêngaro* (boneco), *bôlhara* (terra molle), *búsara* (pança); nos alentejanos: *púchara* (panela)²³⁷; e *lêsaro* (de *laesu*), no sentido de aleijado no idioma galego; *treítaras*, de *treitas* (*tractas*), *gálharas*, *páparo*, *xílgaro* (pintasilgo), *mômamaro*. Se isso

'Estudos de Língua Portuguesa'). — Nunca ouvi dizer *ásparo* por *aspro*, *áspero*; nem *côfaro*, por *cofre* (franc.); nem *xôfaro* ou *enzôfaro* por *enzôfre*, *enzôfrar*, *xufre*. Conheço, todavia, a engraçada cena que se passou entre dois estadistas portugueses, um dos quais quis jocosamente autorizar *enzôfar*, por causa de *açúcar*, enquanto o outro advogava os direitos de *açúcre*, baseando-se em *enzofre*. — Mafra era antigamente *Máfora*.

²³⁵ *Cômaro* ocorre em documentos muitos antigos (por exemplo 'Chartae', 256 e 282), e em provérbios populares como *Entre cômaro e cômaro não aigas o teu todo*.

²³⁶ Em *Braga* temos a substituição contrária. *Bragaa* está evidentemente por *Bracala*, por causa do *r* da primeira sílaba. Cf. *bravo* de *bárbaro*. Em *Lavãos*, de *Lavalos* (povoação perto da Figueira), *-alu* foi permutado contra *-anu* por causa do *l*-inicial. — Note-se ainda *orágaro* por *oráculo* ('Arch. Port.', III, 153).

²³⁷ Talvez contaminação do castelhano *puche*, *puchero* com *púcaro*?

não bastasse, podia citar ainda *láparo*, *pícaro*, *píncaro*, *gándara*, *tátaro* ²³⁸, *alviçaras*, *de cócaras*, *ás escáncaras*, e nomes de povos como *búcaro*, *búlgaro*, *eúscaro*, *húngaro*, *tártaro*, *hússaro* e o já citado *esguíçaro*.

Tratei em tempos da troca de *b* por *p*, em princípio de palavra no domínio português ²³⁹, alegando *bolor*, *balor* (de *pallore*), *bilro* (de *pyrulu*), *buir* (*polire*), *brunho* (*pruneus*), *bustela* (*pustilla*, de *pustula*), além de outros em que houve aférese de alguma vogal (*bispo*, *bôdega*, *bitafe*). Bom será notar agora que também deste fenómeno há exemplos no Alentejo, em nomes de lugar, de origem latina, modificados pela pronúncia de árabes e mozárabes, p. ex. em *Beja* (*Pax Julia*), *Badajoz* (*Pax Augusta*), *Alvalade* (*Palatium*) ²⁴⁰, mas não em castelhano. Também, sob este aspecto, a vinda dos búcaros do reino de Portugal para Espanha é muito provável.

Em grego sei apontar, a par de *búkeras* (*Trinkhorn*), mais dois vocábulos, de que poderiam ter derivado nomes neo-latinos de vasilhas, um tanto parecidos de *búcaro*. E são: *βυκάρη*, a que corresponde *buccinu* e *buccina* em latim, no sentido de trombeta de corno retorcido (de metal), e concha da forma igual; e *βύκαλις*, de que é costume tirar *bocal* (*buccalis*), *pocal*. Mas, como a pri-

²³⁸ Denominação onomatopaica do gago ou tatebitates.

²³⁹ *Miscellanea Caix-Canello e Fragmentos etymologicos*, em 'Revista Lusitana', I.

²⁴⁰ Temos *b* (em troca com *p*) em algumas palavras estrangeiras, pouco usadas, como *pachá* e *bachá*, *budim* e *puđim*. (Ignoro por que razão o galego diz *bescoço* em lugar de *pescoço*). Onde *p* surge em lugar de *b*, há sempre tendências onomatopaicas, como em *pufetada*, *puchecha*, ou contaminação de outra palavra, como em *peliscar* por *beliscar* (de *vellus* influído por *pelle*), *prasmar* (de *blasphemare*) por causa de *praga*.

meira tem representantes diversos em Portugal ²⁴¹, enquanto a segunda nunca foi popular ²⁴², *poculum*, na pronúncia *pukr*, fica por ora o étimo, que tem mais probabilidades de ser o verdadeiro pai de *púcaro*, *búcaro*, *búcchero* — *omne vas in quo bibendi et consuetudo*.

Todo e qualquer vaso de beber? A definição era exacta no tempo de Isidoro de Sevilha (sec. VII). Mas não o é na nossa era, em que copos, cálices e taças finas de cristal obrigaram os tradicionais vasos de terra a recolher-se a casas e cozinhas sombrias.

Nem mesmo que ourives de prata enfeitem os mais lisos e luzidios, os *púcaros* tornarão a reaver, ao lado das bilhas, em aparadores régios e principescos, o lugar de honra, que outrora ocupavam.



²⁴¹ Os representantes latinos, que cursavam evidentemente na Península, são: *buccina*, de onde vem o galego *buguina*; *bucīna*, de onde vem o cast. *boeina* e o port. *buzina* (antigamente *bozina*); *bucīnus*, que deu *búzio*.

²⁴² Apesar da afirmação de Körting, *bocal* não existe neste país no sentido de *Pokal*.

I.—POR ASUNTOS DE PARTES Y CAPITULOS:

a) — Partes e capítulos de las partes	100
— Duplicados de las partes e capítulos de las partes	101
— Duplicados de los capítulos de las partes	102
b) — Capítulos de las partes	103
— Capítulos de las partes	104

INDICES

I.—CONTENIDO: PAGINAS Y REFERENCIAS A VARIOS DEL
UNICO FABRICANTE, ETC.

Almanach: 10 (n. 22), 20 (n. 41), 34 (n. 120), 47, 74 (n. 144), 82 (n. 221).	44 (n. 120), 48, 60, 70, 82, 85, 86, 87 (n. 120), 88.
Almanach: 24 (n. 120), 83 (n. 221).	ARQUEOLOGICO PORTUGUES (17) — 13 (n. 14), 70 (n. 143), 81 (n. 219 + 220), 87 (n. 194), 88 (n. 274).
Almanach: 13.	ARCHIVO HISTORICO: 13 (n. 221).
Almanach: 14 (n. 120), 45, 67 (n. 143), 70 (n. 120), 82 (n. 221).	Asistencia (n. 1) — 1. 1.
Almanach: 15 (n. 120), 47, 80.	Asistencia: 13 (n. 221), 80 (n. 221).
Almanach: 16 (n. 120), 83 (n. 221).	Asistencia: 15 (n. 120), 80 (n. 221).
ALMANACH DE LISBOA: 10.	Asistencia e Inquisición: 17 (n. 120), 20 (n. 120), 22 (n. 120), 24 (n. 120), 40 (n. 221).
Almanach: 17 (n. 120), 74 (n. 120), 83.	Asistencia: 15, 87.
Almanach: 18, 33 (n. 221).	Asistencia: 17 (n. 120).
Almanach: 19 (n. 120), 70, 80.	Asistencia (n. 120): 13 (n. 120 + 221), 15 (n. 120), 17 (n. 120), 20 (n. 120).
Almanach: 20 (n. 120).	Asistencia: 15, 83 (n. 221).
Almanach: 21 (n. 120), 83, 85.	

1 — POR ASSUNTOS DE PARTES E CAPÍTULOS:

a) — Partes e capítulos encabeçados:

— *Explicação prévia* ... pág. 5

— *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal* » 9

b) — Capítulo não encabeçado:

— [Assuntos: locuções,

ditados, quadras populares, jogos e distrações, festas, considerações etimológicas e lexicográficas, acerca dos púcaros, especialmente, e de outras espécies cerâmicas.] (linguagem e folclore) pág. 75

2 — CERÁMICOS: PEÇAS E REFERÊNCIAS A VASOS, FABRICO, FABRICANTES, ETC.

Albarrada: 19 (n. 32), 30 (n. 64), 54 (n. 120), 57, 72 (n.º 184), 83 (n. 221).

Alcadeife: 54 (n. 120), 83 (n. 221).

Alcarrada: 17.

Alcarraza: 54 (n. 120), 66, 69 (n. 166), 70 (n. 170), 883 (n. 221).

Aletria (barro de —): 37, 40.

Alfarero: 54 (n.º 120).

Alguidar: 17, 54 (n. 120), 83 (n. 221).

Aljofaina: 54 (n. 120), 83 (n. 221).

'ALMANACH DE LISBOA': 45.

Almofia: 19 (n. 32), 54 (n. 120), 83.

Almude: 15, 83 (n. 221).

Ânfora: 55 (n. 122), 73, 82.

«*Aqualis*»: 72 (n. 177).

Árabes, Mouros e Mouriscos: 9, 16,

54, (n. 120), 66, 69, 70, 83, 85, 86, 87 (n. 230), 89.

'*ARCHEOLOGO PORTUGUÊS (O)*'—: 13 (n. 14), 70 (n. 169), 86 (n. 229 e 233), 87 (n. 233), 88 (n. 236).

'*ARCHIVO HISTORICO*': 19 (n. 33).

Aretinos (vasos —): 9.

Artesa: 13 (n. 14), 838 (n. 221).

Asado: 15, 16, 83 (n. 221).

Atanor e Atenor: 19 (n. 32), 20 (n. 38), 28 (n. 59), 54 (n. 120), 83 (221).

Aztecas: 53, 67.

Azulejo: 37 (n. 75).

Bacio (de púcaro): 19 (n. 32 e 34), 25 (n. 52), 30 (n. 64), 83 (n. 221).

Baldosa: 16, 83 (n. 221).

- Bandeira* (mesteiral): 15 (de Santa Justa e Rufina).
- Bandeja*: 42.
- Barnagal e Bernagal*: 19 (n. 32), 64 (n. 148), 83 (n. 221).
- Barranha e Barranhão*: 83 (n. 220 e 221).
- Barrica*: 83 (n. 220 e 221).
- Barril*: 6 (n. 14), 19 (n. 32), 83 (n. 220 e 221).
- Barrofagia*: 61.
- Bilha*: 7, 21, 83 (n. 221), 90.
- Bolo-arménico, Bolarménico* ou *Bolo-da-Arménia*: 61.
- Brincos e Brinquinhos*: 7, 10, 11, 36, 48 (n. 103), 63, 78 (n. 196), 81 (n. 215).
- Bucarejo*: 31 (n. 63), 78.
- Bucarito*: 12, 49, 51, 79.
- Búcaro*: 9, 10, 11, 12 (n. 12), 22 (n. 42 e 44), 35, 40, 44, 45 (n. 96), 47, 48 (n. 103), 49, 50, 51, 53, 64 (n. 151), 66 (n. 155), 67, 78, 79, 80, 81, 82, 89, 90.
- Bucarofagia*: 5, 10, 30, 31, 32, 40, 41, 43, 48, 49 (n. 107), 50, 52, 60 (n. 137), 61 (n. 138), 62, 63, 64, 65, 66, 80, 81 (n. 213).
- Bucaromania*: 49, 63, 67.
- Búchero*: 11, 79, 81, 82, 90.
- '*BULLETIN HISPANIQUE*': 6.
- Caçoleta e Caçolete*: 30, 53, 60, 62, 83 (n. 221). Vid. «púcaro-caçoletes».
- Caldeirão*: 16, 31 (n. 65), 83 (n. 221).
- '*CANCIONEIRO DA AJUDA*': 46 (n. 97).
- '*CANCIONEIRO DA VATICANA*': 14 (n. 15).
- '*CANCIONEIRO GERAL*' (Garcia de Resende): 28 (n. 59), 30 (n. 64), 31 (n. 65).
- Caneco e Caneca*: 13 (n. 14), 83 (n. 221).
- Cangirão*: 29, 83 (n. 221).
- Cantareira*: 25 (n. 52 e 53), 69 (n. 166), 70 (n. 170).
- Cantarinha*: 21, 46, 54 (n. 118), 73, 83 (n. 221).
- Cantarinho*: 46, 83 (n. 221).
- Cântaro*: 15, 16, 19 (n. 32), 20 (n. 38), 54, 55 (n. 123), 66, 68 (n. 164), 69 (n. 165), 70, 71 (n. 173), 80, 82, 83 (n. 221), 87.
- Casa da Índia*: 38.
- Cerada*: 25, 57 (n. 128).
- Cheiro* (do barro): 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 43, 47, 49, 81.
- Cóco*: 64 (150).
- Comal*: 45 (n. 61), 51 (n. 112), 53, 67.
- Conca*: 13 (n. 14), 14.
- Conqueiro*: 14.
- Contas* (de rosário): 61.
- Copa*: 19 (n. 32), 72 (n. 184), 83 (n. 221).
- Copo*: (de barro): 24, 29, 30 (n. 64), 42, 43, 56, 71 (n. 173), 72 (n. 183), 73, 83 (n. 221).
- Costumes* (municipais): 15 (n. 20), 67.
- «*Cráter*»: 72 (n. 176), 73.
- Cucharro*: 71 (n. 175), 83 (n. 221).
- «*Culullus*»: 72 (177).
- Cunca*: 13 (n. 14).
- «*Cyathus*»: 72 (n. 176), 73.
- Decoração*: 24, 32, 33, 34, 42, 45 (n. 96), 46, 48, 54, 57 (n. 129), 58, 59, 65, 68 (n. 160), 70 (n. 168), 74 (n. 186), 75.
- Ditados e anexins*: 76, 77 (n. 195).
- Doações e Dotes*: 14, 19.
- Dorna*: 13 (n. 14).
- Escaparate*: 10, 58 (n. 130).
- Escudela*: 13 (n. 114), 39 (n. 79).
- Esmalte*: 19.
- Estatuária*: vid. «Figuras».
- Etimologia*: 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90.
- Etruscos*: 68, 81.

- Faiança*: 6, 12, 37 (n. 74), 38, 59 (n. 131), 80 (n. 212).
Figuras: 36, 39 (n. 79), 42, 61, 70 (n. 168).
Floreira: 74.
Fonte: 59 (131).
Forais: 13, 14 (n. 15).
Fornos: 13, 37 (n. 73).
Gamela: 13 (n. 14).
Geófago: 52.
Gomil: 19 (n. 39), 57.
Gregos: 81, 82, 83.
Hispano-romanos: 55 (n. 122), 66.
Infusa: 15, 16, 54, 83 (n. 221).
Inventários: 19 (n. 32 e 33), 22, 66 (n. 155), 67 (n. 157), 78 (n. 197).
Jarra: 19 (n. 32), 50 (n. 108), 64, 66, 68 (n. 160), 69 (n. 165), 74, 83 (221).
Jarrinha: 37 (n. 74), 83 (n. 221).
Jarro: 21, 22, 29, 72 (n. 184), 83 (n. 221).
Jogos e Diversões populares: 77 (n. 194).
Ladrilho: 16.
Lexicografia: 3, 11, 12 (n. 11), 72, 81 (n. 213), 82, 83, 84.
Locuções: 75, 76.
Loiça amarela: 81 (n. 213).
Loiça branca: 30 (n. 64), 37 (n. 75), 65 (n. 154), 81 (n. 213).
Loiça empredada ou pedrada: 25, 26, 28 (n. 59), 29, 32, 33, 34, 59 (n. 132), 74.
«Loiça de pau» (com e sem aduelas): 13 (n. 14), 70 (n. 171).
Loiça pintada: 74.
Loiça preta: 10, 39 (n. 79), 68 (n. 160), 87 (n. 213).
Loiça verde: 30 (n. 64), 38 (n. 75).
Loiça vermelha: 10, 11, 37 (n. 151), 68 (n. 160 e 164), 81 (n. 213).
Loiça vidrada: 30 (n. 64), 37 (n. 75), 48 (n. 154), 68 (n. 160), 69 (n. 166).
Louçainhas: 32.
Lusitanos: 34, 55, 69.
Luso-Romanos: 9.
Maia (oleira) e *Maias* (família ou dinastia de oleiros): 36, 37, 38 (n. 77 e 78), 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 65, 74.
Maias (festas do 1.º de Maio): 47.
Masseira: 13 (n. 14), 83 (n. 221).
Meio-cântaro: 54 (n. 118).
Meio-púcaro: 16, 54 (n. 118).
Mesteirais: 15 (n. 21), 36, 37 (n. 75).
Moça de cântaro: 27, 28 (n. 59), 77 (n. 195).
Moça de tanor: 28 (n. 59).
Mosárabes: 9, 69, 88, 89.
MUSEU DAS JANELAS VERDES (M. de Arte Antiga): 69 (n. 166).
MUSEU ETNOLÓGICO (Belém): 70.
Natal (púcaros de mel, do Natal): 27 n. 58), 47.
'OCCIDENTE' (rev.): 38 (n. 76).
Ola: 14 (n. 15), 16, 19 (n. 32), 80, 83 (n. 221).
Olaria: 9, 13, 37 (n. 74), 39 (n. 79), 53, 71 (n. 174).
Olarias (Bairro das —) em Lisboa: 37 (n. 75), 40 (n. 82), 43, 44, 45 (n. 93), 53.
Oleiros: 13, 14, 15 (n. 21), 16 (n. 24), 37 (n. 75), 39, 40 (n. 81), 42, 54 (n. 120), 58, 73.
Olha: 80.
Panela: 14 (n. 15), 15, 16, 19 (n. 32), 25 (n. 52), 29, 72 (n. 183), 80, 83 (n. 221).
'PANORAMA': 20 (n. 37).
Pastilhas de barro: 60, 61, 62.

- Peças populares tradicionais*: 83 (n. 221). (Grande lista).
- Perfumadouros*: 30 (n. 64), 34, 57, 60, 62, 74.
- Pichel*: 19 (n. 32), 25 (n. 52), 30 (n. 64), 57, 83 (n. 221).
- Pipa*: 13 (n. 14).
- «*Poculum*»: 72 (n. 176 e 177), 73, 81 (n. 213), 83, 85, 90.
- Poa*: 52 (n. 114).
- Porcelanas*: 6, 10, 12, 21, 23, (n. 46), 29, 37 (n. 75), 39 (n. 80), 52, 57, 64 (n. 151), 71, 81 (n. 215).
- Posturas* (municipais): 13, 15, 16, 67.
- Pote*: 16, 19 (n. 32), 25 (n. 52), 28 (n. 59), 54, 70 (n. 170), 83 (n. 221).
- Pötinho*: 27 (n. 58).
- Pratel* (de levar púcaro): 19, 25, 83 (n. 221).
- Prato* (de púcaro): 42, 56 (n. 126), 774, 83 (n. 221).
- Púcara*: 29, 56, 78, 83 (n. 221), 88.
- Pucareiro*: 6, 78.
- Pucarinho*: 6, 16, 17, 21, 24, 26, 27 (n. 58), 28 (n. 59), 30 (n. 64), 37 (n. 73), 46, 54 (n. 118), 57, 61, 78, 82, 83 (n. 221).
- Púcaro*: 6, 10, 13, 15, 16, 17 (n. 28), 18, 19 (n. 33), 20, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38 (n. 77), 39 (n. 79), 40, 41, 42, 43, 44, (n. 91), 45, 46, 47, 53, 54 (n. 118), 55, 57 (n. 129), 58, 59 (n. 133), 60, 62, 65, 66, 71 (n. 173 e 175), 78, 79, 81 (n. 215), 83 (n. 221), 85, 86, 90.
- Púcaro-caçoleta*: 53, 60.
- Púcaro-colherão*: 72 (n. 183).
- Púcaro-copo*: 72 (n. 183).
- Púcaro-jarra*: 68 (n. 160).
- Púcaro-panela*: 72 (n. 183).
- Púcaro-taça*: 72 (n. 183).
- Púcru* (forma dialectal da Beira): 78, 85.
- Quadras populares* (da loiça): 76, 77.
- Quarta*: 41, 42, 46 (n. 100), 54 (n. 118), 57, 83 (n. 221).
- Quartinha*: 42, 43, 46 (n. 100), 54 (n. 118), 65, 83 (n. 221).
- Quarto*: 36, 83 (n. 221).
- «*Raspar*» e «*Roçar*» (a louça): 33, 45.
- ‘*REGIMENTO DOS OFICIOS*’: 37 (n. 75).
- ‘*REVISTA LUSITANA*’: 84 (n. 222 e 223), 89 (n. 239).
- Romanos*: 54, 69, 81, 83 85.
- Romão* (oleiro de Lisboa): 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 73.
- Sabor* (do barro): 30, 32, 43, 49, 53, 60.
- «*SACAVÉM*» (nome comum da faiança popular): 80 (n. 212).
- «*Seguntina*» (loiça): 68, 81.
- Salva de púcaro*: 19, 42, 58.
- Sâmia* (loiça): 9, 68, 81, 82.
- Santa Justa e Rufina* (padroeiras dos oleiros): 15, 54 (n. 120).
- Sartã e Sertã*: 17, 83 (n. 221).
- Selha*: 13 (n. 14).
- Sobrecopa*: 19, 58.
- Taça*: 19 (n. 32), 56, 57, 66, 68 (n. 164), 69 (n. 165), 73.
- Tacho*: 19 (n. 32).
- «*TALAVERA*» (nome comum da faiança popular em Espanha): 80 (n. 212). Cfr. com o voc. popular português «sacavém».
- Talha*: 16, 25, 28 (n. 59), 29, 53, 54 (n. 115), 55 (n. 123), 70 (n. 170 e 171), 71, 83 (n. 221).
- Talheiro* (oleiro de talhas): 16.
- Talhinha*: 28 (n. 59).
- Tanor, Tenor e Tinor*: 28 (n. 59), 83 (n. 221); Vid. «Atanor».
- Taxas* (municipais de Lisboa): 17 (n. 28).

- Telha e Telheiro*: 13, 14, 15, 16
(n. 24), 37 (n. 73), 55 (n. 124),
83 (n. 221).
- «*Terra-cotta*»: 12.
- «*Terra sigillata* e «*segilada*» («*ci-
selée*» e «*sigellée*»): 10, 11 (n. 7),
49 (n. 107), 61, 62 (n. 145), 66,
79 (n. 205), 81.
- Testamentos*: 14, 19.
- Testinho*: 28, 61, 77.
- Tijela*: 17, 25 (n. 52), 83 (n. 221).
- Tijolo*: 13, 16, 37 (n. 75), 83
(n. 221).
- «*Tinaja*»: 55 (n. 123), 66, 69
(n. 165).
- «*Tinajeria*»: 55 (n. 123), 66.
- «*Tinajero*»: 65.
- Tinha* (arc.): 55 (n. 123).
- Tonel*: 13 (n. 14), 19 (n. 32).
- ‘*TRADIÇÃO*’ (antiga revista de
Serpa): 71 (n. 175).
- «*Urceos*» e «*Urceolos*»: 33, 34, 72
(n. 177), 73.
- Vaso*: 14, 33, 58, 81 (n. 215).
- «*Vaso-de-beber-água*»: 5, 13, 32
(n. 67), 52, 71.
- Vinte e Quatro* (Casa dos —): 15.

3 — GEOGRÁFICOS: CENTROS OLEIROS E PROCEDÊNCIAS
DE MODELOS CERÁMICOS, ETC., MENCIONADOS NO
TEXTO:

- Alcácer do Sal*: 14.
- Alcobaça*: 14 (n. 17).
- Alenquer*: 17 (lenda da Rainha
Santa).
- Alentejo*: 22, 33, 36, 39 (n. 80),
66, 71, 75, 88, 89.
- Alfama* (Lisboa): 17, 25 (n. 53).
- Algarve*: 30 (n. 64), 39 (n. 80),
41, 54 (n. 119).
- Almada*: 14, 28 (n. 59).
- Almeirim*: 30 (n. 64).
- América*: 9, 10 (n. 2), 11 (n. 8),
12 (n. 10), 49 (n. 107 e 108),
81 (n. 215).
- América Central*: 64, 82.
- Andaluzia*: 54 (n. 120), 70 (n. 170).
- Andúzar* (Andaluzia): 12 (n. 10),
66, 70 (n. 168).
- Antilhas*: 52.
- Arezzo* (Itália): 53, 55 (n. 122),
68, 85.
- Austria*: 47, 67.
- Aveiro*: 34, 37, 54 (n. 119), 69
(n. 166).
- Badajoz*: 89.
- Baía*: 53.
- Barcelona*: 64.
- Barcelos*: 39 (n. 79).
- Beira* (provincia portuguesa): 54
(n. 119), 77 (n. 194), 78, 85.
- Beja*: 89.
- Belém* (Lisboa): 70.
- Berlim*: 29, 83 (n. 219).
- Bisalhães* (Vila Real): 7, 62, 77
(n. 196), 78.
- Blois*: 61 (n. 138).
- Boston*: 79 (n. 208).
- Braga*: 39 (n. 79), 88 (n. 236).
- Brasil*: 51, 52, 82 (n. 219).
- Cadalso* (Toledo): 64 (n. 148).
- Caldas da Rainha*: 37 (n. 74), 39
(n. 80), 53, 54, 68 (n. 160 e 163),
74.
- Campânia*: 11, 68.
- Castela*: 21, 22 (n. 44), 32 (n. 67),
36, 62 (n. 145), 63, 67, 68, 70
(n. 170), 80, 81, 82.
- Castro Marim*: 14 (n. 17).

- Celorigo*: 78 (n. 201).
Ceuta: 53.
Chaves: Vid. Vilar de Nantes: 78 (n. 197).
Chile e Santiago de Chile: 45 (n. 96), 53, 63, 67.
China: 37 (n. 75), 52, 81 (n. 215).
Cidade Rodrigo (Ciudad Rodrigo): 12, 22 (n. 42), 47, 66.
Coimbra: 15 (n. 20), 34, 69 (n. 166).
Congo: 52.
Córdova: 14 (n. 17), 66.
Douro: 40.
Entre-Douro-e-Minho: 35 (n. 72).
Espanha: 2, 14 (n. 17), 47, 49 (n. 107), 53, 54, (n. 120), 55 (n. 122), 66 (n. 155), 67, 70 (n. 170), 79, 80, 81 (n. 213), 86 (n. 228), 89.
Estremoz: 12, 20, 21 (n. 40), 22 (n. 41 e 44), 23, 25 (n. 54), 27, 29, 32, 34, 35, 36, 37 (n. 73), 38 (n. 77), 39, 40, 41, 43, 48, 53, 54, 57 (n. 129), 58, 61, 65, 67 (n. 159), 68 (n. 164), 69 (n. 166), 71 (n. 173), 74, 76, 81 (n. 215).
Évora: 16 (n. 23, 24, 25), 22 (n. 44), 34, 53, 54, 78.
Faro: 86 (n. 229).
Flandres: 24, 25 (n. 54), 47, 57 (n. 129), 81 (n. 215).
França: 47, 79.
Galiza: 11 (n. 7), 13 (n. 14), 80, 86 (n. 228), 88.
Goa: 26, 27.
Guadalazara (México): 51, 53, 63.
Guiana: 52.
Índia Portuguesa: 10, 12, 23 (n. 46), 26, 33, 34, 39 (n. 79 e 80), 42, 57, 64 (n. 150), 81 (n. 215), 82 (n. 219).
Índias (Ocidentais): 9, 10, 47, 50, 51, 53, 64 (n. 150), 81 (n. 213).
Itália: 36, 37, 47, 53, 64, 79, 85.
Jucatão: 50.
Japão: 37 (n. 75), 40 (n. 82).
Java: 52.
La Rambla: 12 (n. 10), 66, 70 (n. 168).
Leiria: 14 (n. 17).
Lisboa: 12, 14, 15 (n. 21), 17 (n. 28), 22, (n. 44), 23 (n. 48), 24, 27, 32, 33, 35, 36, 37 (n. 73 e 75), 38, 39, 40 (n. 82), 41 (n. 84), 42, 43, 44 (n. 92), 45 (n. 95), 46 (n. 100), 49 (n. 105) 54, 57 (n. 129), 61, 65, 69 (n. 166), 70 (n. 170).
Londres: 12, 68 (n. 160), 83 (n. 219).
Loulé: 54 (n. 119).
Madrid: 12 (n. 11), 23, 45 (n. 96), 48, 49, 57 (n. 129), 62, 63, 64, 65, 68, 74.
Mafra: 88 (n. 234).
Maia (n. geogr. port.): 38 (n. 78), 39.
Maias (povo americano): 53, 67.
Málaga: 66.
México: 9, 10, 11, 12, 50 (n. 109), 51, 52, 53, 56 (n. 126), 65, 66, 68, 80, 82.
Monforte: 14 (n. 17).
Montemor-o-Novo: 12, 22 (n. 41 e 44), 32, 33, 34, 35, 37, 54, 65, 78, 81 (n. 215).
Natá (México): 11, 51, 53, 63, 64, 66, (n. 155), 80.
Novo Mundo: 9, 50, 63.
Olivença: 34, 54 (n. 119).
Palmela: 14.
Pardo: 23.
Penacova: 15 (n. 19).
Peru: 53, 63.
Pisa: 81 (n. 215).
Pombal: 32, 37, 54 (n. 119).
Porto: 39 (n. 79), 69 (n. 166).
Prado: 35 (n. 72), 39 (n. 79 e 80), 54 (n. 119), 61 (n. 140), 70 (n. 168), 71 (n. 173).

- Quito*: 53, 63.
Roma: 36, 68.
Sacavém: 39 (n. 80).
Santarém: 14 (n. 17), 28 (n. 54),
 30 (n. 64), 39 (n. 80), 68.
Sardoal: 32, 34, 37, 54 (n. 119).
Sernancelhe: 14.
Serpa: 71 (n. 174 e 175).
Sevilha: 15, 39 (n. 80), 66.
Sèvres: 50 (n. 108).
Simancas: 22 (n. 43), 67 (n. 157).
Sião: 52.
Talavera: 12 (n. 10), 14 (n. 17),
 38 (n. 75), 39 (n. 79 e 80), 47,
 48 (n. 103), 60 (n. 136), 64
 (n. 151 e 152), 65 (n. 153 e 154),
 66 (n. 155), 68, 74, 80.
Tarazona: 15 (n. 21).
Tarragona: 55 (n. 122).
Tondela: 78 (n. 201).
Toscana: 55 (122).
Trás-os-Montes: 78 (n. 200), 88.
- Triana (Sevilha)*: 39 (n. 80), 54
 (n. 120), 66.
Ultramar: 47, 53, 65, 83 (n. 219),
Valência del Cid: 15 (n. 21).
Valhadolide: 70 (n. 170).
Veneza: 37 (n. 75), 64, 81 (n. 215).
Venezuela: 52.
Viana do Castelo: 54 (n. 119), 69
 (n. 166).
Viena: 57 (n. 129).
Vila Nova de Gaia: 39 (n. 79).
Vila Nova da Telha: 39 (n. 79).
Vila Real: 7, 62, 77, (n. 196), 78
 (Bissalhães e Vila Real).
Vila Verde: 39 (n. 79).
Vila Viçosa: 14 (n. 17).
Viseu: 54 (n. 119).
Vilar de Nantes (Chaves): 39
 (n. 79).
Xativa: 14 (n. 17), 66.
Zamora: 39 (n. 80).

4 — LITERÁRIOS: AUTORES, REVISTAS, ETC.; E PERSONAGENS INTERVENIENTES, CITADAS NO TEXTO, PARA ESTUDOS CERÁMICOS:

- Afonso de Albuquerque*: 52 (n. 113 e 114).
Afonso 5.º — D. —: 56 (n. 125), 67 (n. 159).
Afonso o Sábio: 14 (n. 15).
Alexandre Herculano: 20 (n. 37), 21 (n. 39).
Alfonso de Aljofrín, P.º —: 47.
Alfred Morel-Fatio: 6, 31, (n. 66), 47, 61 (n. 138).
A. Jaquemart: 53.
 'ALMANACH DE LISBOA': 45.
Andrés de Torrejon, Fr. —: 47, 60 (n. 136), 64 (n. 159), 66 (n. 155), 80.
Anselmo Braamcamp: 24 (n. 49). 69 (n. 167).
- António Caetano de Macedo, D. —*: 18 (n. 30), 19 (n. 32, 33, 34, 35), 21 (n. 40), 56 (n. 125), 59 (n. 131), 64 (n. 148), 67 (n. 159), 70 (n. 170), 78 (n. 197).
Antonio de Guevara: 64.
António Ribeiro de Vasconcelos: 17, 18 (n. 91).
António de Solis: 50, 51 (n. 110, 111) e 112), 56 (n. 126).
António de Sousa de Macedo: 76 (n. 191).
António de Vasconcelos: P.º —: 31 (n. 66), 34 (n. 70), 43, 57 (n. 127), 73.
António de Villas-Boas e Sampaio: 29 (n. 60).

- 'ARCHEOLOGO PORTUGUÊS (O)'*—: 13 (n. 14), 70 (n. 169), 86 (n. 229).
- Argensola*: 40.
- Aulnoy, M.^m d'*—: 10 (n. 3, 4, 5, 6), 11 (n. 7), 26, 32 (n. 67), 47, 48, 69 (n. 107), 57 (n. 129), 59, 63, 73, 79 (n. 205), 80 (n. 211).
- Bartolomeu dos Mártires, Fr.*—: (n. 79).
- Cardeal Alexandrino*: 20 (n. 37).
- Carlos 5.^o, Imperador*: 67.
- Carolina Michaëlis de Vasconcelos*: 5, 6.
- Carvalho, António Carvalho da da Costa*: 35 (71 e 72), 38 (n. 78).
- Conde de Nassau*: 22.
- Cristóvão Falcão*: 28 (n. 59).
- Cristóvão Rodrigues de Oliveira*: 37 (n. 75), 45 (n. 95).
- Damião de Góis*: 37 (n. 75).
- Dinis, D.*—: 17, 18 (n. 29), 56.
- Duarte Nunes de Leão*: 26, 31 (n. 65 e 66), 33 (n. 68), 37 (n. 75), 43, 56 (n. 125), 57 (n. 127).
- Duarte de Sande, P.^e*—: 37 (n. 75), 40 (n. 82).
- Du Cange-Henschel*: 80 (n. 209).
- Emílio Hubner*: 55 (n. 122), 68 (n. 161).
- Estrabão (lat. Strabo)*: 33, 34, 56 (n. 125).
- Filipe 2.^o, de Espanha*: 21, 22 (n. 44), 23 (n. 45), 57 (n. 129), 72 (n. 183).
- Filipe 3.^o*: 37 (n. 75).
- Filipe 4.^o*: 13 (n. 13).
- Francisco de Figueiredo*: 41, 44, 47, 63, 73, 74.
- Francisco da Fonseca Henriques*: 35.
- Francisco Manuel de Melo, D.*—: 40, 41 (n. 83), 44, 63, 76 (n. 189 e 190), 77 (n. 195).
- Francisco de Morais*: 6, 24 (n. 51), 25 (n. 54), 37 (n. 73), 40, 48.
- Gabriel Pereira*: 16 (n. 23, 24, 25 e 27).
- Gachard*: 73 (n. 45) e 46.
- Gallardo*: 48 (n. 104).
- Garcia de Resende*: 18 (n. 30), 28 (n. 59), 30 (n. 64), 31 (n. 66), 33 (n. 68), 60 (n. 135), 73.
- Garcilaso de La Vega*: 27.
- Gil Vicente*: 24 (n. 49), 25 (n. 52).
- Grão Vasco*: 5, 12, 69 (n. 166), 73 (n. 185).
- Grijalva*: 30 (n. 210).
- Gustavo de Matos Sequeira*: 6.
- Haller*: 76 (n. 192).
- Inocência da Silva*: 42 (n. 85).
- Isabel, D.*— (Imperatriz): 22, 57 (n. 129).
- Jacobo Sobieski*: 62 (n. 144).
- Jerónimo de Mendonça*: 20 (n. 36).
- João 1.^o, D.*—: 16 (n. 26), 53.
- João 2.^o, D.*—: 18 (n. 30), 19, 28 (n. 59), 68 (n. 163).
- João 3.^o, D.*—: 23, 57 (n. 129).
- João 5.^o, D.*—: 35.
- João Baptista de Castro*: 36, 39.
- João Baptista Venturini*: 20 (n. 37), 73.
- João de Portugal, D.* (Príncipe): 22.
- Joaquim de Vasconcelos*: 19 (n. 54), 37 (n. 74 e 75), 38 (n. 76), 68 (n. 163), 69 (n. 166).
- José Queirós*: 37 (n. 74), 68 (n. 164).
- Josefa de Óbidos*: 69 (n. 167).
- Júlio de Castilho*: 23 (n. 48), 44 (n. 92), 69 (n. 167).
- Justi*: 5 (n. 12).
- Las Casas*: 80 (n. 210).
- Leite de Vasconcelos, José*: 78 (n. 202), 84 (n. 223).
- Leonor de Portugal, D.*— (Infanta): 56 (n. 125).

- Lope de Vega*: 40, 55 (n. 90, 48, 74).
- Luís de Camões*: 26, 27 (n. 57), 28 (n. 59), 37, 40.
- Luís de Sousa, Fr.* — : 29 (n. 79).
- Lorenzo Magalotti, Conde* — : 10 (n. 2), 26, 31, 38, 39, 40, 44, 47, 57 (n. 129), 62 (n. 141), 63, 80.
- Maia, Domingos* — : 44, 45 (n. 93).
- Manuel 1.º, D.* — : 19 (n. 33, 34 e 35), 21, 22, 57 (n. 129), 67 (n. 159).
- Manuel Bernardes*: 29 (n. 63), 76 (n. 192).
- Manuel de Figueiredo*: 44 (n. 91), 73.
- Manuel Rico Sinobas*: 57 (n. 128).
- Manuel Severim de Faria*: 38 (n. 75), 65.
- Margarida de Valois*: 20.
- Marquês de Nisa*: 38.
- Martim Afonso de Miranda*: 23 (n. 47).
- Melchor de Santa Cruz*: 18 (n. 30).
- Miguel Bonelli*: 20.
- Montalvo, Duque de* — : 10.
- Murillo*: 69 (n. 165).
- Nicolau Lanckmann de Valckens-tein*: 56 (n. 125), 67 (n. 159).
- Nicolau de Oliveira*: 37 (n. 75).
- Oliveira Freire*: 15 (n. 21), 17 (n. 28), 38 (n. 75).
- Pedro 2.º, D.* — ; 49 (n.º 106).
- Pedro de Azevedo*: 40 (n. 82).
- Peschel*: 80 (n. 210).
- Portugaliae Monumenta Historica*: 14 (n. 16, 17 e 18), 14 (n. 20), 88 (n. 235).
- Quevedo*: 40.
- Rafael Bordalo Pinheiro*: 37 (n. 74), 61 (n. 140).
- Rainha D. Catarina*: 23 (n. 47).
- Rainha D. Isabel*: 17, 18 (n. 29).
- Rainha D. Leonor*: 37 (n. 74), 68 (n. 163).
- Ramón Menendez Pidal*: 86 (n. 228).
- Ramalho Ortigão*: 83 (n. 219).
- Ramos Coslho*: 38 (n.º 76).
- Riaño*: 12 (n. 10), 14 (n. 17), 46, 47, 48 (n. 103), 64 (n. 148), 66 (n. 155), 68 (n. 160 e 162).
- Rocha Peizoto*: 39 (n. 79).
- Rodrigues Lobo*: 28 (n. 59), 29 (n. 61).
- Rui de Pina*: 18 (n. 19).
- Santo Isidoro de Sevilha*: 80 (n. 209), 89.
- Schuchardt*: 85 (n. 226).
- Sebastião, D.* — : 20 (n. 36), 21, 73.
- Stork*: 26 (n. 55), 27 (n. 58).
- Strozzi, Marquesa de* — : 10 (n. 2).
- Suppico*: 18 (n. 30).
- Teophile Gautier*: 49, 50 (n. 108), 60 (n. 135), 62 (n. 143), 74.
- Tetzel*: 56 (n. 125).
- Tirso de Molina*: 40.
- Torres Naharro*: 55 (n. 123).
- Velasquez, Diego* — : 12 (n. 12), 13 (n. 13), 69 (n. 165), 73 (n. 185).
- Visconde de Juromenha*: 26 (n. 55).
- Viterbo, Santa Rosa de* — : 15 (n. 19), 52 (n. 114).
- Xavier da Cunha*: 27 (n. 56).
- Zambaldi*: 12 (n. 9).



GRAVURAS

Vasos <i>pré-históricos</i> (do Museu Etnológico, Lisboa)	6
Vasos de <i>tipo helénico</i> (Id.)	7
<i>Púcaros</i> : lusitano-romanos, medieval, e dos séc. XVII e XVIII (Id.)	32/A
<i>Púcaros</i> de Barcelos, Beja, Bisalhães, Estremoz, Lisboa, Loulé, Mafra, Nisa e Vilar de Nantes (Id. e do Museu de Arte Popular)	64/A
« <i>Asado</i> » de Miranda do Corvo, « <i>Bilha</i> » de Nisa, « <i>Cantarinha</i> das prendas» de Guimarães (Id. e id.)	80/A
« <i>Brinquinhos</i> » de Bisalhães (do Museu Etnológico)	32/A
<i>O Agadeiro de Sevilha</i> , por Velasquez	48/A
<i>A Anunciação</i> , pelo Mestre do Paraíso	84/A



COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-
GRAFIA DA EDITORIAL IMPÉRIO,
LDA., LISBOA, EM OUTUBRO DE
1957, PARA A REVISTA 'OCIDENTE'

S@
16905

